



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

JULIANA MARTINS SILVA



FOLIA DE REIS – Comunidade Cruzeiro dos Martírios Catalão (GO): identidades em transformação (1974-2012)

Chegada da Folia: Comunidade Cruzeiro dos Martírios – 2012.

**UBERLÂNDIA (MG)
2014**

JULIANA MARTINS SILVA

**FOLIA DE REIS – Comunidade Cruzeiro dos Martírios Catalão (GO):
identidades em transformação 1974-2012.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto sensu* em História da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História Social

Linha de Pesquisa: História e Cultura

Orientador: Prof^ª. Dr^º. Newton Dângelo.

**UBERLÂNDIA (MG)
2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- S586f Silva, Juliana Martins, 1989-
2014 Folia de Reis - Comunidade Cruzeiro dos Martírios Catalão / Juliana Martins Silva. -- 2014.
169 f. : il.
- Orientador: Newton Dângelo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.
1. História - Teses. 2. Folia de reis – Comunidade Cruzeiro dos Martírios (Catalão, GO) - Teses. 3. Festas populares – Catalão (GO) - Teses. 4. Catalão (GO) - Cultura popular - Teses. I. Dângelo, Newton. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

TERMO DE APROVAÇÃO

JULIANA MARTINS SILVA

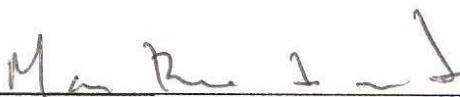
**FOLIA DE REIS – Comunidade Cruzeiro dos Martírios Catalão
(GO): identidades em transformação 1974-2012.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA



Professor Dr. Newton Dângelo
Orientador Presidente da Banca
Universidade Federal de Uberlândia – Campus Santa Mônica



Professora Drª Mara Regina do Nascimento
Membro Interno
Universidade Federal de Uberlândia – Campus Santa Mônica



Professor Drº. Ismar da Silva Costa
Membro Externo
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

**UBERLÂNDIA (MG)
2014**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por me amparar nos momentos difíceis e por não me abandonar mesmo nas horas mais incertas.

Aos moradores e amigos da Comunidade Cruzeiro dos Martírios que sempre me acolheram e me forneceram informações valiosas para a pesquisa.

À minha família, em especial meu pai, José Martins de Souza, minha mãe, Tereza Cardoso da Silva Souza. Às minhas irmãs Andriele Martins da Silva, Juniele Martins Silva, ao meu irmão Carlos Eduardo Gonçalves Cardoso e ao meu sobrinho Rian Gabriel Martins dos Santos.

Aos meus avós, que mesmo não estando mais ao meu lado foram fontes incríveis de conhecimento e contribuirão de forma enriquecedora na minha formação.

Ao Núcleo de Pesquisa em Cultura Popular, Imagem e Som (POPULIS). Pois, neste tive recursos e equipamentos disponíveis para a realização da pesquisa.

Ao meu orientador Prof^o Dr. Newton Dângelo pela contribuição e disponibilidade.

Aos professores da Banca Examinadora de Defesa Prof. Dr^o. Ismar da Silva Costa e Prof. Dr^a Mara Regina do Nascimento pela participação fundamental neste trabalho.

À FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, pela oportunidade de participar do seu Programa Institucional de Bolsas.

Aos funcionários da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica. Em especial os funcionários da Coordenação de Pós-Graduação Stênio Alves e Josiane Braga Soares pela atenção nos últimos dois anos.

A minha querida amiga Jaciely Soares que sempre me incentivou a continuar e a persistir diante das dificuldades.

Aos meus amados amigos que ficaram sempre do meu lado nos momentos de descontração e, principalmente, nos momentos de dificuldades.

Ó bondosos Santos Reis, ajudai-nos, amparai-nos, protegei-nos e iluminai-nos! Derramai vossas bênçãos sobre nossas humildes famílias, sobre a nossa Cidade, sobre nossa comunidade; pondo-nos debaixo de vossa proteção, da Virgem Maria, a Senhora da Glória, e São José. Nosso Senhor Jesus Cristo, o Menino do Presépio, seja sempre adorado e seguido por todos. Amém! (Oração a Santos Reis)

RESUMO

A religiosidade popular tem servido de arcabouço para muitas pesquisas sobre o mundo rural, nesse âmbito as festividades realizadas em torno da Folia de Reis têm revelado que uma prática religiosa é bem mais do que se vivência nos poucos dias de comemorações. Os indivíduos que a compõem possuem uma identidade e um ritmo de vida que vai muito além do que é apresentado nos dias de festa. A afirmação das identidades a partir do viés religioso pode apontar para grandes complexidades na formação social, sendo que cada indivíduo se relaciona de modo diferente com suas crenças. Isso porque a experiência religiosa implica a existência de forças muito particulares, pois ao rol de credulidade acrescentam-se muitas práticas individuais e a piedade destinada em relação a essas práticas. Nesse sentido, propõe-se compreender as principais questões ligadas a Folia de Reis realizada anualmente na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, no município de Catalão (GO), localizada aproximadamente 90 km da sede municipal e 20 km do Distrito de Santo Antônio do Rio Verde. A comunidade possui cerca de 70 residências e uma média de 200 moradores. Suas festividades religiosas passaram por muitas releituras nas três últimas décadas. Compreender o universo simbólico presente na Folia de Reis possibilita compreender a instituição de práticas culturais que estão vinculadas a tradições ligadas a determinados grupos, bem como perceber os diferentes lugares pelos quais ela circula. A Comunidade Cruzeiro dos Martírios nunca possuiu um grupo de foliões próprio com membros oriundos própria comunidade, no entanto o grupo de Foliões que era responsável pelo giro em toda a região de Santo Antônio do Rio Verde já eram personagens respeitados dentro da Comunidade. E as estratégias lançadas atualmente pelos moradores, após o fim desse grupo, merecem atenção. Bem como, as transformações vivenciadas no espaço comunitário, onde a festa é realizada.

Palavras-chave: Folia de Reis. Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Identidade. Sujeitos.

ABSTRACT

Popular piety has served as a framework for much research on the rural economy, in that context the festivities held around the Folia de Reis have revealed that a religious practice is much more than living in the few days of celebrations. Individuals who compose it have an identity and a pace of life that goes far beyond what is presented on feast days. The affirmation of identities from religious bias can point to great complexities in the social formation, each individual relate differently to their beliefs. That's because the religious experience implies the existence of very special forces, because the list of credulity are added many individual practices and piety aimed towards these practices. Accordingly, it is proposed to understand the main issues Folia de Reis held annually in Comunidade Cruzeiro dos Martírios, in the municipality of Catalão (GO), located approximately 90 km from the district headquarters and 20 km from the district of Santo Antônio do Rio Verde. The community has about 70 homes and an average of 200 residents. Their religious festivities gone through many readings over the past three decades. Understanding this in Folia de Reis symbolic universe allows us to understand the institution of cultural practices that are linked to traditions linked to particular groups as well as realize the different places through which it circulates. The Comunidade Cruzeiro dos Martírios never owned a group of revelers own members from the community, however the group of revelers who was responsible for turning in the whole region of Santo Antônio do Rio Verde was already respected characters within the Community. And the current strategies launched by the locals after the end of that group, deserve attention. Well as the changes experienced within the Community, where the party is held.

Word-key: Folia de Reis. Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Identity. Subject.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Localização da Comunidade Cruzeiro dos Martírios.....	
Foto 1	Igreja Deus é Amor.....	44
Foto 2	Comunidade Congregação Cristã no Brasil.....	44
Foto 3	Quadra de esporte decorada para Festa de Santos Reis.....	54
Foto 4	Quadra de esportes.....	54
Foto 5	Entrada da Comunidade.....	55
Foto 6	Centro Comunitário.....	55
Foto 7	Capela de São Sebastião.....	55
Foto 8	Cemitério.....	55
Foto 9	Chegada da Comunidade.....	59
Foto 10	Baile Noturno na festa dos produtores rurais.....	60
Foto 11	Altar da Festa em homenagem a Ns. da Abadia.....	61
Foto 12	A Folia e a sua composição.....	65
Foto 13	Membros do primeiro grupo de foliões.....	70
Foto 14	Altar da Saída.....	79
Foto 15	Passagem da Folia	84
Foto 16	O terço cantado abençoando a residência.....	85
Foto 17	Primeiro Arco.....	88
Foto 18	Saída dos foliões do Centro Comunitário.....	91
Foto 19	Altar utilizado na chegada da Folia.....	92
Foto 20	Missa de encerramento.....	93

Foto 21	Altar da igreja em dia de festa.....	94
Foto 22	Mesa da Goiabinha.....	95
Foto 23	Cantina da Quadra de esportes.....	98
Foto 24	Quadra de esportes decorada.....	98
Figura 2	<i>Folder</i> da Festa de 2011.....	106
Figura 3	Convite individual da Festa de 2011.....	109
Tabela 1	Patrocínios.....	110
Tabela 2	Patrocinadores dos Cartazes.....	113
Figura 4	Tabela de doações para reduzir as despesas.....	113
Tabela 3	Fechamento Financeiro.....	114
Figura 5	Tabela de preços do bar.....	119
Tabela 3	Ativos deixados na Comunidade.....	124
Tabela 4	Destinação dos Lucros.....	127
Figura 6	Ofício encaminhado a policia militar.....	131

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ECAD – Escritório Central de Arrecadação e Distribuição

EMBRATUR - Empresa Brasileira de Turismo

FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

IPHAN – (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)

KM – Quilômetros

PM – Polícia Militar

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro

POPULIS - Núcleo de Pesquisa em Cultura Popular, Imagem e Som

TV – Televisão

UFU – Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	4
1	I A COMUNIDADE CRUZEIRO DOS MARTÍRIOS CATALÃO-GO:	
	vivências e transformação.....	20
1.1	A formação da comunidade Cruzeiro dos Martírios.....	22
1.2	Comunidade e sujeitos.....	26
1.3	O cultivo da soja e seus impactos.....	29
1.4	A dinâmica religiosa local.....	26
1.5	A chegada de uma “nova” religião.....	37
1.6	A interação entre o “lugar” a festa.....	46
2	O ‘FAZER’ A FOLIA E O ‘SER’ FOLIÃO: o giro da Folia entre 1974-	
	2012.....	63
2.1	A formação do Grupo de Foliões na Região de Santo Antônio do Rio	
	Verde.....	67
2.2	A festa e seus momentos: a saída, o pouso e o giro.....	76
1.3	Novas estratégias para a Festa de Santos Reis.....	88
2.4	A folia e a construção do “sujeito”	97
3	A GRANDIOSA FESTA EM HOMENAGEM A SANTOS REIS.....	102
3.1	Festas de Roça: as comemorações religiosas no interior de Catalão (GO).....	104
3.2	Elementos conflitivos: a institucionalização da festa.....	120
3.3	Significados para o festejar	132
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
	REFERÊNCIAS.....	142
	ANEXO A	

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo central compreender os vários sentidos e significados da festividade em Homenagem aos Santos Reis, ou simplesmente, Folia de Reis, na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO). A escolha da temática deve-se às minhas próprias vivências, às minhas experiências em relação ao lugar onde constituí parte da minha identidade. As memórias narradas em muitas falas também remetem para as minhas próprias. Fui moradora da comunidade por muitos anos e apesar da distância e de conhecimentos adquiridos, “novas” identidades se não sobrepõem às mais antigas. Tentei evitar, porém, que sentimentos “bairristas” e nostálgicos se sobrepusessem na pesquisa. Talvez tenha conseguido. Mas ao tratar sobre identidades e memórias, muitas vezes me vi travando um embate interno em que me questionava: até onde vai a memória “do outro” e em que momento faço uso das minhas próprias lembranças.

O exercício de conhecer “o outro”, necessariamente implica em colocar-se no lugar dele. Aceitar seu universo, conhecer suas tramas, experimentar seus cheiros, suas cores, ouvir seus sons, vigiar suas condutas e decisões, e ainda em avaliar, sentir, representar o que esse universo permite aos seus¹. Mas esse universo em parte também já não foi o meu? Assim tive que lidar, por um lado, com dificuldades, com benefícios.

A partir da escolha do tema e dessas reflexões surgiram algumas indagações: como os sujeitos que ali residem tecem tramas e dão significados a elas a partir dessa tradição? De que modo eles se relacionam com as transformações ocorridas no lugar nas últimas décadas? E os embates, os conflitos, as resistências e as disputas têm dado novo caráter às manifestações religiosas da comunidade?

A Folia de Reis na Comunidade Cruzeiro dos Martírios vem passando por amplas (re)significações, à medida que a própria Comunidade vem se deparando com circunstâncias novas que têm acarretado muitas transformações em sua estrutura. Por exemplo, a festa religiosa que antes era de iniciativa local foi oficializada perante a Igreja Católica.

A Folia de Reis da Comunidade Cruzeiro dos Martírios revela que uma prática religiosa é bem mais do que se vivencia nos poucos dias de comemorações. Os indivíduos que a compõem possuem uma identidade e um ritmo de vida que vão muito

¹ SANTOS, Márcia Pereira. O outro imaginado: concepções ressentidas sobre o campo. In: OPSIS. In: **Revista do Niesc**: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais. Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Catalão (GO). Vol. 2, n. 2, jul/dez de 2002, p. 58-67.

além do que é apresentado na festa. Desse modo, é impossível ignorar a história de vida dos foliões e como eles se estabeleceram no lugar e foram aos poucos transformando não apenas suas práticas, mas também seu espaço. A partir de tal perspectiva discutimos a importância da religião na vida desses sujeitos sem, no entanto, abandonar as características sócio-econômicas e sócio-culturais da comunidade em que estão inseridos.

A religiosidade popular tem servido de arcabouço para muitas pesquisas sobre o mundo rural. Aqui ela é tida como patrimônio imaterial de determinadas comunidades e sua importância pode ser expressa tanto no que tange à estrutura social como também na assimilação de certas práticas². Para o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o patrimônio cultural imaterial abrange as expressões culturais e as tradições que um grupo de indivíduos preserva em homenagem à sua ancestralidade, para as gerações futuras. São exemplos de patrimônio imaterial: os saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, celebrações, as festas e danças populares, lendas, músicas, comidas, costumes e outras tradições³.

Fatores desse patrimônio cultural imaterial podem ser observados em diversos momentos da vida cotidiana dos moradores: seja na construção de altares dentro das casas, seja nas crenças e rezas para curar “quebranto” ou no uso de remédios naturais, que antes eram uma das poucas alternativas para se tratar de doenças.

Todos esses elementos e rituais passaram por releituras consideráveis nos últimos anos ou até mesmo deixaram de estar presentes no cotidiano dos moradores rurais, contudo ainda são fortes constituintes do caráter cultural e social da comunidade. As manifestações religiosas locais estão calcadas em lembranças, acontecimentos e em um universo de vida marcado pelas relações entre o trabalho na terra com a família, constituindo uma cultura que conta com eventos próprios associados à memória de seus indivíduos e de seus modos de sobrevivência⁴.

A Comunidade Cruzeiro dos Martírios está situada na parte nordeste do município de Catalão (GO), distante aproximadamente 90 km da sede municipal e 20 km do Distrito de Santo Antônio do Rio Verde. No mapa a seguir verifica-se a localização da Comunidade no município de Catalão.

² NORA, Pierre. Entre a Memória e História. In: A problemática dos lugares. Trad: Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**, São Paulo, 1993.

³ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>. Acesso em: 06 de jan. de 2014.

⁴ SILVA, Juniele Martins. **Agricultura familiar e territorialidade**: as comunidades Cruzeiro dos Martírios e Paulistas no município de Catalão (GO). Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2011, 171 f.

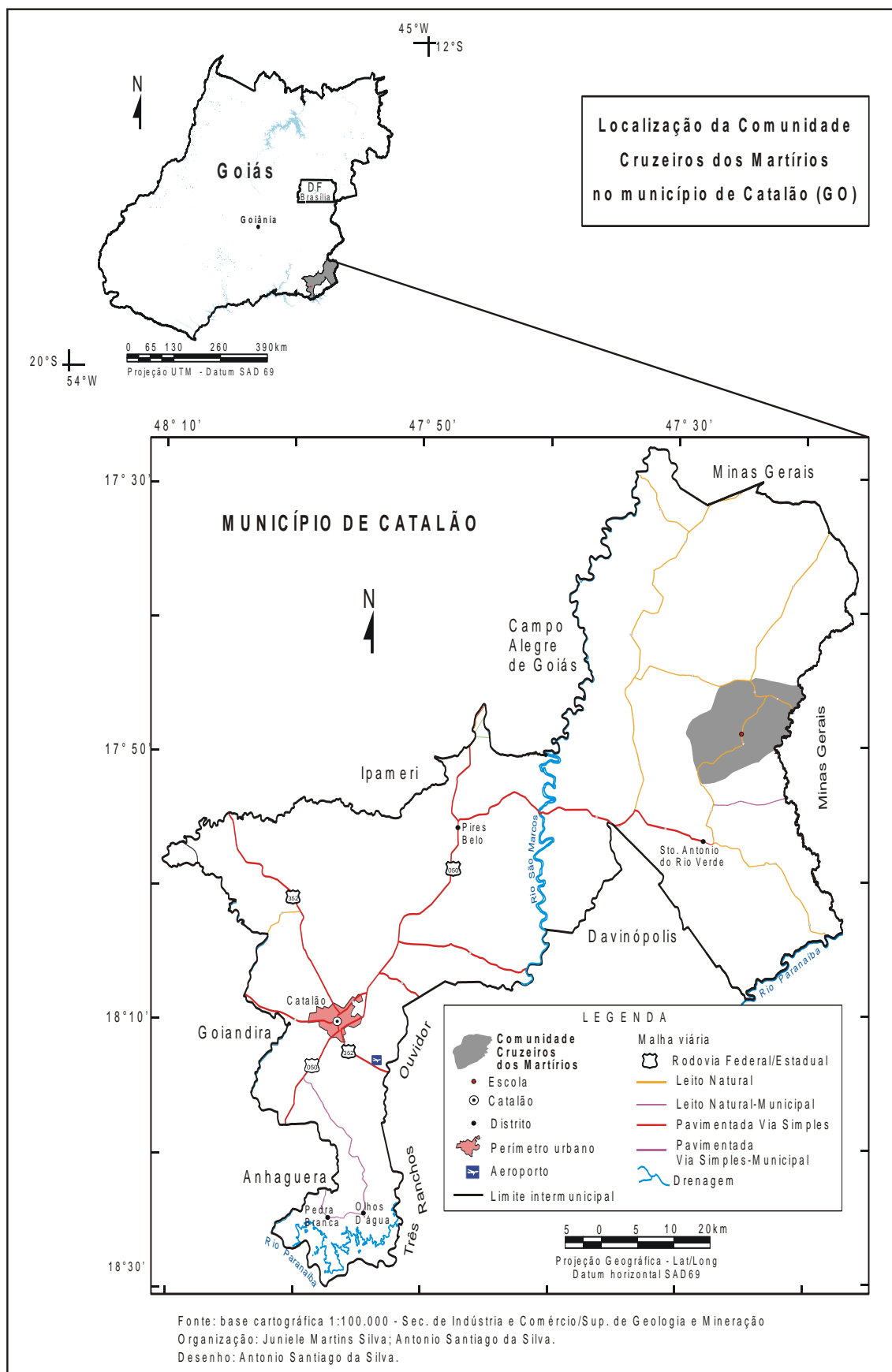


Figura 1 - Localização da comunidade Cruzeiro dos Martírios no município de Catalão (GO) - 2008.

De acordo, com dados cedidos pela agente de saúde da comunidade Maria Aparecida Pereira Assunção, atualmente há na região cerca de 70 residências e uma média de 200 moradores. É uma das comunidades rurais mais distantes da cidade de Catalão. E talvez seja devido a isso que, na Folia, recebe menos visitantes se comparada com festas de outras comunidades rurais do município que contam com enorme participação de moradores urbanos.

Não é possível estabelecer um período exato para a fundação da comunidade. No entanto, o que se sabe é que esta recebeu o nome “Martírios” devido ao ribeirão que cruza parte do seu território. Posteriormente, o nome recebeu o acréscimo de “Cruzeiro” devido a uma cruz erguida próximo ao centro comunitário e ao cemitério da comunidade, uma característica da religiosidade e dos costumes das famílias que ali viviam naquele momento. Os Cruzeiros eram símbolos comuns em comunidades rurais do século XIX e XX, representavam a ocupação do espaço, de acordo, com os valores morais ligados à religiosidade católica⁵.

A constituição histórica da comunidade em estudo certamente está relacionada com os processos de identificação dos moradores com suas práticas e com o lugar ao qual pertencem. Um universo simbólico marcado por relações de troca e solidariedade entre os indivíduos, o compartilhamento de memórias e experiências e uma cultura carregada por eventos próprios e particulares que fizeram e fazem parte desta história.

Contudo, não há documentos oficiais que mencionem organizações ou o início de pequenas ocupações na zona rural do município de Catalão (GO). Como muitos anos já se passaram, esse evento já não pode mais ser relatado de forma direta em entrevistas, havendo nelas apenas menções indiretas de histórias contadas por pais ou avôs dos moradores. O cruzeiro que dá nome à comunidade ainda está localizado no cemitério comunitário e segundo relatos foi colocado ali por volta de 70 a 100 anos atrás⁶.

A imprecisão de datas e a falta de documentos escritos também dificultaram de certo modo o estabelecimento de um recorte temporal preciso acerca da Folia de Reis, porém ficou estabelecido um período que se inicia entre os meados da década de 1970 (período mencionado nas entrevistas para a formação do primeiro grupo de foliões

⁵ ANDRADE, Rodrigo Borges de. Práticas sócio-culturais e religiosas: elementos constituintes do lugar. In: ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Orgs.). **Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Vieira, 2008, p. 166-203.

⁶ Informação verbal: José Martins de Souza. Entrevista realizada em Catalão (GO), maio/2013. Duração 56 min.

que realizava o giro na Comunidade Cruzeiro dos Martírios) e vai até o ano de 2012, quando ocorreu a última Festa em Homenagem aos Santos Reis na comunidade.

Nesse período ocorreram transformações sócio-econômicas consideráveis em todo o município de Catalão (GO) que, conseqüentemente, interferiram nas práticas religiosas e sócio-culturais do local. Boa parte dessas transformações foi sentida com maior ênfase entre as décadas de 1980 e 1990. Na Comunidade Cruzeiro dos Martírios houve impactos no âmbito físico, estrutural e visual da comunidade, além de no seu caráter cultural.

Destacam-se entre essas transformações no espaço físico da comunidade a construção de novas moradias, do Centro Comunitário, que por muitos anos abrigou as práticas religiosas do local, da quadra de esportes, da Capela de São Sebastião (padroeiro da Comunidade), que começou a ser construída em 2001, e a chegada de igrejas neopentecostais no final da década de 1990, entre elas: Igreja Pentecostal Deus é Amor e Igreja Mundial.

Existem muitos estudos sobre o catolicismo popular, sobretudo aquele de cunho propriamente rural. Contudo, em relação ao protestantismo rural o número de pesquisas é bem menor. Ainda há estudiosos que não consideram o fenômeno protestante no meio rural como uma transformação importante da cultura popular⁷. Na Comunidade Cruzeiro dos Martírios a inserção do protestantismo interferiu e modificou de forma significativa os costumes e hábitos, inclusive, de convivência.

Entretanto, a inserção do protestantismo não é a única transformação ocorrida na comunidade. Nas últimas décadas fatos de cunho sócio-econômico, principalmente, a chegada da sojicultora no Cruzeiro dos Martírios, em finais da década de 1980, provocaram mudanças enormes no lugar.

A chegada dos grandes produtores de grãos na região levou à implantação tecnológica nos meios de produção, alterou os laços de compadrio entre os moradores, provocou uma ruptura na forma de trabalho (baseada na produção de subsistência) e afetou as práticas religiosas e até as afetivas que passaram a ter seu calendário e sua lógica de execução ditada pelas novas atividades econômicas⁸.

Apesar de haver um fato de destaque, como a Folia, a religiosidade pode se manifestar a partir de diferentes formas de expressão e que constituem um elemento

⁷ RIBEIRO, Lídice Meyer Pinto. **Mapeamento do protestantismo rural no lençol de cultura caipira brasileiro**. CADERNOS CERU, série 2, v. 19, n. 2, dezembro de 2008

⁸ SOUZA DIB, Jaqueline. **O Mar Verde no Sudeste Goiano: a região de Santo Antônio do Rio Verde**. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 2001, 82 f.

identificador dos traços culturais e da organização social, como na Comunidade Cruzeiro dos Martírios. São diversas práticas, que aqui não devem ser relegadas a um segundo plano, tais como os modos de vestir, de comer, os remédios, os modos de plantar, de cultivar e colher, também os modos de nomear e categorizar os elementos da natureza⁹. E outros tantos, observados ao longo desta pesquisa.

Por ser um fenômeno tão amplo abandona-se aqui sua definição singular em favor de uma definição plural: religiosidades. E religiosidades populares porque trata-se aqui do que vêm do povo, de suas manifestações ligadas ao sagrado, de suas práticas de cura, de devoção, de celebração, por oposição ao que é oficial, ao que vem da Igreja. Contudo, também é importante diferenciar religião de religiosidade¹⁰. Quando se trata de religião fala-se da hierarquia eclesiástica, dos dogmas e prescrições de uma instituição milenar. Quando se fala de religiosidade, apesar de não se tratar especificamente do que é popular, fala-se de manifestações mais espontâneas, de sentimentos do sagrado e de suas expressões mais relacionados à cultura do que a uma instituição específica.

Contudo, se há diferenças entre religião e religiosidade há também relações entre elas, que podem aproximá-las ou distanciá-las. A religião é definida por Bourdieu (1998) como parte de uma “estrutura estruturante” formada por sistemas simbólicos, agindo como instrumento de conhecimento, de construção e de comunicação do mundo dos objetos de forma simbólica. Por isso, a religião tem poder de integração social, ou seja, tem a função de integrar e incluir o indivíduo num determinado grupo social ou na sociedade de uma maneira geral¹¹.

A criação do mito, da religião, da linguagem, da arte, da história se dá através de símbolos, que realizam o indivíduo enquanto ser humano e o inserem no mundo a partir de significados baseados em experiências ocorridos dentro de uma estrutura social e cultural. Por conseguinte, o símbolo surge como uma das formas de relação do homem com o mundo. Ele permite a análise da relação entre presente e passado além de uma conjugação entre o visível e o invisível presentes em uma sociedade. Mas, um símbolo não tem existência real, não participa do mundo físico; na

⁹ PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares**: léxico e cultura no vernáculo catalano. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara 2007. 521 f

¹⁰ NASCIMENTO, Mara Regina do. **Religiosidade e cultura popular**: catolicismo, irmandades e tradições em movimento. Revista da Católica, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 119-130, 2009. Disponível em: <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/09-HISTORIA-01.pdf> Acesso em: 24 de out. de 2013.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. “Sobre o poder simbólico”. In: **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1998. p. 7-15.

verdade, ele tem apenas um sentido, porque há uma distinção entre o real e o possível/ideal¹².

O símbolo, entretanto, é constitutivo da realidade porque constitui o pensamento humano. Então, em vez de dizer que o intelecto precisa de “imagens”, dever-se-ia dizer que precisa de símbolos, pois o conhecimento humano é, por sua própria natureza, um conhecimento simbólico¹³.

O pensamento simbólico é consubstancial a todo ser humano e precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da *psique*, eles respondem a uma necessidade e exercem uma função¹⁴. Por conseguinte, seu estudo nos permite conhecer melhor o homem, pois cada ser histórico transporta consigo uma grande parte da experiência humana, em forma de símbolos que pode ser expressa na religião e/ou na religiosidade.

Sendo assim a religião e a religiosidade se insere em um sistema simbólico do qual deriva uma estrutura que tem funções sociais como a de incluir e excluir membros, a de afirmação da identidade e a de dar significado para a vida social. A religião e a religiosidade contribuem para dar sentido à existência num mundo marcado pelo processo de desencantamento, fruto da secularização que dissolve o pensamento mágico¹⁵.

A afirmação das identidades a partir do viés religioso pode apontar para grandes complexidades na formação social, porque cada indivíduo se relaciona de modo diferente com suas crenças. As identidades não devem ser vistas como imutáveis ou invariáveis ao longo do tempo, pois elas são construídas, desconstruídas e reconstruídas através do tempo. Ou seja, sofrem alterações no tempo histórico e no lugar de maneira relacional. Assim, a identidade necessita ser entendida não somente como um estado, mas também e, sobretudo, como um processo de reconhecimento de si e de diferenciação com o outro¹⁶.

A experiência religiosa implica a existência de fatos muito particulares, pois ao rol da credulidade acrescentam-se muitas práticas individuais e a piedade em relação

¹² CASSIRER, Ernst. **Filosofia das formas simbólicas I**. A Linguagem. Fondo de Cultura Económica: México, 1994.

¹³ Id., 1994, p. 141.

¹⁴ ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

¹⁵ Id. 1998, p. 7.

¹⁶ HALL, Stuart. **A Identidade na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11a ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

a essas práticas¹⁷. E também não se deve esquecer que na experiência religiosa há a persistência de antigas heranças, ou na sua negação, pois o conjunto das características que permitem falar em religião no mundo rural está estreitamente ligado ao respectivo lugar de reprodução. No caso de dar-se a negação dessas heranças, geralmente é por fatos novos e que vêm elementos externos ao lugar.

A análise da religiosidade popular permite compreender economias, políticas, hierarquias e laços sociais em diferentes sociedades e contextos históricos específicos. Entretanto, o termo popular remete a algo original, genuíno, puro e essencialmente do povo, embora seja de extrema dificuldade defini-lo¹⁸.

A religião dos sujeitos nas zonas rurais de tradição católica é, em grande parte, resultante de dois elementos igualmente fortes: uma aceitação sincera da religião em que nasceram e foram criados e uma superstição praticamente inconsciente. Do mesmo modo que os ritmos de trabalho, os modos vida, o cotidiano estão subordinados aos desígnios das forças naturais: ao sol e à chuva, ao dia e à noite, ao calor e ao frio, à sucessão cíclica, mas sempre diversa, das estações —, desígnios tanto mais insondáveis e incontrolláveis quanto menores forem os recursos tecnológicos disponíveis¹⁹, a vida está subordinada aos desígnios de Deus, ao qual o homem se liga através da experiência religiosa, o que está na própria origem da palavra “religião”, que vem de *religare*, religar a Deus.

Tradição, conforme Hobsbawn (1997), não é necessariamente uma coisa antiga. Muitas vezes tradições que parecem ou são consideradas como antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição. É obvio que nem todas as tradições, antigas ou novas, inventadas ou não, perduram indefinida e imutavelmente no tempo, mas o objetivo primordial do historiador não é estudar suas chances de sobrevivência, mas sim o modo como elas surgiram e se estabeleceram²⁰.

¹⁷ ALMEIDA, João Ferreira de. **Párocos, agricultores e a cidade**: dimensões da religiosidade rural. *Análise Social*, vol. XXIII (96), 1987-2.º, 229-240. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223486239S3nDB5jb0Kp63PT1.pdf>

¹⁸ NASCIMENTO, Mara Regina do. **Religiosidade e cultura popular**: catolicismo, irmandades e tradições em movimento. *Revista da Católica*, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 119-130, 2009. Disponível em: <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/09-HISTORIA-01.pdf> Acesso em: 24 de out. de 2013

¹⁹ ALMEIDA, João Ferreira de. **Párocos, agricultores e a cidade**: dimensões da religiosidade rural. *Análise Social*, vol. XXIII (96), 1987-2.º, 229-240. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223486239S3nDB5jb0Kp63PT1.pdf>

²⁰ HOBBSBAWN, Eric. Introdução. In: **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

As tradições também são práticas culturais que podem desaparecer e transformar no meio rural, onde os desaparecimentos e transformações parecem ser mais sentidos. Nesse sentido, as “traições” e os mutirões, as promessas ao pé da cruz, os terços cantados, as festas de santos, os desafios, os forrós, a encomendação das almas, as parteiras, os tecidos tramados no tear, as brolhas, os pontos cruz, os potes d’água, os monjolos, a feitura de sabão em tachos, as farinhas, as quitandas nos fornos de barro dispostos no quintal e tantas outras imagens presentes no cotidiano rural de até poucas décadas atrás, perduram, na maior das vezes, apenas na memória daqueles que as vivenciaram como experiências concretas de vida²¹.

E em torno do conceito de memória ou problemas conceituais que muitos autores têm debatido sem chegarem, porém, a um consenso. Aqui se ressalta a “memória coletiva”, mas não enfatizando sua seletividade, e, sim, tratando-a a partir de um processo de negociação²², conciliando, dessa forma, a memória coletiva e as memórias individuais.

Porém, ainda há um caráter potencialmente problemático da memória coletiva que é o tratamento que se dá a suas características individuais. Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias²³.

São infindáveis os debates teóricos acerca do uso da memória pela História, que não são antagônicas, mas, complementares. De qualquer forma, é necessária uma melhor compreensão da memória tão cara ao ofício do historiador. História e memória estão longe de serem sinônimos. A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente transformação, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações²⁴.

Não seria possível escapar aqui, às discussões sobre cultura e cultura popular, arcabouço para a análise acerca da mobilidade das práticas e representações

²¹ MACHADO, Maria Clara Tomaz. **(Re)significações culturais no mundo rural mineiro: o carro de boi — do trabalho ao festar (1950-2000)**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 25-45 – 2006.

²² HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Vertice, 1990.

²³ POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

²⁴ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

verificadas na Comunidade Cruzeiro dos Martírios. É importante, para a compreensão que se pretende alcançar, o debate que se estabeleceu com vigor em torno da polissemia do conceito de cultura que assinala para a necessidade de considerar que povos e contextos históricos não são unidos por características meramente genéticas ou biológicas, mas, sim por costumes, práticas e identidades socialmente construídas.

Assim nos últimos anos a historiografia foi tomada por novos paradigmas e, conseqüentemente, passou a se preocupar com novos conceitos e objetos de pesquisa. Surgiram trabalhos referentes a gênero, minorias étnicas e religiosas, hábitos e costumes, incorporando metodologias e conceitos interdisciplinares²⁵. Assim, a expressão cultura adquiriu uma interpretação relacionada a situações cotidianas, que em outras leituras historiográficas ganhavam significados por meio do conceito de sociedade²⁶.

Até meados do século XX, considerava-se que uma cultura fosse única a toda uma sociedade. No entanto, a partir da teoria cultural de historiadores marxistas, com destaque aqui, para as obras de Williams (1979) e Thompson (1998) o termo cultura, por ter se tornado muito abrangente, passa a ser substituído por “culturas” no plural. A partir de então, a cultura passa a ser considerada uma simbiose de elementos e diversificada de acordo com sua localização histórica e geográfica.

A partir dessa proposição, é um risco tentar compreender determinada cultura sem levar em consideração o seu conjunto de diferentes recursos, em que há circularidades entre o escrito e oral, o dominante e o subordinado, o campo e a cidade. Na verdade o próprio termo cultura, quando tomado com sua acepção confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais, das fraturas e oposições dentro do conjunto²⁷. A unicidade erroneamente atribuída à cultura pode acarretar uma limitação nos estudos culturais e na compreensão de suas práticas. Essa limitação, entretanto, pode ser superada a partir de uma abordagem alternativa, que seja capaz de reconhecer a complexa combinação de forças, econômicas, políticas, sociais e culturais ativas, vividas na experiência social²⁸.

Ao se dar ênfase aos vários significados e sentidos de cultura, quer-se tratar do qualitativo “popular”, que por muito tempo esteve ligado apenas a tudo que corre entre o povo. Havia também a definição de que é aquilo que é produzido pelo próprio

²⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, 132p.

²⁶ BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

²⁷ THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998. Pp. 13-24.

²⁸ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 99-137.

povo, ou melhor, feito por pessoas do povo e adotado por ele. Havia ainda aqueles que preferiam distinguir os termos “popular” e “popularizado” entendendo por popular o produto do povo e por popularizado o produto culto que o povo recebeu e adaptou²⁹.

Grande parte dos estudiosos da cultura popular no princípio se basearam nos estudos folclóricos. Os estudos sobre este tema surgiram em alguns países europeus, após o período moderno, tiveram como principal consequência o surgimento do folclore, à medida que observadores sensíveis das camadas superiores da sociedade promoviam a investigação da “pequena tradição” plebeia, registrando seus hábitos e ritos.

Portanto, o folclore, nos seus primórdios, baseava-se na discriminação, atribuindo valores inferiores às práticas dos subordinados. Como declarou um folclorista no fim do século XIX, seu objetivo era descrever “os antigos costumes que ainda subsistem nos recantos obscuros dos países europeus, ou que sobreviveram à marcha do progresso na nossa agitada existência urbana”³⁰.

Com o interesse pelo folclore, surgiu também um crescente interesse pelas tradições, costumes e pela cultura “popular”, incluindo-se nos estudos sociais discussões acerca de cantigas, literatura, contos, histórias, melodias livros populares etc. Insere-se nesse momento também a discussão sobre as *dévotions populaires*, a religião não oficial do povo, que chegou a ser vista como uma expressão da harmonia entre religião e natureza³¹.

Entretanto, se deve ponderar que, antes desse período, estudiosos de antiguidades já tinham descrito costumes populares ou coletado dados. Os folcloristas do século XVIII inovaram ao buscar dar ênfase no povo e em seus costumes como um campo propício para a mudança e a disputa, uma arena na qual, interesses opostos apresentavam reivindicações conflitantes³².

Por fim, ressalta-se mais uma vez, a complexidade e amplitude dos termos: cultura, popular, tradição e religiosidade. As regras que compõem e formulam a vida em sociedade são muito mais subjetivas do que objetivas e, se fosse deixada de lado a complexidade destes termos, presentes neste trabalho, estar-se-ia negligenciando muitas informações que também compõem as relações culturais, políticas e econômicas. O

²⁹ AMARAL, Amadeu. **Tradições populares**. São Paulo, Hucitec, 1976.

³⁰ Id., 1998, p. 14

³¹ BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

³² Id., 1989, p. 32.

problema de se escrever a história é que muitas vezes a diferença é deixada de lado e isso leva à análise apenas de características e categorias normalizadas³³.

Em relação às fontes utilizadas para a realização da pesquisa que ora se apresenta, foram elas: em orais, iconográficas e escritas. Quando se trata de expressões religiosas, os relatos orais e as imagens materializadas são as melhores fontes com as quais se trabalhar, na medida em que ambas são resultantes de seleção e interpretação da trajetória de dadas culturas. As fontes recolhidas no trabalho de campo, realizado não somente durante os dias de Folia, mas também em outros momentos, permitiram compreender aspectos importantes no que tange às práticas tradicionais da comunidade que têm passado por adaptações a novas realidades.

A escolha dos entrevistados foi ditada, sobretudo, pelos objetivos que foram surgindo no decorrer da pesquisa, bem como o roteiro de entrevistas. Desse modo, muitas entrevistas buscaram refletir sobre a história de vida desses moradores³⁴, suas experiências e as relações estabelecidas no seu meio social.

O uso do método de história de vida torna possível apreender as articulações entre a história individual e a história coletiva, uma ponte entre a trajetória individual e a trajetória social, além de poder-se discutir o vínculo entre pesquisador e sujeito. Essa dimensão não invalida o método, nem tampouco o classifica fora de métodos científicos. A história de vida pode ser classificada como um método científico, com a mesma validade e eficiência de outros métodos, sendo que o compromisso maior do pesquisador é com a realidade a ser compreendida³⁵. Dentro da metodologia de abordagem biográfica, o método de história de vida relaciona duas perspectivas metodológicas, podendo ser aproveitado como documento ou como técnica de captação de dados³⁶.

Outro recurso metodológico imprescindível foram os depoimentos gravados carregados de significações que as narrativas foram adquirindo ao longo da existência do depoente, o que se registra nas falas não é a reprodução do passado tal como ele foi vivido, mas, sim lembranças, recordações e representações dos depoentes. Por isso, são

³³ SCOTT, Joan. A invisibilidade de experiência. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC/SP, n.16, fev.1998, p.297-325.

³⁴ SILVA, Aline Pacheco Silva *et al.* “**Conte-me sua história**”: reflexões sobre o método de História de Vida. Mosaico: estudos em psicologia. ISSN 1982 – 1913. 2007, Vol. I, nº 1 ,p. 25- 35. Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/conte_me_sua_historia_reflexoes_sobre_o_metodo_de_historia_de_vida.pdf Acesso: 12 de dez. de 2013

³⁵ Id., 2007, p. 27.

³⁶ HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 3 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1992. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view/340/345> Acesso: 06 de jan. de 2014.

necessários elementos de controle, fontes escritas que sirvam para aferir os dados recolhidos³⁷.

A história oral, enquanto um procedimento metodológico, deve ter seus métodos pré-estabelecidos agregando tanto teoria como prática. Sendo assim, é um equívoco classificá-la unicamente como prática. É uma área que necessita de embasamento teórico em que o pesquisador deverá lançar mão de contribuições oriundas de outras disciplinas como, por exemplo, a Sociologia e a Antropologia³⁸.

Tentar compreender as práticas e culturas religiosas de sujeitos que viveram importantes fases de formação de sua identidade em um mundo rural que não contava com a presença dos meios de comunicação de massa (exceto o rádio), sem a utilização das fontes orais seria impossível, já que teríamos que contar apenas com alguns pequenos anúncios de jornais e com poucas ou nenhuma menções presentes em documentos paroquiais. Assim, os relatos orais tornam possível a penetração num mundo cheio de representações e de significados que apenas por meio de observações e outros documentos talvez não fosse possível entender. Esta é uma das particularidades ao se tratar com fontes vivas: as possibilidades que surgem ao longo da pesquisa a partir das relações de trocas de experiências entre pesquisador e depoente³⁹.

Contudo, é necessário evitar equívocos sobre a precisão das fontes orais. Elas possuem um elemento que é de grande valia para a História que é a subjetividade do expositor. Fontes orais contam-nos não apenas o que foi feito pelas pessoas, mas também o que queriam ter feito, o que acreditavam ter feito e agora o que pensam ter feito. Elas podem não nos adicionar muito ao que já se sabe, mas são únicas por conta de seu enredo e dramaticidade. A construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator com sua história⁴⁰.

Também deve-se evitar um erro ainda muito comum: pensar a entrevista já como uma história pronta e acabada. O pesquisador deve interpretar as entrevistas como uma fonte, fazendo a ela os devidos questionamentos, tirando dela as evidências e os elementos que contribuirão para resolver o problema de pesquisa⁴¹. Dessa forma, as entrevistas e depoimentos contribuíram para a análise da memória local e revelaram

³⁷ VIDIGAL, Luís. **A história oral**: o que é, para que serve, como se faz. Santarém, 1993.

³⁸ FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

³⁹ MENDES, Luciana Aparecida de Souza. **As Folias de Reis em Três Lagoas**: a circularidade na religiosidade popular. 143 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Grandes Dourados, UFGD. Três Lagoas, 2007.

⁴⁰ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História**, São Paulo (14), fev. 1997. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240> Acesso em: 28 de dez. de 2013.

⁴¹ ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

valores, hábitos, crenças e práticas desenvolvidas pela comunidade Cruzeiro dos Martírios.

Na seleção dos depoentes, em grande parte ex-foliões ou devotos de Santos Reis, sempre se procurou ponderar as vivências desses indivíduos em relação à tradição religiosa e o vínculo deles com as práticas do lugar. Em muitos momentos houve aqueles que silenciaram diante do pedido de entrevista, um silêncio carregado de muitas indagações. As recusas partiram principalmente daqueles que hoje praticam outras religiões que não a católica. Talvez se neguem a relatar suas experiências porque hoje as renegam ou por não se sentirem mais “bons fieis”. É que há diferenças de cultos e rituais cruciais entre a religião católica e as religiões não católicas, principalmente quanto à questão de santos e imagens.

Aliadas às fontes orais, há novas maneiras de se estudar práticas culturais, através de registros sonoros, fotográficos e vídeo-gráficos. A fotografia também possui papel fundamental em pesquisas que há escassez de fontes escritas. A objetividade do uso dessa fonte foi sendo reconhecida ao longo de muitos anos como forma comprobatória dos acontecimentos. Estudos realizados por Benjamin⁴² enfatizam a fotografia enquanto suporte visível de referências passadas e artefato produzido num determinado momento histórico. Assim a fotografia passou a ser analisada de acordo com sua aplicabilidade, sem se abandonar os aspectos relacionados à sua criação e desenvolvimento.

De acordo com tal perspectiva, foram selecionadas imagens e fotografias das últimas festas de Santos Reis realizadas na Comunidade. Fotos mais antigas não foram encontradas, porque até poucos anos atrás os moradores não possuíam recursos de captação de imagens. Porém, as fotos, mesmo que recentes, abriram espaço para o diálogo entre as informações coletadas em campo e o registro fotográfico. São representações que não devem ser dispensadas, mas sim questionadas e interpretadas.

O historiador deve saber reconhecer, ao trabalhar com fotografias, vínculos, ligações, correspondências que nem sempre estão ali, diretamente documentados, na medida em que, as imagens são feitas em um contexto econômico, social, político e cultural e em que há uma relação entre fonte e pesquisador⁴³. Dessa forma, as imagens revelam seu significado quando ultrapassam sua barreira iconográfica; quando são

⁴² BENJAMIN, Walter. “Franz Kafka – a propósito do décimo aniversário de sua morte”. In: **Magia e Técnica, Arte e Política** – Obras escolhidas. Vol. I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 10 ed. SP: Brasiliense, 1996.

⁴³ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

recuperadas as histórias que, em sua forma fragmentária, elas trazem implícitas⁴⁴. Para o pesquisador, a fotografia tem diferentes realidades: a primeira, do documento fotográfico, e a segunda, criada no momento de sua interpretação.

O uso da imagem em pesquisas acadêmicas tem gerado grandes debates, seu uso é sempre validado por ser considerado como uma importante forma de evidência histórica, assim como os testemunhos orais e escritos. A crítica, porém é de que há a necessidade de os pesquisadores apurarem a veracidade do que é retratado, pois, a fotografia/imagem, além de fonte, também é uma representação. Uma segunda crítica a seu uso é que ela muitas vezes surge meramente para ilustrar conclusões às quais o autor já havia chegado através de outros meios. Considerando-se tudo isso é possível tornar mais comuns e menos ignoradas as pesquisas histórico-culturais que utilizam como metodologia o reconhecimento de características através de imagens⁴⁵.

Desse modo, a fotografia passou a ser interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado em códigos convencionados culturalmente. É uma mensagem, que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções e significados diferenciados, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem⁴⁶.

A representação nesse caso designa em primeiro lugar aquilo por meio do qual se conhece algo. Ou seja, o conhecimento é representativo. Em segundo lugar, destaca-se por ser uma forma de conhecimento que poderá levar a conhecer outro conhecimento. E, em terceiro lugar, por representar entende-se estar produzindo o conhecimento do mesmo modo como o objeto produz o conhecimento⁴⁷.

Poucos documentos escritos foram localizados, boa parte deles foram conseguidos com ex-festeiros e estão relacionados à própria burocracia em torno da realização da festa. Os principais são: ofícios encaminhados aos órgãos públicos, alvarás e licenças e também planilhas que relatam os custos e denotam para as dificuldades em se realizar a festa atualmente.

Partindo dessa perspectiva metodológica, os capítulos foram divididos da seguinte forma: o primeiro capítulo busca refletir sobre a Festa em Homenagem a Santos Reis, ou a Folia, a partir do local, da interação entre o lugar, a tradição e a

⁴⁴ KOSSOY, Boris. *Os Tempos da Fotografia: o efêmero e o perpétuo*. 2. ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

⁴⁵ BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

⁴⁶ MAUAD, Ana Maria. *Imagens da Terra: fotografia, estética e história*. Locus: **Revista de História**, v. 8, n. 2, Juiz de Fora, 2002.

⁴⁷ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

memória desse festejo. Alguns dos significados da Folia se tornam compreensíveis se analisados a partir de algumas características sociais, econômicas e religiosas da comunidade Cruzeiro dos Martírios. Entretanto, isso não pressupõe uma operação simples em que “o lugar justifica o meio ou *vice-versa*”. O conhecimento provém da relação/comparação entre as trocas exercidas entre os moradores durante o ano e aquelas exercidas nos dias da festa.

O segundo capítulo tem como objetivo refletir sobre a origem do grupo de foliões que foi responsável pela realização da jornada festiva na Comunidade Cruzeiro dos Martírios durante o período, demarcado, de 1974 a 2012, antes de se dispersar. A fundação dessa companhia está ligada às festas realizadas no interior de Minas Gerais, mais especificamente na zona rural do município de Guarda-Mor (MG), limítrofe com o município de Catalão (GO), onde alguns foliões como relataram em entrevista, participavam dessa festa e depois a introduziram na região próxima ao Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, englobando dessa forma várias fazendas.

O terceiro e último capítulo discute interações e relações de força entre a Festa de Reis e órgãos oficiais do município. Dentre essas relações, se destaca o conflito sobre a porcentagem da arrecadação exigida pela Igreja, em função da Festa fazer uso do nome de santos católicos. Essa reivindicação da Igreja não foi bem aceita por muitos festeiros que se recusaram a fazer o repasse do lucro. Outros conflitos também são evidenciados durante a realização, como: a utilização do espaço que pertence a Associação dos Moradores, a burocracia junto aos órgãos públicos e a necessidade de altos investimentos.

I A COMUNIDADE CRUZEIRO DOS MARTÍRIOS CATALÃO
(GO): religiosidade popular, Folia de Reis, modernização.



Altar da Capela de São Sebastião: Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO).

O objetivo deste primeiro capítulo é refletir sobre a Festa em homenagem aos Santos Reis que acontece na Comunidade Cruzeiro dos Martírios em Catalão (GO). Serão consideradas algumas das tradições religiosas da Comunidade, bem como observada a interação entre o lugar e a tradição e as memórias construídas sobre a festa. Alguns dos significados da festa em Homenagem aos Santos Reis se tornam mais compreensíveis se analisados a partir de seu meio de disseminação, trata-se então, de analisar algumas referências em torno da religiosidade local.

A tradição que aqui será descrita tem passado por mudanças que não aquelas “naturais” a que todas as tradições estão sujeitas. A partir de meados da década de 1990, foi notável a diminuição das famílias participantes no evento, o que, provavelmente, se explica pela saída de muitas famílias em direção à zona urbana, pela criação das grandes propriedades produtoras de grãos e pela chegada de igrejas protestantes no lugar⁴⁸, como tem ocorrido em outras comunidades da zona rural de Catalão (GO), que apresentavam a religião católica como única praticada.

A religiosidade rural aqui se apresenta como um forte sistema de filiação, marcando de modo contundente as práticas coletivas de determinados grupos. Arelado a ela, observa-se um conjunto de práticas identificadoras e responsáveis pelo sentimento de pertença à Comunidade. Porque as comunidades rurais do município de Catalão (GO) são predominantemente praticantes do catolicismo, sobretudo aquele de cunho popular, sendo este durante muito tempo o código agregador entre famílias que viviam distantes umas das outras. Os laços de parentescos não estavam restritos ao parentesco consanguíneo, se apresentavam também na mesma crença religiosa e na devoção um mesmo santo ou no compartilhamento de práticas coletivas.

Esses elementos criavam um sentimento mais amplo de identidade, calcado na memória comum de ser folião de Reis, de ter compartilhado um passado próximo, de terem vivências em comum e pela expectativa de ser de um lugar marcado por essa prática religiosa.

A religiosidade é importante também como um fenômeno social e cultural e tem sido redescoberta como um campo fértil de investigação histórica, revelando experiências, tornando-se visíveis, revelando crenças e vivências demarcadas por um tempo e por uma identidade coletiva. A festa religiosa é um momento de rompimento do ritmo monótono do cotidiano permitindo ao sujeito experimentar afetos e emoções

⁴⁸ MARTINS SILVA, Juniele. **Agricultura familiar e territorialidade**: as Comunidades Cruzeiro dos Martírios e Paulistas no município de Catalão (GO). 2011. 171 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2011.

diferenciadas. É marcada também por intensidades, conflitos, disputas e complexidades entre relações expressas através de símbolos e ritos peculiares.

1.1 A comunidade Cruzeiro dos Martírios

A Comunidade Cruzeiro dos Martírios está situada na parte nordeste do município de Catalão (GO), distante aproximadamente 90 km da sede municipal, Catalão, e 20 km do Distrito de Santo Antônio do Rio Verde. Não é possível estabelecer uma data precisa acerca do período exato em que foi fundada a comunidade. No entanto, o que se sabe é que ela recebeu o nome “Martírios” devido ao ribeirão que cruza parte do seu território, posteriormente o nome recebeu o acréscimo de “Cruzeiro”, devido ao cruzeiro erguido, entre 70 e 100 anos atrás, próximo ao cemitério da comunidade, uma característica da religiosidade católica, da fé e da devoção das famílias que ali viviam.

Os cruzeiros foram muito utilizados nos processos de ocupação na região mais central do Brasil, eles possuem um valor simbólico fundamentado na moral cristã católica. Inclusive, no início do século XVIII, o bandeirante Anhanguera (Bartolomeu Bueno da Silva) deixou uma cruz fincada, onde hoje é a cidade de Catalão que posteriormente foi levada para a Cidade de Goiás, antiga capital do estado e lá permanece até hoje.

Sobre a criação da comunidade e sua denominação, esclarece o depoente Sr. José M. de Souza.

[...] Praticamente tem relação porque naquele tempo ainda chamava Fazenda Martírios. Ninguém nem sabia... Hoje já chama Cruzeiro dos Martírios. Ninguém nem sabia como era isso. Essa... Aquela região do Cruzeiro dos martírios é por causa dessa cruz. Por causa desse cruzeiro lá, tem a cruz até hoje lá, enfincada lá. Todo mundo conhece ela lá. Aquela cruz deve ter mais ou menos, não estou bem a par, mas ela deve ter mais de setenta... Ela deve tá abeirando uns cem anos. Era uma aroeira, como diz um caso, se meu pai fosse vivo ele até contava, aonde aquela aroeira, em qual local ela foi encontrada. Mas eu não me lembro, esqueci também. Porque meu pai contava essa história toda, se fosse ele, ele contava da raiz. Mas eu já peguei no meio da história. Naquele tempo eu era muito... eu nem era nascido ainda. Mas foi meu avô que fundou praticamente aquela região Cruzeiro dos Martírios [...]⁴⁹.

⁴⁹ Fonte oral: Sr. José M. de Souza, 64 anos, ex-proprietário de fazenda na região da Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Catalão (GO), maio/2013. Duração 56 min.

Da família Loreto mencionada como a primeira a se estabelecer na região, é o depoente da fala acima. O Sr. José M. de Souza é o bisneto de José Loreto – responsável pela instalação do cruzeiro do qual deriva o nome da comunidade. O período narrado remonta à formação do que atualmente é chamado de comunidade, naquele período eram chamadas apenas “fazendas”, distantes umas das outras, ou “regiões”. O sentimento de unidade, em um tempo em que os meios de transporte e comunicação eram precários, surgia da maior proximidade sentimental, das ajudas mútuas, das relações de parentesco, amizade e compadrio e se manifestava e se reforçava em ocasiões específicas, como as festas religiosas, nascimentos, doenças, morte, festas de casamento etc.

As famílias mais tradicionais que ali ainda residem são Pereira Assunção, Oliveira Rosa, Martins e Souza. À medida que as mais famílias iam se constituindo nas redondezas do espaço onde hoje se localiza a sede comunitária, seja por casamentos seja por chegada de gente de outros lugares eram criados processos de identificação entre os moradores e também em relação a suas práticas e ao lugar que passavam a habitar. Não demorou muito para que se criasse ali um universo de vida marcada pelas relações de parentesco, memórias e experiências e por uma cultura carregada por eventos próprios que contribuíram para a constituição de suas identidades.

A área em que está localizado o núcleo da comunidade nesse período possuía apenas o cemitério e ao seu lado um rancho onde eram realizados terços cantados uma vez ao mês. O terreno é utilizado na forma de usucapião, parte dele foi doado por Dona Chica Pereira da Silva, outra parte foi sendo apropriada aos poucos. A formação e oficialização desse espaço geraram muitos embates entre fazendeiros da região e os idealizadores da Comunidade: José de Oliveira Rosa e José Martins de Souza que recolheram assinaturas para solicitar junto à Prefeitura Municipal de Catalão (GO) a criação da Comunidade Cruzeiro dos Martírios.

Na época juntou eu, muito “inteligente” e o Zé Martins me ajudou muito, andava em pelo pra me ajudar [...] Nós saiu fazenda por fazenda pra fazer um abaixo-assinado pra aquela Comunidade lá. Todo mundo apoiou. E nós brigou muito por aquilo lá. Foi trabalhado, foi casa por casa, porque o povo era em influência. Primeiro era um ranchinho caído na Comunidade, hoje em dia mudou tudo [...] Nós não tinha espaço daí o Laércio e o pessoal da Chica Pereira doou aquela área⁵⁰.

⁵⁰ Fonte Oral: Sr. José Rosa de Oliveira, 71 anos, Presidente da Associação de Moradores entre 1997 e 2008, Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Catalão (GO), jan/2014. Duração 16 min.

Nesse período de oficialização da comunidade, alguns moradores se posicionaram contra, entre eles: Dorvalino José de Souza, pecuarista antigo da região, e Arlindo Ribeiro, sojicultor paulista recém-chegado à região, ambos possuíam terras no entorno da área que passaria a ser comunitária, e sentiram-se prejudicados, já que isso os impossibilitaria de ampliar suas propriedades. De acordo com o relato do Sr. José Rosa os conflitos foram tão intensos que a medição feita pelo agrimensor da prefeitura teve de ser feita sob a supervisão de policiais armados. Como ainda não há escritura para a propriedade, a Associação de Moradores continua a sofrer ameaças dos sojicultores vizinhos e travando uma verdadeira disputa para a manutenção da área.

Mesmo com a aversão de nomes influentes da região, a formação da comunidade foi favorecida por uma política municipal de reestruturação da zona rural em setores, como forma de buscar uma aproximação política, melhorar a destinação de recursos e também devido a uma tentativa de acompanhar uma tendência que já havia sido implantada em estados do Sul e do Sudeste do Brasil desde o início do século XX.

Boa parte das propriedades que ficavam próximas à atual sede da comunidade eram pequenas e sem muitos recursos, seus proprietários dificilmente iam à cidade e consumiam o que cultivavam em suas próprias roças. As paredes das casas eram feitas com madeira roliça, geralmente de aroeira, garapa, angico, vinhático e ipê/aico, amarradas com o cipó do brejo (timbé) e com embira de “óleo”, o telhado era feito com a palha de buriti. A iluminação das casas, dos mais “ricos”, era feita sempre por candeias ou por lamparinas nas quais se queimava azeite de mamona ou querosene comprado na cidade⁵¹. O trabalho até alguns anos atrás era dividido da seguinte forma: os pais cuidavam do gado, do plantio e do cultivo. As mães eram responsáveis pelas atividades domésticas e outros serviços, como fabricação da farinha de mandioca e do polvilho, moagem da cana e manutenção da horta⁵².

Essa rotina sofria alterações apenas durante as festas religiosas, quando as famílias interrompiam suas funções para organizar a festa ou então para receber a Folia, como na Festa em homenagem aos Santos Reis. Recusar-se a receber a Folia em casa ou negar-lhes uma contribuição significava cortar laços de solidariedade com os vizinhos. Depois da chegada das religiões evangélicas no lugar aos seus praticantes não eram feitas visitas nem pedidas contribuições.

⁵¹ Informação verbal da Sr^a Tereza Cardoso da S. Souza, 52 anos, ex-moradora da Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Catalão (GO), maio/2013. Duração 41 min.

⁵² MARTINS SILVA, Juniele. **Agricultura familiar e territorialidade**: as comunidades Cruzeiro dos Martírios e Paulistas no município de Catalão (GO). 2011. 171 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2011.

As tradições religiosas e suas transformações são imprescindíveis para a compreensão da constituição da comunidade local, assim como para a compreensão do seu presente. Desde sua fundação até os dias atuais, a comunidade sofreu influências significativas por conta do meio em que estava inserida. Nesse aspecto, as práticas religiosas talvez sejam um dos maiores patrimônios culturais da comunidade, sua importância pode ser observada ainda hoje em diversos momentos da vida cotidiana dos moradores: seja na construção de altares dentro das casas, seja nas crenças e rezas para curar “quebranto” ou nos remédios naturais, que eram uma das poucas alternativas para se tratar de doenças, mas que muitas pessoas continuam usando apesar da maior facilidade de acesso aos remédios industrializados.

Todos esses elementos, até alguns que deixaram de estarem presentes no cotidiano dos moradores, são fortes constituintes do caráter não apenas cultural da comunidade, mas também do seu lado social, apesar das transformações que vêm sofrendo. Não somente a Folia de Reis, mas todas as outras manifestações religiosas (católicas) locais são fonte e parte de lembranças, de acontecimentos e de um universo simbólico. Consubstanciam uma cultura com eventos próprios, porém universais, associados à memória de seus indivíduos e aos seus modos de sobrevivência.

Mesmo com inserção dos modernos métodos de cultivo e a produção de novas espécies, as práticas anteriores ainda são fortes agentes na construção do sentimento de pertencimento dos moradores à comunidade e se tenta ainda de certa forma preservá-las. A partir desse ponto de vista, o sujeito, mesmo antes de constituir sua identidade, já nasce imerso em uma memória que o socializa e à luz da qual ele irá definir, quer a sua estratégia de vida, quer os seus sentimentos de pertença e de adesão ao coletivo, contrastando sempre com as características individuais⁵³.

Paralelamente à importância da formação histórica da comunidade, precisam ser ponderadas as modificações vivenciadas em seu espaço nas últimas três décadas. Desse modo, se torna fundamental considerar que a tradição da Folia de Reis é compreendida como um fenômeno histórico e social, que assume diferentes significados no tempo e no espaço.

Uma tradição popular é bem mais do que aquilo que se vive nos poucos dias em que é praticada. Os indivíduos que a compõem possuem uma identidade e um ritmo de vida que vão muito além do que é apresentado naqueles dias. Desse modo, é impossível ignorar a constituição de vida dos moradores e como eles se estabeleceram e

⁵³ CATROGA, Fernando. Recordação e esquecimento. In: **Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da História**. Coimbra: Almedina, 2009, p. 11-32.

foram aos poucos transformando não apenas suas práticas, mas também seu espaço.

O lugar, onde o sujeito estabelece seus laços de parentesco, de pertencimento e se enraíza, nesta perspectiva, permanece fixo e pode ser até mesmo imutável. No entanto, esse lugar existe em um espaço físico e este pode passar por inumeráveis modificações, sejam elas sociais, culturais, políticas, econômicas e físicas (estruturais e visuais). Considerar-se-á aqui como mudanças espaciais a construção de novas moradias na comunidade, a construção do Centro Comunitário, que por muito tempo abrigou as práticas religiosas da comunidade, a reestruturação da quadra de esportes onde também acontecem as festas religiosas, a construção oficial da própria Igreja Católica e de igrejas de cunho pentecostal e neopentecostal, que são elas: Igreja Pentecostal Deus é Amor; e Igreja Mundial, além da implantação da sojicultora.

1.2 Comunidade e sujeitos

No meio rural catalano, e até no urbano, a palavra “comunidade” era desconhecida até fins da década de 1960 e início da década de 1970. Mas obviamente já tinha ocorrido a formação de espaços e práticas identificadoras de determinados grupos. Os espaços eram delimitados de acordo com as palavras “região do/a” ou “lado do/a”. A formação oficial das comunidades rurais no município tinha interesses políticos, mas também religiosos, já que na mesma época foram criadas as CEBs pela Igreja Católica. O fato é que com a formação oficial das comunidades a dinâmica rural foi bastante alterada, o objetivo comunitário e a solidariedade que sempre estiveram presentes no campo, passaram a partir de então a ser legislados ou normatizados e em um momento histórico do país de modernização da agricultura.

As comunidades constituiriam uma delimitação de territórios, uma região inventada, mas, nas quais o vínculo dos habitantes com o lugar já teria se estabelecido ao longo do processo de ocupação e apropriação do espaço, em limites mais ou menos reconhecidos por todos e fortalecidos pelos laços étnicos, familiares, religiosos e de interesse econômico. Ou seja, se configura por ser um fenômeno que não se traduz apenas pelas características físicas ou regionais⁵⁴.

⁵⁴ KODAMA, Kátia Maria Roberto de Oliveira. **Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas**. Tese (Doutorado) - Departamento de Ciências da Comunicação/ Escola de Comunicações e Artes/USP, 2009. 299 p.

No município de Catalão (GO) as comunidades rurais possuem interesses e características em comum⁵⁵, como, por exemplo, a pecuária leiteira e a realização de eventos religiosos como festas, terços e procissões, além de enfrentarem dificuldades de infraestrutura e a falta de políticas públicas. No entanto, também apresentam particularidades que têm sido ressaltadas a partir da inserção de novos elementos em sua estrutura. Nota-se que algumas sofreram influências externas como o protestantismo, a chegada de pessoas vindas de outras regiões (motivadas pela expansão da modernização da agricultura no município – caso da Comunidade Cruzeiro dos Martírios), novas atividades econômicas como plantação de grãos, de pinhos, de eucalipto etc. Assim cada comunidade se insere de forma diferente e tem uma dinâmica própria no contexto em que está inserida.

As comunidades rurais podem receber outras denominações de acordo com a região ou estado a que pertencem. Autores como Cândido (2001)⁵⁶, Muller (1966)⁵⁷, Queiroz (1973)⁵⁸ que estudaram as dinâmicas culturais no meio rural paulista. Utilizam o termo “bairro rural” nos quais identificaram características como: I) um conjunto de casas próximas, o suficiente para que os moradores estabeleçam contatos sociais, existindo certa organização espacial e relações com outros bairros e com a sede do município; II) é comum a existência de um pequeno estabelecimento comercial, capela ou escola, cujo raio de ação marca os limites do bairro; III) o parentesco e a vizinhança são elementos fundamentais nos bairros rurais. “Comunidade rural” e “bairro rural” apesar de serem termos diferentes têm as bases conceituais bem similares.

Nas concepções clássicas as relações comunitárias são típicas de grupos relativamente pequenos. Assim, o conceito de comunidade é associado às características de proximidade geográfica, homogeneidade, afetividade, consenso e participação na totalidade⁵⁹.

Nesse panorama comunidade designa uma série de fenômenos que se estendem desde a divisão de trabalho até a ação coletiva, desde a vida grupal até os

⁵⁵ O município de Catalão (GO) possui cerca de 20 comunidades rurais que são: Pedra Branca, Olhos D'água, Matinha, Riacho, Tambiocó, Sucupira, Coqueiro, Macaúba, Morro Agudo, Cisterna, Ribeirão, Custódia, Mata Preta, Coruja, São Domingos, Pires, Olhos D'água, Anta Gorda, Contendas, Cruzeiro dos Martírios e Paulistas. Neste estudo, considera-se a Comunidade Cruzeiro dos Martírios.

⁵⁶ CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

⁵⁷ MULLER, Nice Lecocq. Bairros Rurais do Município de Piracicaba/SP. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n. 43, julho/1966, p. 83-130.

⁵⁸ QUEIROZ, Maria Isaura de Pereira. **Bairros Rurais Paulistas**: dinâmica das relações bairro rural cidade. São Paulo: Duas cidades, 1973, 152p.

⁵⁹ TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, Florestan (Org.). **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973. p. 96-116.

processos psíquicos envolvidos na interação de pessoas. O conceito de comunidade, com suas formas ambíguas e variadas, tem sido instrumento para chamar a atenção para o fato de que todos os fenômenos sociais se estendem por dois pólos, que são eles, comunidade e sociedade⁶⁰.

A criação oficial das comunidades transformou de forma significativa algumas de suas lógicas próprias, como as tradições religiosas. Na Comunidade Cruzeiro dos Martírios foi criada a Associação dos Moradores da Comunidade Cruzeiro dos Martírios. A Igreja Católica criou uma nova proposta de organização para as práticas religiosas no lugar, como as festas de santos. O projeto é que seus moradores trabalhem juntos, voluntariamente, inclusive na festa e que a renda obtida, no caso das festas, beneficie também a Paróquia. Antes os festeiros se responsabilizavam por toda a realização da festa, com a ajuda de parentes e vizinhos, e se houvesse lucro ficava para o festeiro, este que dificilmente empregava em benfeitorias para a comunidade⁶¹.

A Igreja passou a ter uma ligação direta com as comunidades, depois de sua criação. Prestando assistência através do pároco ou de agentes pastorais, que representam o elo entre a comunidade e a paróquia. Antes da criação das comunidades essa assistência era esporádica. É a formalização de um compromisso entre as pessoas do lugar e a Igreja⁶². As comunidades procuram criar um tipo de relacionamento baseado na união de interesses, na ajuda mútua entre as pessoas, porém, novos interesses estão permeando e se sobrepondo àqueles que são primordiais às Comunidades Eclesiais de base⁶³ e aos das antigas comunidades informais.

Procurar compreender as festas a partir da formação das comunidades rurais permitiu perceber que algumas questões que afligem as pessoas ligadas ao mundo rural aparecem no momento da festa. A festa é para esses sujeitos um acontecimento que marca, delimita o seu espaço, dá uma identidade à comunidade, distingue uma da outra e também as pessoas que fazem parte dela.

Nos estudos sobre as comunidades consideram-se o sentimento pelo lugar, a coesão social, a solidariedade e a ajuda mútua. São evidentes ainda, as relações de parentesco, vizinhança e amizade, sendo que nas comunidades rurais e, especificamente, na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, são mais significativas. Ressaltam-se, ainda, as

⁶⁰ WIRTH, Louis. Delineamento e problemas de comunidade. In: FERNANDES, Florestan (Org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973. p. 83-95.

⁶¹ GUIMARÃES, Rosângela Borges. **Festas: um espaço da prática social nas localidades rurais**. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 1997. 76 f.

⁶² Id., 1997, p.56.

⁶³ BETO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: editora Brasiliense, 1985.

manifestações culturais como os terços e novenas que são eventos que possibilitam uma sociabilidade.

A comunidade representa assim um grupo unido por tradições, objetivos em comum e perspectivas. O mundo rural é caracterizado pelas tradições, por hábitos e costumes que se perpetuam, por uma relação estreita com a terra e com o local. O fundamento desta união é a identidade, o sentimento de pertencimento ao local, que se confunde com a condição de sobrevivência do próprio grupo⁶⁴, cujos membros apresentam perspectivas de vida semelhantes.

O que se percebe é que as comunidades rurais do município de Catalão (GO) são delimitadas a partir do sentimento de localidade, ou seja, seus moradores se identificam com o local e com os outros sujeitos que ali vivem. Verifica-se que não há homogeneidade, mas certa coesão social, sendo comuns as relações de parentesco, compadrio, amizade e vizinhança.

1.3 O cultivo da soja e seus impactos

O catolicismo no Brasil há décadas vem perdendo fiéis para outras religiões cristãs. E as formas mais conhecidas de enfrentamento dessa realidade foram o surgimento, por um lado, da Teologia da Libertação, e, por outro, da Renovação Carismática Católica. Além disso, tenta-se resgatar as raízes do catolicismo popular, que foram ou estão sendo transformados pelas novas estruturas da sociedade contemporânea, de modo a resistir à opressão de uma cultura modernizante. Desse modo, existem variadas tentativas de preservação e manutenção das raízes culturais católicas das camadas populares, por exemplo, por festas locais de santo na zona rural e em cidades pequenas⁶⁵.

A Folia de Reis demonstra a importância da religiosidade católica popular para os moradores da Comunidade Cruzeiro dos Martírios e as transformações sofridas por ela nos últimos anos resultam em grande parte de fatos sócio-culturais e econômicos pelas quais a Comunidade têm passado nas duas últimas décadas.

Em muitas comunidades rurais do município de Catalão (GO) observa-se uma tentativa, por parte dos moradores mais antigos, de manter a integridade de

⁶⁴ GOMES, Paulo César da Costa. Cultura ou civilização: a renovação de um importante debate. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1999. p. 99-122.

⁶⁵ DUARTE, Aline do Nascimento. **A preservação da identidade sócio-cultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais**. 2008. 200f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

algumas tradições, o que muitas vezes não é possível, pois a cultura popular vai aos poucos se desarticulando com as transformações da sociedade. Isso é um fato até certo ponto compreensível, no entanto as antigas práticas não podem ser simplesmente e de qualquer modo suprimidas pelas mais recentes, uma vez que as primeiras se tornam a base e explicação para as segundas⁶⁶.

Aspectos sócio-culturais contribuíram de forma decisiva para as modificações das práticas religiosas católicas da Comunidade Cruzeiro dos Martírios, contudo, os de cunho econômico também são fatores consideravelmente importantes se correlacionados com as modificações sentidas não somente na Festa em Homenagem aos Santos Reis, bem como em todas as práticas religiosas da Comunidade Cruzeiro dos Martírios. A chegada da sojicultura na comunidade levou a implantação da tecnologia nos meios de produção, alterou os laços de compadrio entre os moradores, provocou uma ruptura na forma de trabalho e na produção de subsistência e afetou práticas religiosas e afetivas.

O avanço deste novo modo de cultivo em direção ao Cerrado goiano, se deu em decorrência do fato de que a agricultura, praticamente em todo o território nacional, a partir de 1970, passou por muitas transformações. Dentre os fatores que contribuíram para a modernização do campo no estado de Goiás, destacam-se: as áreas planas (excelentes para o cultivo de grãos), a implantação de rodovias e a construção de Goiânia e Brasília (DF)⁶⁷.

Mas esse processo não se deu de forma homogênea no Brasil. Foram privilegiados os produtos destinados para a exportação, algumas regiões, e grandes produtores, em detrimento dos pequenos. Por isso é considerado um processo conservador de modernização da agricultura.

A modernização teve por finalidade o aumento da produção e da produtividade agropecuária mediante a renovação tecnológica, isto é, pela utilização de métodos, técnicas, equipamentos e insumos modernos. Essa tendência estava voltada para a viabilização e implantação da empresa rural capitalista no campo, o que constituiu uma modernização conservadora, porque não houve alteração na estrutura agrária.

⁶⁶ PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares**: léxico e cultura no vernáculo catalano. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara 2007. 521 f

⁶⁷ MARTINS SILVA, Juniele. **Agricultura familiar e territorialidade**: as comunidades Cruzeiro dos Martírios e Paulistas no município de Catalão (GO). 2011. 171 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2011.

Esse processo no Brasil ocorreu, principalmente, a partir da década de 1970, sendo que as primeiras regiões afetadas foram a Sul e a Sudeste. O Estado, por intermédio da ação planejadora, centralizando as decisões, passou a determinar o ritmo e a direção do capital, tendo assim papel fundamental na expansão da modernização da agricultura, que contribuiu para o aumento da produção e das exportações, portanto para o “desenvolvimento econômico” do país.

O termo modernização da agricultura é utilizado para designar a transformação na base técnica da produção agropecuária no pós- Segunda Guerra e as intensas modificações da produção no campo e das relações econômicas e de trabalho. Desse modo, a modernização da agricultura é o processo de mecanização e tecnificação da lavoura, cuja intensidade é avaliada pelo índice de máquinas, equipamentos, implementos e insumos modernos utilizados. Para Graziano da Silva (1996), a consolidação da agricultura moderna ocorreu a partir de 1960, com a adoção das inovações tecnológicas no processo produtivo (inovações agronômicas, físico-químicas, biológicas) e com a constituição dos complexos agroindustriais que geraram uma nova configuração sócio-econômica e espacial para o campo brasileiro⁶⁸.

Esse processo ocorreu em escala nacional. O Cerrado e o estado de Goiás foram incorporados ao processo de modernização da agricultura, porque o Cerrado possui algumas particularidades naturais que favoreceram a expansão da modernização da agricultura, dentre elas destacam-se: as condições climáticas, ou seja, estações bem definidas e solo considerado fértil.

O Cerrado passa a ser incorporado ao processo de modernização agrícola a partir da década de 1970. A atratividade do Cerrado para a agricultura comercial - com destaque para a soja - ampliou-se consideravelmente em consequência da demanda crescente pelo produto nos mercados internacionais. O Estado fez investimentos em infraestruturas, pesquisas agronômicas e inumeráveis programas de crédito especial.

Até a década de 1970, o Cerrado era destinado para a pecuária extensiva de baixa intensidade e ao extrativismo, principalmente, de madeira, destinada para a produção de carvão. As novas formas de apropriação do Cerrado deram-se a partir desse período por meio de políticas públicas voltadas ao setor agropecuário. Já no município de Catalão (GO), os efeitos do processo de modernização da agricultura foram sentidos mais fortemente apenas na década de 1980, ocorrendo primeiramente nas regiões de

⁶⁸ GRAZIANO DA SILVA, José. Do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. São Paulo: Unicamp, 1996. p. 1-40.

chapada, como no caso da Comunidade Cruzeiro dos Martírios, que chamou a atenção devido a suas áreas planas.

A modernização da agricultura na região de Catalão (GO) apresenta especificidades que a diferem do contexto nacional. Uma delas é que enquanto no Brasil a modernização da agricultura se dá em meados da década de 1970, na região de Catalão ela vai se dar somente a partir da década de 1980, que é quando chegam os migrantes sulistas. Podemos dizer que as pessoas que começavam a buscar as terras goianas para o plantio eram atraídas não somente pela qualidade da terra, mas pelo desejo de expandir seus investimentos. E passar de pequeno produtor no Sul para um grande produtor no Centro-Oeste⁶⁹. A modalidade de produção de soja ganhou força no estado de Goiás não somente devido ao clima favorável, mas também foi ocasionada pelo esgotamento das fronteiras agrícolas em estados como do sul como Paraná e Rio Grande do Sul⁷⁰.

O que explica consideravelmente o grande número de famílias vindas do sul do país para a comunidade Cruzeiro dos Martírios.

[...] E a história vai mudando, e essa mudança não tem muitos anos não, é bem recente que foi acontecido isso. Mas antigamente era festa, mas era festa mesmo. Não tinha negócio de nada, todo mundo era amigo. Mas era familiar, hoje já passou pra muita gente. Hoje na nossa região, por exemplo, já tem gente de quase todo de quase toda parte... Pode falar de quase toda parte do Brasil. Maioria de São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná. E as festas que tem hoje lá se reunir em 100 pessoas, suponhamos quase pode contar 30% da turma que é da região. O restante já é tudo gente clandestina, esse pessoal que veio mais pra tocar lavoura, que veio pra explorar a região, né? [...]⁷¹.

A chegada dos produtores de soja alterou gradativamente a lógica social da comunidade, os laços de parentesco e compadrio que uniam a comunidade passam a ser substituídos por relações de trabalho assalariado. O pequeno proprietário passa a perder espaço e se vê obrigado a sair do campo e ir em direção à cidade, diminuindo o número de famílias participantes nas práticas culturais e sociais da comunidade. Por mais que tal

⁶⁹ SOUZA DIB, Jaqueline. **O mar verde no sudeste goiano**: a região de Santo Antônio do Rio Verde. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 2001. 82 f.

⁷⁰ VIEIRA, Nair Moura. **Caracterização da cadeia produtiva da soja em Goiás**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFSC. Santa Catarina 2002. p. 12.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/83611/189338.pdf?sequence=1> Acesso 01 de maio de 2012.

⁷¹ Fonte Oral: do Sr. José M. de Souza, 64 anos, ex-proprietário de fazenda na região da Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Catalão (GO), maio/2013. Duração 56 min.

diminuição tenha outros motivos, a produção de soja tem grande peso. A chegada dessa modalidade produtiva transformou a estrutura não apenas econômica da comunidade, mas também transformou suas características tanto culturais como físicas, pois as formas de exploração do Cerrado culminaram em novas paisagens.

Como consequência, as festas e tradições religiosas também foram afetadas, de acordo com o avanço tecnológico do campo, não somente seu calendário como já foi mencionado acima, mas o próprio objetivo da festa passa a ser outro, deixando de se concentrar apenas no sagrado e voltando-se para a parte financeira.

Os sojicultores que aqui se instalaram eram pessoas que já tinham *Know how* de produção, um grande capital para investimento e uma legislação que privilegia a produção voltada para a exportação. Como é o caso do Sr. Paulo Zanella e do Sr. José Carlos Rampelotti pioneiros no cultivo da soja na região de Santo Antônio do Rio Verde. E que se sobressaem também como os maiores agricultores da região de Catalão⁷².

A busca de terras para o plantio em larga escala, principalmente da soja no Centro-Oeste, se deu porque na região Sul plantava-se a soja no verão e o trigo no inverno, por causa das constantes chuvas e, com isso, as terras foram ficando fracas, não garantiam uma colheita satisfatória para que o lucro continuasse alto. As pessoas que vinham para Goiás em busca de terras para cultivarem a soja procuravam um lugar em que houvesse uma maior vantagem para eles⁷³. O primeiro sojicultor a se instalar em Catalão foi influenciado por Haley Margon Vaz – que foi prefeito de Catalão (GO), pelo partido PMDB entre 1983 e 1988 – e que também, “coincidentemente”, era dono de uma revendedora de máquinas agrícolas e, portanto, tinha um grande interesse na modernização da agricultura.

A região de Santo Antônio do Rio Verde incorporou a modernização do campo ainda na década de 1980 em que se teve o início do plantio de soja no município de Catalão e a vinda dos migrantes sulistas para a região. A chegada dos primeiros produtores de soja leva muitos proprietários a venderem suas propriedades ou parte delas, deslumbrados com a possibilidade de morar na cidade, sem levar em conta as implicações que isso acarretaria em suas vidas.

⁷² SOUZA DIB, Jaqueline. **O mar verde no sudeste goiano**: a região de Santo Antônio do Rio Verde. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 2001. 82 f.

⁷³ SOUZA DIB, Jaqueline. **O mar verde no sudeste goiano**: a região de Santo Antônio do Rio Verde. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 2001. 82 f.

A implantação de técnicas modernas no campo visando à produção de soja, orientada para o grande mercado, acaba atingindo principalmente aqueles que lidam diretamente com a terra e a utilizam como um instrumento de trabalho. A principal atividade econômica da região era a pecuária extensiva que pode ser justificada pela formação física da região - vegetação predominantemente de cerrado, com chapadões, vastas áreas planas de pastagens naturais, habitadas por pessoas que não dispunham de tecnologia e nem recursos para investir em lavouras ou outros ramos que não fossem aqueles voltados para o autoconsumo⁷⁴.

Atualmente a soja forma a paisagem de algumas das áreas rurais de Catalão (GO) e possui um papel que vai além dos interesses econômicos, principalmente quanto às consequências dessa modernização para aqueles que não eram detentores de poder aquisitivo, e davam às suas propriedades valores diferentes daqueles impostos pelo processo de modernização do campo⁷⁵.

O cultivo da soja provoca uma concentração fundiária na região, objetivando o mercado externo, porque promove a expropriação daqueles que já ocupavam o espaço com outras atividades para sua subsistência⁷⁶. Alguns acabaram vendendo suas propriedades, atraídos por “boas ofertas” ou para pagarem dívidas bancárias contraídas no intuito de também se modernizarem⁷⁷.

As transformações no espaço rural acabaram por agravar as condições de vida dos moradores rurais que resistiram, especialmente dos daqueles que possuíam pequenas propriedades. Surgem novos moradores nessa região, ocasionando conseqüentemente, novas formas de relacionamento coletivo com as práticas locais.

O processo de industrialização no campo na década de 1970 trouxe grandes transformações, a concentração do cultivo em especialidades como soja e milho, fez com que culturas tradicionais como o arroz e feijão (próprios de culturas de subsistência) tendessem a uma relativa diminuição nas últimas décadas, em resposta à necessidade de produção de grãos para a exportação a partir da mecanização⁷⁸.

⁷⁴ Id., 2001. 82 f.

⁷⁵ SOUZA DIB, Jaqueline. **O mar verde no sudeste goiano**: a região de Santo Antônio do Rio Verde. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 2001. 82 f.

⁷⁶ MARTINS SILVA, Juniele. **Agricultura familiar e territorialidade**: as comunidades Cruzeiro dos Martírios e Paulistas no município de Catalão (GO). 2011. 171 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2011.

⁷⁷ Id. 2001, p. 45.

⁷⁸ VIEIRA, Nair de Moura. **Caracterização da cadeia produtiva da soja em Goiás**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFSC. Santa Catarina 2002. 124 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/83611/189338.pdf?sequence=1> Acesso 01 de maio de 2012.

Gradativamente, a dinâmica interna da Comunidade Cruzeiro dos Martírios foi se alterando. O trabalho que era voltado à produção de bens de consumo para as famílias e para a população local passa a ter objetivos externos às necessidades da comunidade. O trabalho rural, marcado por processos de produção simples e equipamentos rústicos, passa a ter inseridos em seu meio técnicas e tecnologias modernas e novas de divisão do trabalho⁷⁹. Chegam à comunidade os meios de transportes e de comunicação de massa, juntamente com a tão sonhada eletricidade.

Novos processos de identificação surgiram após esse processo, o que poderia levar à simples constatação que muitas das tradições locais tiveram um fim logo após a chegada da sojicultura na região. Contudo, o que se observa são as novas formas de relacionamento com as tradições. Há sempre em todo lugar tentativas de se recuperar a pureza cultural do tempo passado, que se julgava ter e passa a ser considerada como perdida⁸⁰. No entanto, as tradições e os processos de identificação também estão sujeitos ao plano da história, da política, da representação e da diferença, e assim, é improvável que eles sejam outra vez como já foram um dia.

As transformações ocorridas na Comunidade Cruzeiro dos Martírios a partir da mecanização e industrialização rural foram sentidas em diferentes âmbitos: nas relações de trabalho, na convivência social, na alteração da quantidade e dos bens produzidos, na paisagem (visual) do local. No entanto, mesmo com todas essas transformações não é possível afirmar que o processo de modernização destruiu ou suprimiu as tradições e valores dos moradores, uma vez que os remanescentes na Comunidade ainda possuem um forte vínculo com o lugar que habitam. Eles apenas adequaram suas práticas e costumes de acordo com uma nova ordem e, a partir de então, reconstituíram suas identidades sem rupturas completas com as tradições passadas.

A propriedade e a terra para as pessoas que viviam nela antes do processo de modernização do campo tinham outro sentido, diferente do que adquiriram com a produção voltada para atender ao mercado externo. Para os sujeitos do lugar esse processo é um pouco confuso; eles se sentem um pouco perdidos em meio às mudanças econômicas que passam a lhes ser impostas. A terra significava um conjunto de relações, um tipo de organização social que compreendia certos valores. A terra era para o sustento da família.

⁷⁹ CARMO, Maria Andréa Angelotti. **Entre safras e sonhos**: Trabalhadores rurais do sertão da Bahia à lavoura cafeeira do cerrado mineiro 1990 - 2008. Tese de Doutorado em História – PUC – SP, 2009.

⁸⁰ HALL, Stuart. **A Identidade na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11a ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

As transformações econômicas foram decisivas na forma com que os moradores estavam acostumados a lidar com a herança religiosa e cultural. A partir desse momento, começaram a ser vividas novas práticas e experiências até então desconhecidas e diversificadas. Atualmente, por exemplo, não há mais hegemonias no campo religioso. As formas de sociabilidade e convivência tomaram novos rumos.

1.4 A chegada de uma nova religião

O estudo das ramificações do protestantismo brasileiro é importante e aponta para novas formas de estruturação das comunidades rurais. Todavia, há maior quantidade de estudos sobre o catolicismo popular. Em relação ao protestantismo o número de pesquisas é bem menor e ainda há aqueles estudiosos que não consideram o fenômeno protestante no meio rural como um fato importante da cultura popular. No entanto, esse é um fenômeno que não pode ter sua importância relegada, ainda mais nesta pesquisa, em que a inserção do protestantismo na Comunidade Cruzeiro dos Martírios interferiu e modificou de forma decisiva os ritos religiosos dos seus moradores.

Observa-se no lençol da cultura rural a existência de um protestantismo histórico que difere do protestantismo urbano, em suma por apresentar características próprias, incluindo crenças e interpretações que se assemelham mais ao catolicismo rústico que ao protestantismo propriamente dito⁸¹.

O protestantismo, denominado como rural, contrasta nitidamente em relação ao modo de operação e modo de vida dos praticantes do protestantismo urbano. Em sua definição tomam-se por base as características da religiosidade rural, como: familiaridade com o sagrado (religiosidade difusa, santoral, politeísta, mágica e messiânica) e caráter lúdico⁸².

No Brasil a disseminação do protestantismo se iniciou nos centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo em meados do século XIX. A nova religião, recém-chegada, contou com a adesão e simpatia da classe dominante, contudo, não há registros de adesões em massa ao protestantismo, que encontrou resistência ao seu crescimento, principalmente nos grandes centros urbanos onde o catolicismo assumia uma postura

⁸¹ CÂNDIDO, A. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

⁸² MENDONÇA, Antônio Gouveia. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1995.

mais dominante e quase simbiótica com a cultura brasileira, um dos motivos que levaram o protestantismo a buscar novos terrenos.

Para configurar o protestantismo rural, deve-se compreender primeiramente a época e o pano de fundo religioso em que se deu a inserção do protestantismo no universo camponês brasileiro. Após algumas tentativas anteriores frustradas, a religião protestante chegou definitivamente ao Brasil em meados do século XIX, por meio do protestantismo de missão ou conversão e encontrou aqui já profundamente enraizado o catolicismo implantado pelo descobridor e colonizador. Devido ao tempo em que se preservou a sua hegemonia no território brasileiro, o catolicismo criou fortes laços com a cultura brasileira, chegando mesmo a formar uma relação simbiótica com a mesma⁸³.

Não tardou muito para que o protestantismo começasse a ser difundido na zona rural, especialmente nos estados de São Paulo e Minas Gerais. Sua inserção no interior ocorreu sob um clima de interesse e curiosidade, mas também de indiferença. A hipótese é a de que presbiterianos aproveitaram a expansão cafeeira, que ocorreu já em finais do século XIX, partindo da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, tomando o rumo de São Paulo, Vale do Paraíba, Embaú, Minas Gerais, Campinas, Jauru etc⁸⁴.

Tudo indica que o perfil espiritual do Brasil encontrado pelos imigrantes do século XIX era de desencanto - povo e Clero estavam separados, distanciados. Foi neste contexto que se inseriram os imigrantes europeus, alguns com piedosa ênfase no culto, fruto dos reavivamentos pietistas. Contudo, os protestantes aqui chegados foram marginalizados eclesiástica e civilmente, tanto é que, nem mesmo o casamento realizado entre imigrantes evangélicos na própria pátria de origem teve aqui reconhecimento civil⁸⁵.

O início do século XX testemunhou um dos eventos mais marcantes da história do cristianismo. Fenômenos que até então haviam ocorrido um tanto esporadicamente, entre grupos minoritários, passaram a ser parte de um influente e vasto movimento composto de milhões de adeptos. Em muitos países, os pentecostais passaram a constituir a grande maioria dos protestantes⁸⁶.

⁸³ RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. **Mapeamento do protestantismo rural no lençol de cultura caipira brasileiro**. CADERNOS CERU, série 2, v. 19, n. 2, dezembro de 2008.

⁸⁴ MENDONÇA, Antônio Gouveia. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1995.

⁸⁵ Id., Ribeiro, 1995.

⁸⁶ MATOS, Alderi Souza de. **O desafio do neopentecostalismo e as igrejas reformadas**. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/7090.html>. Acesso em: 31 de out. de 2013.

O pentecostalismo resultou de uma somatória de influências: o movimento pietista do século XVIII, os grandes despertamentos nos Estados Unidos no início do século XIX, e, mais especificamente, o chamado movimento de “santidade” (*holiness*) já no final do século XIX.

O pentecostalismo, surgido na virada do século XIX para o XX nos Estados Unidos, foi logo transplantado para o Brasil e não deixou para trás elementos culturais e práticas ligadas ao seu contexto original. Embora não se possa dizer que seu papel na difusão do *american way of life* tenha sido tão importante quanto o dos missionários protestantes clássicos, a influência do discurso religioso norte-americano estava presente no início do pentecostalismo brasileiro e o vem influenciando no decorrer de sua história⁸⁷.

Pouco tempo depois do seu surgimento nos Estados Unidos, o movimento pentecostal chegou ao Brasil. Quase que simultaneamente, duas igrejas pentecostais iniciaram suas atividades em solo brasileiro, uma no sul e a outra no norte do país. Em poucas décadas, esse movimento haveria de transformar de modo permanente e profundo a face do protestantismo nacional. A Igreja Deus é Amor, que foi a primeira a se estabelecer na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, surgiu no ano de 1962 durante a segunda fase do pentecostalismo no Brasil – que foi quando houve ramificações e surgiram igrejas de várias denominações. Ela foi fundada por David Miranda, paranaense radicado na cidade de São Paulo, ganhou adeptos rapidamente passando a ser uma das maiores denominações do pentecostalismo brasileiro⁸⁸. Essa segunda fase do pentecostalismo é chamada de neopentecostal.

O neopentecostalismo ou pentecostalismo autônomo partilha das mesmas convicções, valores e práticas do pentecostalismo clássico: ênfase nos dons espirituais, especialmente os mais extraordinários, línguas, profecias, curas; forte emotividade, especialmente nos cultos; ênfase na pessoa e atividade do Espírito Santo; valorização da figura do líder, o “ungido do Senhor”; preocupação constante com as forças do mal; e grande ênfase no conceito de poder.

Todavia, os grupos neopentecostais distinguem-se da sua matriz ou por darem uma ênfase incomum a determinados aspectos da herança pentecostal (por

⁸⁷ PASSOS, Mauro. ROCHA, Daniel. Em tempos de pós-pentecostalismo: repensando a contribuição de Paulo Siepierski para o estudo do pentecostalismo brasileiro. In: **Revista Angelus Novus**, Nº 3. 2012 p 261-290. Disponível em: <http://www.usp.br/ran/ojs/index.php/angelusnovus/article/viewArticle/143> Acesso: 31 de out. de 2013.

⁸⁸ FRESTON, Paul. “Breve história do pentecostalismo brasileiro”. In: ANTONIAZZI, Alberto *et al.* Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 67-159.

exemplo, curas, revelações e exorcismo), ou por adotarem novas ideias e práticas, muitas delas provindas dos Estados Unidos (como batalha espiritual, o evangelho da prosperidade, maldição hereditária e assim por diante). Aliás, um dos traços mais marcantes do neopentecostalismo é sua criatividade, sua capacidade de inovação, o esforço para manter o interesse dos fiéis e evitar a rotina. Continuamente são apresentados novos slogans, ensinamentos e práticas⁸⁹.

Um dos fatores mais citados como causa da rápida inserção no Brasil das doutrinas protestantes foi a ausência da Igreja Católica oficial, sentida, sobretudo, no mundo rural. Entretanto, outro fator importante foram as características do homem rural, que formavam núcleos de sítiantes, os quais tinham como marcas a independência e a liberdade, a simplicidade econômica e a independência política. Nesse contexto, o protestantismo teve uma adesão favorecida e suas características foram mescladas com os do catolicismo dito rústico.

Logo, a ideologia protestante encontrou um espaço propício à sua disseminação. A população “desfavorecida” do mundo rural formava núcleos distantes uns dos outros os tornando autossuficientes, onde a presença do padre, representante oficial da religião católica e do poder dominante, ora ele mesmo senhor de terras, ora como expropriador do simbólico, não era bem aceita pelo sítiante⁹⁰.

É difícil precisar um período exato da história para a inserção do protestantismo na região mais central do Brasil, onde as modificações chegavam mais lentamente. Contudo, acredita-se que as missões protestantes chegaram no estado de Goiás devido a um trabalho evangelizador educacional iniciado em 1881, realizado pelo missionário John Boyle (considerado pioneiro na pregação do evangelismo nos estados de Minas Gerais e Goiás), com o objetivo de expandir o campo de evangelização para o Triângulo Mineiro, Noroeste Mineiro e Sul do Estado de Goiás. Um trabalho de expansão que contou com o apoio de maçons e liberais⁹¹.

Apesar do processo mais lento de assimilação das comunidades interioranas em relação às situadas no litoral, o protestantismo já começou na primeira metade do século XX a organizar igrejas em algumas cidades do interior e não mais a ter essas cidades apenas como destino de propaganda ocasional, como ocorria nas missões. Dentre os principais centros dessa interiorização do protestantismo estavam as cidades

⁸⁹ MATOS, Alderi Souza de. **O desafio do neopentecostalismo e as igrejas reformadas**. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/7090.html>. Acesso em: 31 de out. de 2013.

⁹⁰ MENDONÇA, Antônio Gouveia. FILHO, Velasque. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.

⁹¹ MENDONÇA, Antônio Gouveia. FILHO, Velasque. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990, p. 131.

de Goiânia (GO) e Nazaré da Mata (PE), ambas objeto de intensa atividade, tanto dos congregacionais como dos presbiterianos. A cidade de Goiânia (GO) se destaca porque ela foi foco ativo de resistência católica e protagonizou, por parte da Câmara Municipal, vários conflitos com a Igreja Católica, principalmente nas questões dos direitos civis das populações não católicas⁹².

A alternativa encontrada pelos missionários para a implantação das novas igrejas foi a procura de aliados. No caso da inserção do protestantismo em Catalão no início do século XX, não foi diferente. Os missionários chegaram ao município em 1902, numa missão desbravadora e pioneira no Centro-Oeste do país, distribuindo Bíblias, evangelizando e muitas vezes alfabetizando as famílias com o objetivo de estabelecer uma igreja evangélica nesta cidade. Catalão na virada do século XX apresentava-se no cenário nacional como pólo atrativo tanto por sua localização (sendo o portão de entrada em Goiás para quem vinha do Sudeste do país), como também pela informação de que haviam ricas terras na região⁹³.

Foi em meio a um clima de desenvolvimento trazido pela estrada-de-ferro que ligava Catalão ao Sudeste do país que apontaram os primeiros missionários evangélicos, encontrando uma sociedade estruturada na fé católica romana, religião até então oficial do país. Os missionários vieram incentivados pela informação de que o município catalano apresentava-se naquele momento como a principal cidade do Sudeste Goiano, servindo de portão de entrada neste estado para quem vinha do Sul e do Sudeste do país. E foi nesse contexto que eles conseguiram fundar a Igreja Cristã Evangélica em Catalão, usando como instrumentos na sua estruturação alguns membros de famílias de destaque da sociedade catalana⁹⁴.

Diante desse quadro os missionários buscaram aliados entre as famílias tradicionais, aqueles com maior influência social e política, a fim de se solidificarem de forma mais amena. No interior de Catalão, mais especificamente na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, a inserção do protestantismo ocorreu mais tardiamente, já na última década do século XX. A primeira entrada se deu pela Igreja Metodista, liderada por membros da cidade de mineira de Guarda-Mor (MG), município que faz divisa com

⁹² SANTOS, João Marcos Leitão. **A ordem Social em Crise**. A inserção do protestantismo em Pernambuco 1869-1891. 2008. 393f. Tese. (Doutorado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

⁹³ RIBEIRO, Raimundo Marinho. **A inserção do protestantismo em Catalão**. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 1996. 34 f.

⁹⁴ RIBEIRO, Raimundo Marinho. **A inserção do protestantismo em Catalão**. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 1996. 34 f. p. 30.

Catalão (GO). O primeiro culto foi realizado no Centro Comunitário o que causou divergências e conflitos. Apesar de este não ser da Igreja Católica, como a maioria dos centros comunitários do município de Catalão (GO), abrigava no período os terços e as missas mensais realizadas na comunidade. Fato que derivou em críticas e na rejeição de muitos moradores. Os cultos metodistas passaram a ser realizados então em salas de aula cedidas pela Escola Municipal Santa Inês⁹⁵.

Pouco tempo depois, já em finais da década de 1990, começou-se a cogitar a construção da primeira igreja evangélica no local, o que ocasionou novos desentendimentos, pois uma parcela dos moradores, com uma crença no catolicismo mais severa, se posicionou contra. Como solução os membros da Igreja Metodista optaram por construir sua sede na Comunidade Limoeiro, vizinha à Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Muitos dos moradores passaram então a participar de práticas religiosas fora da comunidade. Esse momento é importante já que pela primeira vez seus moradores reformulam seus vínculos religiosos com as práticas comunitárias.

Nas comunidades rurais, as relações interpessoais e sociais são marcadas pelas festas de santo, mutirões e relações de compadrio (a cordialidade entre compadres, laço contraído durante batizados católicos). Ser católico nessas comunidades é algo natural. É dar continuidade aos ensinamentos que fizeram parte de seu processo de socialização, que lhes forneceram elementos para uma determinada visão de mundo e lhes transmitiram práticas adequadas para a relação com os poderes sobrenaturais⁹⁶.

A relação com o sobrenatural, ou com o divino, era marcada por mistificação, sentimentalismo, superstição, ou seja, por fatos “irracionais”, e essa foi uma das principais dificuldades de inserção do protestantismo na zona rural. Apesar de o protestantismo esforçar-se por penetrar numa camada da sociedade brasileira caracterizada pelo analfabetismo, em momento algum abriu mão de seu intelectualismo⁹⁷, o que dificultou o seu crescimento e promoveu a reação por parte da sociedade mais ampla, uma vez que a adesão à nova fé implicava o rompimento com o sagrado, expresso nas tradições sócio-culturais e na convivência daquela população aos domingos e dias santos.

Todas essas adversidades foram sentidas pelo protestantismo na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, contudo, entre 2000 e 2001, se começou a

⁹⁵ Informação Verbal do Sr. José M. de Souza, 64 anos, ex-proprietário de fazenda na região da Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Catalão (GO), maio/2013. Duração 56 min.

⁹⁶ RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. **Mapeamento do protestantismo rural no lençol de cultura caipira brasileiro**. CADERNOS CERU, série 2, v. 19, n. 2, dezembro de 2008.

⁹⁷ MENDONÇA, Antônio Gouveia. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1995.

construir a primeira igreja, mas já da designação Deus é Amor e não Metodista. Recentemente, foi construída na comunidade a Igreja Congregação Cristã no Brasil. A Igreja Mundial também realiza cultos semanais na comunidade, mas, por ainda não possuir sede própria os cultos são feitos nas residências, principalmente na casa dos seus representantes, Rita de Oliveira Rosa e Newton Assunção Pereira. Já outros moradores se deslocam para a Fazenda Limoeiro, onde frequentam os cultos na Igreja Metodista.

A seguir são observadas as estruturas físicas das duas igrejas protestantes da Comunidade construídas em terreno cedido pela Associação dos Moradores.



Foto 1 – Templo da Deus é Amor: comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO) - 2012. Fonte: acervo da autora. Autor: Silva.



Foto 2 -: Templo da Congregação Cristã no Brasil: Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO) - 2012. Fonte: acervo da autora. Autora: Silva.

As duas construções estão localizadas uma ao lado da outra e, contraditoriamente, se situam em frente aos bares da Comunidade. Seus cultos são realizados normalmente nos dias de quarta-feira à noite ou nos sábados à tarde, com o intuito de evitar o movimento mais intenso dos bares. Quanto às tardes de domingo, a única manifestação religiosa ainda presente na Comunidade são as tradicionais rezas católicas (terços cantados). Nenhum depoente registrou uma relação direta entre os dias de realização dos cultos evangélicos e das rezas católicas, no entanto, não é difícil entrever para uma estratégia que busca evitar possíveis desconfortos daqueles que, porventura, queiram participar das duas celebrações.

A chegada das igrejas protestantes na Comunidade Cruzeiro dos Martírios interferiu na lógica e na relação dos moradores com o simbólico e com as tradicionais práticas religiosas locais. Algumas práticas católicas foram alteradas por causa da perda de fiéis, como é o caso da própria Folia de Reis, que teve parte de seus membros convertidos ao protestantismo.

Entretanto, a partir do momento de inserção do protestantismo na comunidade também observa-se uma maior presença oficial da Igreja Católica na região, com o aumento de missas realizadas nas comunidades circundantes o Distrito de Santo Antônio do Rio Verde e um maior empenho na construção das igrejas em comunidades como Cruzeiro dos Martírios e Cubatão, que até então não contavam com ambientes físicos oficiais da Igreja para a realização das missas. Essa maior presença também se fez sentir nas manifestações e festas religiosas da região, uma maior visibilidade das práticas do catolicismo oficial nas festas religiosas populares, como a obrigatoriedade de realização de missas, procissões e rezas do terço. Ou seja, a presença do catolicismo oficial nas comunidades rurais de Catalão teve como impulso a chegada de uma religião concorrente.

No período anterior à década de 1990, essas comunidades, por se situarem em regiões de difícil acesso e por serem pouco povoadas, não despertavam muito interesse político, econômico e nem religioso por parte da Igreja Católica oficial. Os moradores dessas comunidades rurais raramente tinham contato com um pároco, chegando a sofrer um processo de descrédito por praticarem ações religiosas como

batizados em casa ou na fogueira de São João que não são próprios do catolicismo oficial⁹⁸.

Se não houve uma resistência do catolicismo oficial, devido ao estado de abandono em que algumas comunidades se encontravam, houve, em contraposição, certa rejeição dos próprios moradores dessas regiões, devido à religião já pré-estabelecida, a partir de práticas e vivências cotidianas do homem do campo. A partir de então o protestantismo teve se reinventar dando origem a uma nova forma religiosa: o protestantismo rural⁹⁹. Nessa nova forma de protestantismo, observa-se a inexistência de rupturas com o catolicismo de raiz pré-existente nas comunidades rurais brasileiras, a mensagem racional do protestante adaptou-se à crença no sobrenatural, inserindo-a no conjunto de suas explicações lógicas do universo ali habitado.

1.5 A interação entre o “lugar” a festa

Analisar manifestações sócio-culturais e religiosas populares como a Folia de Reis possibilita compreender as práticas e tradições de determinados grupos, bem como conhecer os lugares nos quais elas ocorrem. Seguindo tal pressuposto, o lugar pode ser aqui caracterizado como um ambiente formado pelas relações sociais, políticas, econômicas e culturais entre os indivíduos a ele pertencentes, podendo apresentar ainda relações de poder e dominação e/ou apropriação¹⁰⁰. A partir dessa perspectiva torna-se importante refletir sobre a Folia de Reis e sua relevância para a constituição das identidades dos moradores e do próprio lugar, a Comunidade Cruzeiro dos Martírios.

Para Hall (2011).

O “lugar” é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas [...] Os lugares permanecem fixos; é neles que temos “raízes”. Entretanto, o espaço pode ser “cruzado” num piscar de olhos¹⁰¹.

As transformações ocorridas no lugar com o qual os indivíduos criam o sentimento de pertença, certamente repercutem na vivência desses indivíduos. O lugar, a

⁹⁸ RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. **Mapeamento do protestantismo rural no lençol de cultura caipira brasileiro**. CADERNOS CERU, série 2, v. 19, n. 2, dezembro de 2008.

⁹⁹ Id., 2008, p. 117.

¹⁰⁰ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “**No Rancho Fundo**”: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009. 244 p.

¹⁰¹ HALL, Stuart. **A Identidade na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11a ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

grosso modo, não considerando as especificidades da ciência geográfica, é o pedaço do espaço em que os sujeitos vivem o sagrado e o profano, as alegrias e as tristeza, as chegadas e as partidas, o dia a dia, o concreto e também a possibilidade do que pode vir a ser. É no lugar que se dá o cotidiano, que as relações se humanizam, que brotam as lutas e emergem as resistências¹⁰².

Desse modo os elementos constitutivos do lugar correspondem a determinada rede de relações que podem mudar no tempo e no espaço. O lugar é o espaço vivido, em que ocorrem as práticas sociais cotidianas. No cotidiano, na vida de todo dia, é que se encontra a chave para o entendimento do conhecimento produzido pelos indivíduos nas relações sociais¹⁰³ a partir das experiências de vida. É no cotidiano que estão inscritos os elementos das práticas sócio-culturais e religiosas populares.

Os mecanismos de poder, regulamentação e disciplinamento da sociedade, que tentam controlar a vida dos homens, podem ser burlados através de práticas, táticas e estratégias de sobrevivência que os indivíduos criam na dinâmica cotidiana. A vida social torna-se espaço de negociação dentro de um cotidiano improvisado, sempre possível de ser re-inventado¹⁰⁴.

É importante considerar que no estudo sobre as festas religiosas populares, especificamente sobre a Folia de Reis é preciso analisar, sobretudo, o lugar da prática religiosa, bem como sua caracterização como patrimônio da comunidade. As práticas vivenciadas e produzidas por um dado grupo social podem definir a composição ou estrutura social do “lugar” onde ocorrem¹⁰⁵. As festas podem, então, ser interpretadas de acordo com seu conjunto de sentidos, que se distanciam de modelos conceituais, mas se aproximam das práticas simbólicas individuais e/ou coletivas.

A população rural no Brasil esteve por muito tempo espalhada pelo interior. Os grupos estabeleciam e fincavam raízes distantes uns dos outros ou fundavam pequenas comunidades. Entretanto, próximas ou distantes, as famílias de uma mesma comunidade estavam ligadas pelos laços de parentesco, pelo vínculo com o lugar que habitavam e também pelo compromisso com a solidariedade, manifestada principalmente na participação dos vizinhos nas tarefas do campo e pelas atividades

¹⁰² MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaço**: Cultura Popular e Lazer na Cidade. São Paulo: Hucitec, 2003.

¹⁰³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O cotidiano da república**. Porto Alegre. Editora da UFRGS. 1990.

¹⁰⁴ CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

¹⁰⁵ PINTO, Jorge Luiz Dias. Hoje é dia de Santos Reis: a visita do sagrado nas casas de Maringá-PR. In: **Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH - Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades**. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

religiosas e de lazer. Tudo isto representou a estrutura fundamental da sociabilidade rural¹⁰⁶.

Nesse panorama, as festas religiosas na Comunidade Cruzeiro dos Martírios eram um momento simbólico ímpar no transcorrer do ano. Tratando-se mais especificamente da Folia de Reis, pode-se assinalar que a festa era o auge da partilha, da união entre as famílias e até há poucos anos era um dos poucos meios de entretenimento e diversão dos moradores. “É necessário a entrega por inteiro durante os dias de festa, da mesma maneira como as mulheres e os homens que preparam, dias antes, o cenário de uma casa de fazenda ou mesmo um rancho de beira de estrada para a passagem ou chegada da folia”¹⁰⁷. Sob todos os seus aspectos, às festas de santo no meio rural podem ser atribuídos inumeráveis sentidos, de acordo com o ponto de vista com que se faz a sua análise. Podem representar a união, o valor simbólico ou ideológico, podem ser também o momento de sacrifício, a quebra voluntária da rotina etc. Cada morador também pode atribuir um sentido diferente para a sua, enxergar de modo próprio a sua importância para a Comunidade e para o lugar onde vive.

A preparação de uma festa, como a Folia de Reis, em uma comunidade, exige esforço, abdicção da rotina e cooperação de boa parte de seus moradores. Na Comunidade Cruzeiro dos Martírios de Catalão (GO), era prática habitual a reunião das mulheres da comunidade para fazer os ornamentos que enfeitariam os arcos pelos quais passaria a Folia no último dia de festa e o salão em que ocorriam os “forrós”, definição dada na região para os bailes noturnos animados por música sertaneja. Em décadas passadas esses bailes eram animados por músicos da região que usavam instrumentos como o violão, a viola, a gaita e a sanfona. Atualmente, a animação fica por conta de bandas vindas da cidade e que contam com uma grande aparelhagem de som¹⁰⁸.

Os homens, enquanto isso, saíam em espécies de mutirões para retirar do Cerrado troncos e folhas que serviriam para a cobertura do rancho, para a fabricação do mastro e da fogueira¹⁰⁹. No encerramento da festa observava-se o auge da partilha e da sociabilidade, um jantar ou almoço servido a todos os participantes. Essa prática hoje já não existe mais, devido principalmente ao aumento do número de participantes. Nem a

¹⁰⁶ DUARTE, Aline do Nascimento. **A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais**. 2008. 200f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

¹⁰⁷ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo, popular em Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

¹⁰⁸ Informação verbal da Sr^a Maria Margarida Pereira Assunção de Souza, 48 anos, moradora da Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Catalão (GO), abril/2012.

¹⁰⁹ Informação verbal da Sr. Tereza Cardoso da S. Souza, 52 anos, ex-moradora da Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Catalão (GO), maio/2013. Duração 41 min.

construção do rancho é mais necessária, o que muda o próprio aspecto físico em que são realizadas as festas religiosas, que deixaram de ser realizadas nas fazendas espalhadas pela região e passaram a ocorrer na quadra de esportes da Comunidade, que, no entanto, recebe enfeites como os ranchos recebiam.

Elementos como estes são importantes à medida que contribuem para a compreensão do caráter social da festa. E como esta pode ser um meio para se pensar as relações estabelecidas no lugar, podendo também transcender suas influências para além do salão ou espaço físico em que é realizada.

As festas são tradições marcadas por um sentimento de união compartilhado por aqueles que delas participam direta ou indiretamente. Aqui, no caso da Folia de Reis do Cruzeiro dos Martírios, essa união se refere tanto àqueles que ainda residem na comunidade quanto àqueles que foram para cidade, mas que conservam seus traços rurais, e ali voltam ao menos na época de festa, ou àqueles que nunca residiram ali, no entanto acompanham a festa como meio de lazer¹¹⁰. Desse modo, o conceito de lugar aqui se torna relativo, bem como a própria noção de comunidade, pois a tradição não possui fronteiras demarcadas fisicamente, o sentimento de pertencimento ao lugar não acaba com a distância física. Pessoas podem compartilhar normas sócio-culturais mesmo sem estarem unidas no mesmo espaço físico-geográficos através da preservação das práticas socioculturais, por meio, por exemplo, das festas em devoção aos santos católicos, cuja prática é passada de geração a geração¹¹¹.

Na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, os seus moradores estão unidos não apenas pelo espaço em que vivem, mas por laços de sangue, de parentesco e de amizade, associados às formas religiosas, culturais e sociais partilhadas entre si. Suas relações se expressam a partir de manifestações de afeto e de solidariedade, da própria formação comunitária denota para tal consideração, da partilha de alimentos em todas as práticas religiosas, do mutirão, da ajuda mútua – mesmo que sacrificante – em períodos de festa ou não, da reunião das mulheres para ornamentação e preparação da festa. É a solidariedade típica do mundo rural.

De todos os fatos que podem mostrar a constituição do sentimento de pertencimento dos moradores à comunidade, ressalta-se aqui práticas religiosas, que influenciam e são influenciadas pelo cotidiano e pelos laços afetivos de seus sujeitos.

¹¹⁰ PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano**. (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara 2007. 521 f

¹¹¹ DUARTE, Aline do Nascimento. **A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais**. 2008. 200f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

Apesar disso, o “campo” religioso da Comunidade Cruzeiro dos Martírios não é homogêneo, porque em suas relações objetivas há posições ocupadas por indivíduos divergentes: os católicos e os não católicos.

O “campo” religioso, dessa forma, é multidimensional, as relações sociais que nele ocorrem podem ser entre agentes que compartilham de interesses em comum e também entre agentes com interesses diferentes. Pode haver também disputa entre aqueles chamados de dominantes e dominados, entre agentes que possuem um acúmulo de poder e que podem definir os rumos desse campo religioso. Contudo também o constituem aqueles que procuram estratégias para mudar de posição¹¹².

O lugar, desse modo, é afetado pela relação espaço-tempo, o homem, na criação do espaço geográfico transforma a natureza em todo numa força produtiva. Os lugares passam a ter sua utilização selecionada e hierarquizada, de acordo, com a concorrência ativa ou passiva dos agentes que ali se inserem. Assim todo espaço – e diga-se todo lugar - se torna importante em decorrência de suas próprias vitalidades, sociais ou naturais; preexistentes ou adquiridas segundo intervenções seletivas. E o tempo vai caracterizar-se de acordo com esse contexto.

O espaço, desse modo, é construído socialmente a partir de vivências, da cultura e da experiência histórica. Em uma comunidade as interações entre seus membros demarcam o que é o “espaço”. Não é possível habitar “espaços em si mesmos”. Os tempos-espaços que existem em cada indivíduo, englobam realidades vividas, pensadas, imaginadas e criadas cotidianamente no processo do habitar e do sobreviver dos grupos humanos¹¹³.

Essa relação intensa entre espaço e tempo não é operada sem desconfortos e sem “perdas”. Ao contrário, os lugares de memória nesse espaço, se entrecruzam e ao mesmo tempo cada um deles forma “mundos” à parte, passíveis de serem colocados em comunicação pela memória, ou seja, mundos itinerantes e vacilantes, integrados por poderosos movimentos da memória¹¹⁴.

A Folia de Reis, da Comunidade Cruzeiro dos Martírios em Catalão (GO) sofre transformações a partir dessa relação espaço-tempo. A aceleração dos processos globais encurtou as distâncias, dando a impressão de que o mundo é menor, os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre as pessoas e lugares situados

¹¹² BOURDIEU, Pierre. **As regras da Arte**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, p. 244.

¹¹³ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “**No Rancho Fundo**”: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009, 244 p.

¹¹⁴ SEIXAS, Jacy Alves. Percursos da memória em terras de histórias: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res) sentimento**: Editora da UNICAMP, 2006, p. 37-58.

a uma grande distância¹¹⁵. Essa aceleração dos processos globais também criou tempos rápidos e tempos lentos num mesmo espaço. A Folia de Reis é marcada pelo tempo lento e ocorre num lugar em que o tempo rápido também age sobre ele.

Mudanças sofridas pela Festa em Homenagem aos Santos Reis, de Cruzeiro dos Martírios, não ocorreram isoladamente. O seu espaço-tempo se transformou, os laços de afetividade que ligavam os moradores passaram por ressignificações. O estudo dessa festa, portanto, não deve ficar restrito à narração de suas práticas e hábitos. A sua análise permite compreender a própria transformação da comunidade e a formação do seu *ethos*.

Ethos é aqui considerado como um conceito que apresenta aspectos morais, estéticos e que congrega os valores sociais de uma cultura específica. A religião, assim, enquanto fato que influi na estrutura social, conserva ou estabelece significados gerais, pelos quais o indivíduo interpreta sua experiência e se conduz na sociedade¹¹⁶.

Mas, a religião não é um fato social isolado há relações entre ela e outros fatos sociais, o que cria a divergência entre o sagrado e profano. Nenhum espaço é homogêneo ele apresenta rupturas, quebras e diferenças qualitativas. Um fato religioso traz em si o espaço sagrado e o não sagrado. Para as práticas religiosas o espaço sagrado é considerado forte e há outros espaços não sagrados, estes sem estrutura, nem consistência¹¹⁷. E cada prática religiosa apresenta uma relação própria com seus espaços sagrados e profanos.

Todo espaço sagrado implica uma hierofania – manifestação do sagrado sob forma profana em que, sagrado/profano funcionam como distintas experiências humanas. Assim, o sagrado e o profano são cercados por múltiplas e significativas variações e diferenças históricas de extrema relevância. No decorrer da história, o comportamento humano, tanto o religioso quanto o não religioso, está intrinsecamente conectado ao “*homo religiosus*”, mas com um desenvolvimento diferenciado entre suas áreas de atuação¹¹⁸.

Desse modo, o espaço religioso estaria sempre caracterizado por quebras e rupturas que o diferenciam do “não religioso”. Para Durkheim (1996), a oposição entre esses dois elementos é absoluta, para o autor não há na esfera social, dois fatos tão

¹¹⁵ HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11a ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

¹¹⁶ GEERTZ, Clifford. “Ethos, Visão de mundo, e a análise de símbolos sagrados”. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

¹¹⁷ ELIADE, Mircea. “**O sagrado e o profano - a essência de religião**”. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

¹¹⁸ ELIADE, Mircea. “**O sagrado e o profano - a essência de religião**”. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

opostos quanto o espaço religioso e o não religioso. O sagrado (ou religioso) de acordo com sua perspectiva é, por definição, aquilo que o profano não deve e não pode tocar impunemente¹¹⁹.

No entanto, o fato do sagrado e profano serem opostos não significa que não possam ocorrer ao mesmo tempo e no mesmo lugar. O que se tem evidenciado são manifestações entrecruzadas entre esses dois espaços, em que o sagrado se apresenta no profano na mesma medida em que o profano pode se desenvolver no meio sagrado, sem que haja uma linha ou divisão exata entre esses dois elementos – considerados tão distintos.

Nas cerimônias religiosas coletivas, a presença do sagrado, mesmo poderosa não promove um corte espacial que separe rigidamente sagrado e profano. O que se vivencia nessas manifestações religiosas são apropriações de ambas as partes e, em decorrência, surgem nas manifestações religiosas populares novos usos e significados. Por exemplo, um lugar consagrado ao culto, às orações, aos rituais pode se converter em lugar de reuniões festivas¹²⁰, não sem disputa.

O que se quer explicitar, aqui, é que os espaços comunitários estão marcados pelas práticas religiosas dos homens! Pois um espaço é resultante da ação dos indivíduos, da experiência e da atividade humana e, como práticas religiosas são também sociais e culturais, além de constituírem as tradições e costumes, elas também afetam e são afetadas pela transformação do espaço.

Continuidades e discontinuidades das práticas religiosas correlacionam-se com a constituição da identidade dos moradores e com o seu próprio reconhecimento diante da prática. No entanto, as continuidades não são imutáveis como, sugere Williams (1979)¹²¹, e englobam além do próprio lugar, as famílias, as instituições, a língua e a própria tradição.

Descontinuidades são traços comuns em muitas culturas, sobretudo, no que tange à constituição e à transformação vivenciadas em seu espaço. As transformações muitas vezes apresentam-se de modo físico e visível. A Festa em Homenagem aos Santos Reis, quando ainda era caracterizada por pequenas novenas, acontecia nas casas, onde se armavam os altares, e em seus terreiros construía-se ranchos, chamados de “toldas” para as danças e os leilões. No início da década de 1990 passou a ser realizada na quadra de esportes na sede da comunidade. Inicialmente essa quadra não era coberta

¹¹⁹ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

¹²⁰ ARRAIAS, Raimundo. **Matriz, freguesia, procissões**: o sagrado e o profano nos delineamentos do espaço público no Recife do século XIX. In: Projeto História, São Paulo, (24), jun. 2002.

¹²¹ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Pp. 99-137.

e necessitava do trabalho de cobertura nos dias de festa, feito a partir lonas plásticas¹²². Nos últimos anos, após a quadra ter sido coberta, esse trabalho foi dispensado. As mudanças no espaço provocaram, consequentemente, mudanças no visual e no trabalho de fazer a festa. A paisagem da sede da comunidade foi sendo modificada longo do tempo e a festa se adaptando.



Foto 3 - Quadra de esportes decorada para a Festa de Santos Reis: Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO) - 2012. Fonte: Acervo da autora. Autor: Silva.

Foto 4 - Quadra de esportes: Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO) - 2008. Fonte: Acervo da autora. Autor: Silva.

As fotos acima são da quadra de esportes, de suas áreas externas e interna. O local passou por muitas mudanças nos últimos anos e recebe há mais de duas décadas a tradicional Festa em Homenagem a Santos Reis. As quadras de esporte no espaço rural são imbuídas de muitos significados, representam muito mais do que a possibilidade de prática de esportes. Na verdade, sua maior finalidade é a realização de festas, reuniões, casamentos etc. Ou seja, são, sobretudo, locais de sociabilidade. O núcleo central da Comunidade Cruzeiro dos Martírios possui ainda a Capela de São Sebastião, as igrejas protestantes, a Escola Municipal Santa Inês, o Cemitério que é a estrutura física mais antiga, alguns bares e casas construídas em lotes cedidos pela Prefeitura Municipal de Catalão ou pela Associação de Moradores. Na sede da Comunidade há outros lugares importantes para a vida religiosa dos seus moradores, dentre eles o Centro Comunitário que abrigou as celebrações religiosas por um longo período, porque a igreja de São Sebastião só foi construída no ano de 2001.

¹²² Informação verbal: João Martins de Souza. Morador da Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Catalão (GO), abril/2012.



Foto 5 – Entrada da Comunidade: Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO) - 2012. Fonte: Acervo da autora. Autor: Silva.



Foto 6 – Centro Comunitário: comunidade Cruzeiro dos Martírios: Catalão (GO) - 2010. Fonte: Acervo da Autora. Autor: Silva.



Foto 7 – Capela de São Sebastião: Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO) - 2012. Fonte: Pesquisa de campo. Autor: Silva.



Foto 8 - Cemitério: comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO) - 2010. Fonte: Pesquisa de campo. Autor: Martins Silva.

Na foto 5 observa-se na entrada da Comunidade algumas residências. Muitas das famílias que residem nessas casas não possuíam terras ou então arrendaram ou venderam suas propriedades e para não se mudarem da região passaram a morar na sede comunitária. Como meio de subsistência, algumas pessoas trabalham para os sojicultores em trabalhos sazonais ou temporários em períodos de plantação ou colheita das lavouras ou trabalham nas poucas fazendas ainda que se dedicam à produção agropecuária. O que se observa nas regiões onde a agricultura foi intensificada é o aumento dos empregos temporários e sazonais, a pluriatividade entre os trabalhos agrícolas e a precarização do trabalho rural, significando, em muitos casos, o cruzamento de circuitos de migrações internas¹²³.

¹²³ CARMO, Maria Andréa Angelotti. **Entre safras e sonhos**: Trabalhadores rurais do sertão da Bahia à lavoura cafeeira do cerrado mineiro 1990 - 2008. Tese de Doutorado em História – PUC – SP, 2009.

Na foto 6 vê-se o Centro Comunitário, construído no início da década de 1990 e que abrigou as atividades religiosas da Comunidade até a construção da Capela. Na foto 7 observa-se a Capela de São Sebastião, cuja construção iniciou-se no ano de 2001 e que teve suas obras finalizadas recentemente. Na frente da capela há um Cruzeiro símbolo, que dá nome à Comunidade, mas o que dá nome à comunidade é o que fincado frente ao cemitério. A foto 8 mostra o cemitério da Comunidade, em torno dele é que surgiram as demais construções.

Uma festa não é apenas uma pequena parcela da Comunidade. Seu espaço e tempo não estão restritos a apenas alguns dias do ano, sua importância transcende a quadra de esportes, onde é realizada a parte lúdica, ou a igreja em que ocorre sua parte religiosa. Ela, na verdade, é resultante de vontade coletiva e individuais criadas ao longo de décadas e está representada em diversos lugares do espaço comunitário.

1.6 As várias faces de uma mesma festa: da promessa ao agradecimento pela colheita.

A devoção aos santos no catolicismo popular ocorre de várias maneiras e pode se manifestar individualmente, por exemplo, como resposta a uma promessa pessoal e coletivamente, como ação ou desejo comum à toda comunidade. Nem sempre os santos, nas comunidades rurais escolhidos como patrono, protetor ou padroeiro da comunidade, como é o caso de São Sebastião padroeiro da Comunidade Cruzeiro dos Martírios, é o mais festejado.

A promessa para receber uma graça não constitui um fim em si mesma, demonstra uma grande circulação, uma troca entre palavras, dádivas, objetos (ex-votos, dentre outros) e pessoas/promisseeiros. A promessa seria uma das características da economia do dom, que é atravessado pelo sacrifício, *o sacre facere*, que, pode-se mesmo dizer que é o meio pelo qual se dá a promessa¹²⁴.

As promessas assim como outras vivências e práticas religiosas presentes no espaço rural tendem a encontrar uma harmonização ou mesmo uma homologia estrutural atribuída a uma proposta susceptível de identificar ou desenvolver o sobrenatural como resposta de providência divina. A providência divina está presente em muitas sociedades, o santo sempre aparece como uma solução viável para a resolução dos problemas diários. Assim, a própria Folia de Reis aparece em muitos relatos como resultado de uma promessa pessoal.

¹²⁴ MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

Embora as festas de santos passem a ter um cunho individual, como no caso de cumprimento de promessa sua realização não seria possível sem uma aceitação coletiva. A crença de que os Reis Magos intervêm de maneira positiva na resolução dos problemas cotidianos na Comunidade Cruzeiro dos Martírios é que une o grupo voluntariamente para a organização da festa. Contudo, as promessas individuais aos santos não se restringem apenas a realização da Folia de Reis. Há várias outras práticas religiosas rotineiras da Comunidade. Até a alguns anos atrás era comum à realização de procissões e novenas com pedidos relacionados às forças climáticas (a maioria pedindo chuvas para melhor produtividade das pequenas roças aradas). Esse pedido, no entanto, não era de cunho individual, pois poderia vir a beneficiar mais de um agricultor. Para alcançar tal meta, muitas mulheres da Comunidade Cruzeiro dos Martírios se organizavam em grupos, saíam em procissões carregando baldes de água para regar o Cruzeiro e pedir chuva a São Sebastião¹²⁵.

Nessas práticas, acredita-se fielmente em seus intermediários e nas forças sobrenaturais, constituindo-se assim, uma religiosidade rica em eventos mágicos e simbólicos, que se apresenta em todos os momentos da vida do homem rural, desde o nascimento até a morte, envolvendo o preparo da terra, o plantio e a colheita. A familiaridade com o sagrado manifesta-se na compreensão holística do seu mundo, no qual todos os eventos do cotidiano, comuns ou extraordinários¹²⁶, estão integrados entre si e com o sagrado.

A constituição das práticas religiosas de uma comunidade é perpassada por uma série de fatores individuais que formam e constituem a vontade do grupo. E a dispersão, mais ou menos ampla, das devoções individuais pode caracterizar a comunidade¹²⁷. Muitas das práticas religiosas presentes no mundo rural partem da grande necessidade de se achar saídas para as dificuldades cotidianas e da jornada diária e incansável de trabalho no campo. Procura-se desse modo, encontrar no sagrado uma técnica de manipulação dos elementos essenciais a sua sobrevivência. Essa necessidade parece ainda maior quando há uma manifestação coletiva com implicações individuais, como a Folia de Reis no Cruzeiro dos Martírios, que até poucos anos envolvia a maioria dos membros da comunidade.

¹²⁵ Informação Verbal da Sr. Tereza Cardoso da S. Souza, 52 anos, ex-moradora da Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Catalão (GO), maio/2013. Duração 41 min.

¹²⁶ RIBEIRO, Lídice Meyer Pinto. **Mapeamento do protestantismo rural no lençol de cultura caipira brasileiro**. CADERNOS CERU, série 2, v. 19, n. 2, dezembro de 2008 p. 116.

¹²⁷ ALMEIDA, João Ferreira de. **Párocos, agricultores e a cidade: dimensões da religiosidade rural**. *Análise Social*, vol. XXIII (96), 1987-2.º, 229-240, p. 233. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223486239S3nDB5jb0Kp63PT1.pdf>

A preparação da festa, a recepção dos foliões e o encerramento das celebrações exigiam uma entrega muito maior dos organizadores e participantes em prol da “paga de promessa”, se comparada a outras festas. Além do mais é uma manifestação que marca o calendário religioso da comunidade e que foi relatada por boa parte dos moradores como a tradição mais importante e de maior visibilidade do lugar.

Além dessa festa encontram-se também outras que por muito tempo tiveram grande visibilidade. Até a década de 1990, a grande maioria de moradores da comunidade Cruzeiro dos Martírios era de denominação católica e o calendário religioso anual possuía um número maior de festas em homenagem a santos. O calendário de comemorações seguia uma ordem que tinha por base a data oficial em que a Igreja comemora o dia do santo. Dessa forma, as famílias organizavam as festas em homenagem aos Santos Reis (06 de janeiro), São Sebastião (20 de janeiro), Santo Antônio (13 de junho), São João (24 de junho) e Nossa Senhora da Abadia (15 de agosto). Nessas festas os moradores se reuniam e rezavam o terço (reza típica da religião católica)¹²⁸.

Esse calendário foi alterado. Os festeiros passaram a visar o lucro e uma maior participação do público externo e com isso algumas comemorações tiveram seu mês de realização modificado. Um dos motivos é o período chuvoso que faz com que as estradas entre os meses de dezembro e março fiquem praticamente intransitáveis. As principais datas alteradas foram as relacionadas à Folia de Reis e a festa em homenagem a São Sebastião, ambas as festas típicas do mês de janeiro.

[...] Em nome do santo já passou a não fazer a festa em janeiro, por exemplo, ela dava em dia muito chuvoso. Porque, seis de janeiro, naquele tempo “inverno” começava em dezembro, e janeiro, fevereiro, março era tudo de chuva. Então o povo fazia aquelas festas, tudo embaixo de chuva. Tudo no barro, dançava no barro, atolando. Mas aquilo, aquilo era com uma alegria imensa, que eu mesmo no meu tempo tinha, mas hoje parece que não sei se é porque a gente ficou mais distante daquele tempo já não tem mais aquela alegria. Aí hoje já passou as festas do mês de janeiro que era de Santos Reis pro mês de abril. Porque o tempo já era enxuto, era um tempo mais, parece que já tinha mais jeito de explorar. A de agosto, por exemplo, hoje quase nem faz ela mais [...]¹²⁹.

A comercialização das festas religiosas na zona rural de Catalão é um

¹²⁸ Fonte Oral: Sr. José M. de Souza, 64 anos, ex-proprietário de fazenda na região da Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Catalão (GO), maio/2013. Duração 56 min.

¹²⁹ Fonte Oral: Sr. José M. de Souza, 64 anos, ex-proprietário de fazenda na região da Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Catalão (GO), maio/2013. Duração 56 min.

aspecto bastante difundido em praticamente todas as comunidades que ainda abrigam eventos religiosos como esses. No que tange às comemorações aos Santos Reis e a outros santos no Cruzeiro dos Martírios, acima as transformações não se restringem ao aspecto econômico e turístico. Festas como as que ocorriam em homenagem a Santo Antônio, São João e Nossa Senhora da Abadia foram condensadas em uma única festa, deixando de “levar” o nome do santo para passar a ser denominada Festa dos Produtores Rurais. Em tese, seria uma festa laica, uma vez que muitos desses produtores não se denominam mais como católicos. Não há a parte religiosa, como: missas, terços ou procissões. No entanto, a estruturação, local utilizado e organização ainda giram no mesmo sentido que o das festas religiosas.¹³⁰. A festa é organizada pela Associação dos Moradores da Comunidade desde o ano de 2007.



Foto 9 - Chegada da cavalgada: Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO) - 2008. Fonte: Acervo da autora. Autor: SILVA.

A foto 9 é da tradicional cavalgada que acontece em todas as edições da Festa dos Produtores Rurais. Essas cavalgadas são realizadas sempre no último dia da festa e geralmente é servido um almoço antes da saída dos cavaleiros e amazonas que seguem em direção à sede da Comunidade – no ano de 2008 o almoço foi realizado pelo Sr. José de Oliveira Rosa (Zé Rosa), que pode ser identificado mais à frente na foto. O trajeto varia de acordo com a fazenda escolhida para a saída dos participantes. Já as chegadas são feitas no campo de futebol, que fica à frente da quadra de esportes. Os cavaleiros são recebidos na Comunidade com festa e muitos fogos de artifício, uma forma de organização que remete para a mesma estrutura em que é realizada a Folias de

¹³⁰ Observações registradas no Diário de Campo.

Reis.

Na próxima foto pode-se identificar outro momento que também é muito próximo ao das festas religiosas: o baile noturno.



Foto 10 – Baile noturno na Festa dos Produtores Rurais: comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO) - 2009. Fonte: acervo pessoal da autora. Autor SILVA

A parte noturna da festa acontece com a mesma estrutura e no mesmo local em que são realizadas as festas em homenagens a santos, uma das poucas diferenças observadas é a ausência do altar. Os outros eventos desta festa também são similares aos que ocorrem durante as festas religiosas, como: cavalgadas, torneios esportivos, bingos, campeonatos de truco etc. O objetivo da realização dessas atividades continua sendo o desejo de atrair um público maior e aumentar o lucro da festa.

É comum verificar na fala dos moradores um sentimento de nostalgia em relação a um “tempo antigo”, principalmente no que se refere a práticas que se reformularam, ou que passaram a existir apenas em outro plano, como o da memória. O que era comum em seu tempo já deixou de ser rotineiro e mesmo que volte a ser realizado não possuirá a mesma simbologia que era atribuída à prática no tempo passado.

Muitos moradores chegam a compreender a Festa dos Produtores Rurais como uma sobreposição à própria Festa em Homenagem à Nossa Senhora da Abadia, que acontecia entre os meses de agosto e setembro, e que não vem mais sendo realizada já alguns anos. O desaparecimento da festa tem entre suas causas a dificuldade em se encontrar festeiros dispostos a realizá-la, a mesma dificuldade que se repete em outras

práticas religiosas da comunidade. Outra causa é a dificuldade de diálogo entre a Igreja Católica, que se posiciona, muitas vezes, de forma contrária a essas práticas culturais/religiosas, e a Associação de Moradores, que se recusa a pagar a porcentagem exigida pela Igreja Católica.



Foto 11 - Altar da Festa em Homenagem a N.ª. Sr.ª da Abadia: Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO) - 1999. Fonte: Arquivo Pessoal da autora.

Na foto 11 pode-se ver no altar feito em homenagem à Nossa Senhora da Abadia, a imagem em estátua da santa, flores artificiais, toalhas brancas bordadas pelas próprias moradoras da Comunidade. Ao centro do altar e ao fundo, está a Bandeira, com a imagem da Santa impressa, que era erguida no mastro após a procissão e a reza do terço. O mastro é um símbolo muito lembrado nas Festas de São João, mas não só na Comunidade Cruzeiro dos Martírios como também em outras é utilizado em outras festas de santo.

Quando as festas ainda eram realizadas nas casas das famílias, o mastro muitas vezes tinha a função de revelar ao visitante já de início não só a preferência da devoção familiar a certo santo, mas também o local da festa que, por aqueles dias, estava sagrado. Já adentrando o ambiente da casa, muitas vezes era possível perceber altares, imagens nas paredes e outros símbolos que sinalizavam a presença do sagrado no espaço familiar¹³¹.

As ressignificações e transformações não fizeram com que as práticas religiosas perdessem a sua importância, uma vez que elas estão presentes na história da

¹³¹ MENDES, Luciana Aparecida de Souza. **As Folias de Reis em Três Lagoas**: a circularidade na religiosidade popular. 143 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Grandes Dourados, UFGD. Três Lagoas, 2007.

comunidade desde a sua origem. O fato é que elas formaram e ajudaram a constituir as identidades dos moradores da comunidade, bem como representam um fator essencial para o sentimento de pertencimento do grupo, construído historicamente com o local onde habitam.

II. O “FAZER” A FOLIA E O ‘SER’ FOLIÃO: o giro entre 1974-2012



Entrega da Coroa: Comunidade Cruzeiro dos Martírios – 2012.

As Folias de Reis são festas populares de cunho religioso cada qual com suas particularidades, seja em suas práticas devocionais ou no seu universo de sentidos e significados. Quando são realizadas no meio rural essas particularidades se estendem para além do campo religioso, no qual é o momento de pagar as promessas, agradecer ou fazer novos pedidos, abrigam também vivências, experiências e meios de sociabilidade.

A Folia de Reis possui uma lógica diferente da de outras festas populares religiosas. A diferença principal é o *giro* realizado pelos foliões e a disposição das famílias em recebê-lo. Durante o percurso há a necessidade de cumprimento de várias práticas tanto por parte dos foliões e por parte de quem recebe a Folia. É um trajeto simbólico que lembra a jornada dos três Reis Magos do Oriente em direção a Belém, onde segundo a narração bíblica o Menino Jesus acabara de nascer.

A Folia é “essencialmente uma prática religiosa coletiva e uma sequência de rituais entendidos como capazes de colocar em evidência a solidariedade entre todos os participantes”¹³². Compartilhando dessa mesma perspectiva, Pessoa (2007)¹³³ apresenta as folias como uma forma de saber voltada para a solidariedade humana expressa pelos sujeitos sociais que a praticam e a compõem.

No município de Catalão (GO), o *giro* são dias de andanças e cantorias dos foliões e devotos que, empunhando instrumentos musicais, trajando fardamento colorido, tendo um palhaço, um embaixador e um gerente, levam à frente uma bandeira, um estandarte com motivos religiosos, Estrela-Guia para direcioná-los durante a jornada. Passam de casa em casa, pedindo, com cantoria para que o dono da casa seja solidário aos Santos Reis e ofereça-lhes presentes (ofertas, chamadas por alguns de esmolas).

¹³² BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. In: **Estudos Avançados**, 2004, p. 396.

¹³³ PESSOA, Jadir de Moraes. Mestres de Caixa e da Viola. In: **Caderno Cedes**. Campinas, vol. 27, n. 71, p. 63-83, jan./abr. 2007, p. 64. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>



Foto 12– A Folia e sua composição: Comunidade Cruzeiro dos Martírios Catalão (GO) – 1970-1973. Fonte: Acervo da autora.

Observa-se na fotografia acima a formação de um grupo de Folia de Reis. Os componentes, em número mínimo de doze, podem ser divididos em três grupos: aquele que segura a bandeira (alferes), dois palhaços e o coro (formado por cantores e instrumentistas). Cada um dos grupos tem seu significado e sua função a desempenhar.

Ao se fazer a Folia ocorrem usos e (re)apropriações do espaço dela, são alternados códigos e objetos vão aderindo sentidos ao longo da jornada, uma verdadeira “arte de fazer” dos seus praticantes. Cada indivíduo tem sua própria compreensão acerca da sua prática. Cada sujeito interpreta suas práticas culturais cotidianas, assim são muitas as “maneiras de fazer”, que maneiras quase invisíveis, que “constituem as mil práticas pelas quais os usuários se apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção cultural”¹³⁴.

Os significados de uma Folia envolvem vários momentos e elementos, alguns herdados há séculos, outros desenvolvidos ou reformuladas recentemente como resposta a uma cultura flexível que permite várias articulações. A dispersão dessa prática na história remonta à Idade Média nos países ibéricos. No Brasil ela foi adaptada de acordo com novos sentidos e acabou por se misturar com práticas remanescentes de religiões de matriz africana e indígena¹³⁵.

A partir dessa correlação de sentidos e significados que se ampliam e se transformam, de acordo com o tempo e com o lugar, é que a Festa de Santos Reis deve

¹³⁴ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 141.

¹³⁵ PESSOA, Jadir de Moraes; FÉLIX, Madeleine. **As viagens dos Reis Magos**. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

ser pensada. Suas pluralidades e diversidades devem ser postas em destaque, até mesmo para que se possa compreender o seu afastamento do catolicismo oficial. É importante considerar o papel que ela exerce nas comunidades em que está inserida, pois a Folia de Reis serve como meio de identificação dos modos como a realidade social é construída, pensada e de como os sujeitos sociais se inserem nessa prática.

Desse modo, a reflexão sobre os elementos presentes na Folia de Reis da Comunidade Cruzeiro dos Martírios, bem como a origem e o fim das apresentações do grupo de foliões que foi responsável pela jornada entre meados da década de 1970 até o ano de 2004, poderá mostrar parte das identidades dos sujeitos da comunidade e sua realidade. Em relação à formação desse grupo, pode-se analisar as diferentes formas de realização do *giro*, suas práticas particulares e também a presença de elementos herdados de outras regiões, principalmente a influência mineira na estruturação e na maneira de condução da folia.

A influência das práticas culturais de Minas Gerais sobre Goiás não é uma característica exclusiva da Folia aqui estudada. O Noroeste Mineiro (composto por dezenove municípios que se dividem em duas microrregiões: Microrregião Paracatu, formada por: Paracatu, Brasilândia de Minas, Guarda-Mor, João Pinheiro, Lagamar, Lagoa Grande, São Gonçalo do Abaeté, Varjão de Minas, Vazante e Riachinho; Microrregião Unaí, composta por: Unaí, Arinos, Bonfinópolis de Minas, Buritis, Cabeceira Grande, Dom Bosco, Formoso, Natalândia e Uruana de Minas) foi uma região de trânsito dos bandeirantes paulistas que em suas viagens interioranas buscavam ouro nos estados de Goiás e de Mato Grosso. Os lugares dessas regiões serviam de ponto de parada para estes transeuntes antes que estes seguissem caminho em direção às novas minas¹³⁶, contribuindo para a interação de práticas e rituais entre os três estados: São Paulo, Minas Gerais e Goiás.

¹³⁶ TEIXEIRA, João L. C. Gabriel. **Performance e Identidade**: o Estado das Artes Populares no Planalto Central do Brasil, p. 3. Disponível em: <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a48-jteixeira.pdf>

2.1 A formação do Grupo de Foliões na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Região de Santo Antônio do Rio Verde.

Atualmente, as Folias de Reis no Brasil se caracterizam por serem grupos precatórios de cantores e de instrumentistas, antes dos quais vem um ou dois personagens fantasiados, comumente chamados de “palhaços”, e outros acompanhantes, que peregrinam de casa em casa de moradores rurais. As suas comemorações começam na época do Natal e vão até o dia 06 de janeiro, dia de Santos Reis pelo Calendário Católico, representando a jornada feita pelos Três Reis Magos do Oriente em direção a Belém¹³⁷.

As Folias são festas populares de origem europeia, dedicadas a representar a cena bíblica em que os Três Reis Magos visitam a manjedoura em que se encontrava o menino Jesus após o seu nascimento. Durante a Idade Média, na Península Ibérica, foram iniciadas as comemorações em homenagem aos Reis Magos, disseminando-se também a prática de dar e receber presentes. Os reis eram representados individualmente ou por meio de grupos, com indumentária própria ou não, visitavam os amigos ou pessoas conhecidas na tarde ou noite de cinco de janeiro (véspera de Santos Reis) cantando e dançando ou apenas cantando versos alusivos a data e solicitando alimentos ou dinheiro. No trajeto eram representadas pelos foliões as situações vividas pelos Reis Magos em direção à cidade de Belém¹³⁸.

A crença nos Reis Magos é a motivação primordial para a realização da Folia. A fé se apresenta como um repositório privilegiado de práticas e formas de devoção que são expressas na Folia a partir de cantorias, recitação de versos, doação de esmolas, acompanhamento da Folia e sacrifício.

[...] Eu tenho muita fé com Santos Reis. Os Três Reis têm poder. E nós quando saí em uma Folia, nós fica mais ou menos igual aos Reis Santos, nós temos a função com maior responsabilidade. Nossa Folia não bebe pinga, não tem narquia [...]¹³⁹.

A partir da fala do Sr. Lázaro R. da Silveira que foi Folião Guia por mais de três décadas na região de Santo Antônio do Rio Verde é possível compreender a

¹³⁷ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo, popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

¹³⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1984.

¹³⁹ Fonte oral: Sr. Lázaro Rodrigues da Silveira, 72 anos, Folião Guia entre os anos de 1974-2004. Santo Antônio do Rio Verde. Catalão (GO), março/2013. Duração 35 min.

importância da prática e a devoção nos Três Reis Santos. Uma devoção que deve ser marcada pelo respeito e responsabilidade de seus membros.

As práticas rituais, com seus símbolos e simbolismos, presentes na Folia de Reis utilizem simbolismos recriam e representam fé. O símbolo é dinâmico e no encontro com ele se adquire o conhecimento, que se fixa por uma representação (ora mais concreta e sensorial, ora mais abstrata e intelectual)¹⁴⁰.

Os símbolos surgiram como uma estruturação das relações do homem com o mundo. Ele permite a análise relacional entre presente e passado além de uma conjugação entre o visível e o invisível presente em uma sociedade. É certo, que há uma distinção entre o real e o possível, ou seja, entre as coisas reais e as ideais¹⁴¹. Por isso, um símbolo não tem existência real, não participa do mundo físico, na verdade, ele possui apenas sentidos.

O devoto vê o sagrado através dos símbolos que, deste modo, propiciam o encontro da pessoa com o sagrado e não apenas uma visualização deste símbolo. Remete ao transcendente, porque não há outra forma de alcançá-lo, senão através do símbolo. Assim, o símbolo é a representação visível de uma realidade invisível, uma amarra paradoxal entre realidades aparentemente opostas, integra em único olhar a realidade em si e para além de si, estabelecendo uma sintonia profunda com a totalidade¹⁴².

A Folia de Reis, saturada de símbolos, aponta para um universo de sentidos peculiares, porque cada folia, por mais que se aproxime em seu sentido conceitual de uma outra, se diferencia em sua composição, na sua forma de condução e na história de vida dos sujeitos que a compõem. As motivações, os interesses e conflitos de uma Folia são distintos dos de outra¹⁴³. Não há uma regra que determine ou congregue todas as suas particularidades.

Falar de uma Folia não é falar de todas, não há padrão nem regra fixa para a apresentação desses grupos. Por isso, a questão de seus significados e sentidos se volta para os sujeitos, os foliões, pois são eles que fazem a Folia. Como se relacionam com a crença nos Santos Reis? Como eles constroem suas narrativas de vida e seu processo de

¹⁴⁰ OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. O símbolo e o ex-voto em Canindé. **Revista de Estudos da Religião**. Nº3 /2003/ pp.99-107. ISSN1677-1222. Disponível em: http://www4.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_oliveira.pdf Acesso: 30 de jun. de 2013

¹⁴¹ CASSIRER, Ernst. **Filosofia das formas simbólicas I**. A Linguagem. Fondo de Cultura Econômica: México, 1994.

¹⁴² OLIVEIRA, Simone Gonçalves de. A bandeira pede passagem. Folia de Reis: fé e festar entre a tradição e a modernidade. In: PEREIRA, Mabel Salgado; CAMURÇA, Marcelo Ayres. (Orgs.). **Festa e religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais**. Juiz de Fora: Templo, 2003.

¹⁴³ BONESSO, Márcio. **Encontro de Bandeiras: as folias de reis em festa no triângulo mineiro**. Uberlândia. EDUFU, 2012, p. 86.

identificação a partir dessa prática religiosa e/ou cultural? E quais os embates e conflitos são gerados e vividos a partir da Folia?

É necessário avaliar as particularidades de cada grupo, os grupos de foliões se diferenciam um do outro por inúmeros fatores como: os versos cantados, a maneira de cumprir a “jornada”, as vestimentas e a relação com os símbolos presentes na Folia¹⁴⁴. E são as variáveis, a diferença e o incomum, que levam querer conhecer o grupo de Foliões que percorria a Comunidade Cruzeiro dos Martírios durante os dias de festa. Esse grupo, assim como muitos outros, foi formado a partir do desejo de cultuar e homenagear os Três Reis Magos em sua localidade. Desde o início das apresentações passou por inúmeras reformulações e hoje enfrenta dificuldades para continuar se apresentando, em grande parte pelo envelhecimento ou conversão de seus componentes a outras crenças.

A Comunidade Cruzeiro dos Martírios nunca possuiu um grupo de foliões próprio com membros oriundos da própria comunidade, pelo contrário, a participação de pessoas da comunidade na Folia se restringia muitas vezes somente à função de Palhaço (travessão maior) uma das poucas funções que não possuíam um participante fixo, mudando ano após ano.

O palhaço em outras regiões também é conhecido como “boneco” ou “bastião” e precisa conhecer todos os componentes básicos da folia. É que, por tradição, o palhaço é o guardião do Menino Jesus, ele é o único que pode passar à frente da Bandeira, o objeto simbólico mais importante desta prática religiosa, sempre que necessário. Por isso, ele se torna o ponto de contato entre os foliões e os donos das casas que recebem o grupo¹⁴⁵.

Os palhaços também podem ser interpretados como os Reis Magos ou como soldados de Herodes, enviados para matar o Menino Jesus e convertidos milagrosamente ao encontrarem os Reis Magos no caminho entre Jerusalém e Belém¹⁴⁶. Existe também, embora menos frequente a interpretação de que os palhaços seriam pessoas que faziam micagens para retardar, com o seu humorismo, as tropas de Herodes enviadas para matar o Menino.

Os demais membros que compunham o grupo eram moradores da Comunidade Cubatão, vizinha à Comunidade Cruzeiro dos Martírios. A festa em

¹⁴⁴ PEDROSO, Carlos. **Folia de Reis**: folclore encantado. ISBN 85-900699-2-3. Uberaba, 2003.

¹⁴⁵ PESSOA, Jadir de Moraes. Mestres de Caixa e da Viola. In: **Caderno Cedex**. Campinas, vol. 27, n. 71, p. 63-83, jan./abr. 2007, p. 70. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

¹⁴⁶ Informação Verbal Sr. Lazaro Rodrigues da Silveira, 72 anos, Folião Guia entre os anos de 1974-2004. Santo Antônio do Rio Verde. Catalão (GO), março/2013. Duração 35 min.

Homenagem aos Santos Reis teria ocorrido inicialmente em tal Comunidade e depois teria sido apropriada pelo Cruzeiro dos Martírios.

Apropriações são comuns em festas religiosas populares como esta, ou seja, isso não se configuraria como um ponto atípico em relação a outras Folias. Porém, os embates gerados a partir dessa apropriação é um ponto importante a ser destacado, as folias carregam em seu interior mais do que um aglomerado de sentidos, congregando também disputas e embates entre seus sujeitos.

As Festas em Homenagem aos Santos Reis sempre ocorreram nas fazendas espalhadas pelo município de Catalão (GO) que fazem divisa com o estado de Minas Gerais, as companhias não eram locais, ao contrário vinham de municípios mineiros como Guarda-Mor (MG), Paracatu (MG), Lagamar (MG) e Coromandel (MG). Não é de se estranhar, desse modo que a fundação do primeiro grupo de Foliões de Reis na região de Santo Antônio do Rio Verde, na primeira metade da década de 1970, esteja ligada às festas mineiras. Muitos jovens goianos, nesse período atravessavam a divisa entre os dois estados para participar das festas realizadas em Guarda-Mor (MG)¹⁴⁷. Ali eles não somente participavam das festas, mas também observavam e aprendiam as cantorias. Pouco tempo depois decidiram formar seu próprio grupo na região próxima ao Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, englobando as fazendas que ali circundavam.

De acordo, com Seu Lázaro Rodrigues da Silveira, ainda na juventude, ele, o irmão Almir da Silveira e um grupo de amigos saíam todos os anos de suas casas, montados em seus cavalos, e se dirigiam para o município mineiro mais próximo, Guarda-Mor (MG). Contudo, por volta do ano de 1974, devido a desavenças e atritos criados com um grupo de jovens mineiros, os goianos resolveram criar seu próprio grupo de Foliões, para não ter a necessidade de cruzar a divisa para participar da Folia¹⁴⁸.

O primeiro grupo tinha sua estrutura formada por Antônio Elias, que era o “folião de guia”, responsável pelo comando da companhia, Lázaro Rodrigues da Silveira, Almir da Silveira Machado, Mané Boneco, José Lobo (repentista), Joaquim Cardoso (instrumentista), Alaor (repentista), Joaquim “Doido” (caixeiro) e Carlos Gregório, entre outros. Com o passar dos anos outros membros foram sendo incorporados, principalmente os de sobrenome Rabelo, como: Antônio Rabelo e

¹⁴⁷ Informação verbal da Sr^a Deila Magda Nogueira, 54 anos, filha de folião. Santo Antônio do Rio Verde. Catalão (GO), março/2013.

¹⁴⁸ Informação verbal do Sr. Lázaro Rodrigues da Silveira, 72 anos, Folião Guia entre os anos de 1974-2004. Distrito de Santo Antônio do Rio Verde. Catalão (GO), março/2013. Duração 35 min.

Francisco Rabelo. Na imagem seguinte observa-se a formação do primeiro grupo de foliões, ainda quando participavam das folias realizadas no estado de Minas Gerais.



Foto 13 – Membros do primeiro grupo de foliões: Vila de Santo Antônio, Guarda-Mor (MG) – 1970-1973. Fonte: arquivo pessoal. Cedido por: Nogueira.

No momento da foto o grupo ainda estava se formando, por isso ainda não tinha se instrumentalizado e nem portava os símbolos comuns aos grupos de Folia de Reis. Por isso, seus componentes não estão uniformizados (ou fardados – como muitos preferem dizer), não há também a presença da Bandeira, elemento que serve para identificar o grupo.

Durante a pesquisa, pouquíssimas fotos antigas foram encontradas. Muitos dos foliões ou festeiros não tiveram a oportunidade ou interesse em registrar os momentos da Folia ou da Festa, lembrando que câmeras ou outros equipamentos de gravação até há poucos anos não eram comuns na zona rural. A foto acima foi cedida por Carlos Nogueira, 77 anos, antigo membro da Folia, ele não se recorda ao certo quando ela foi tirada e meu de todos os componentes da foto. Contudo, afirmou que essa foto foi tirada na última folia em que seu grupo de amigos participou no município de Guarda-Mor (MG). Logo após essa foto o grupo de Foliões no Distrito de Santo Antônio do Rio Verde foi formado.

Antes da formação do grupo, os fazendeiros da região recorriam a grupos de fora para a realização festa. Falias mineiras eram convidadas a fazer o *giro* na região.

A primeira folia que veio e eu cantei nela e cantei gritando lá sabe?
Toda cantoria que tivesse eu gostava de tá nela. Aí a Folia de Minas

veio de Coromandel... Lagamar veio cá e eu entrei mais meus companheiros, tudo de festa¹⁴⁹.

Não eram, portanto, apenas os jovens goianos que participavam das festas em Minas Gerais, as festas realizadas no território goiano também contavam com a participação de grupos mineiros, o que promoveu grandes trocas entre os dois estados. Entre as famílias da região mais tradicionais na organização de festas em homenagem a Santos em suas propriedades destaca-se a Rabelo, sobretudo na Festa em Homenagem aos Santos Reis.

Eu alembro deu menino na fazenda, ai não tinha essas coisas igual tem hoje e a festas era realizada na fazenda. Aí era assim diferente [...] Desde que eu me entendo por gente vem essa tradição de Santos Reis, primeiro ia dormir na fazenda, nós dava pouso, janta, café da manhã¹⁵⁰.

Conforme afirmou o Sr. Lourenço Rabelo de Souza a realização das festas na região era diferente. Atualmente, possui novas características e intuitos. A saída e a chegada já não são mais realizadas nas fazendas, como bem lembrou o Sr. Lourenço. As mudanças estão relacionadas com mudanças de vida dos participantes da Folia de Reis na região.

Como observado acima o primeiro grupo de foliões teve como Folião Guia Antônio Elias. Essa função, durante alguns anos, foi destinada a Seu Lázaro, que permaneceu no cargo até as últimas apresentações do grupo. O Folião-Guia é o personagem responsável por comandar a Folia e em folias de outras regiões pode possuir outras designações. Mestre, Embaixador, Tirador e Capitão são os nomes mais empregados na designação da mesma função, de enorme importância em qualquer Folia de Reis¹⁵¹.

O posto de Folião Guia durante os anos que a Folia percorreu os arredores de Santo Antônio do Rio Verde foi o mais estável. Outras funções dentro do grupo são difíceis de serem relacionadas apenas a um nome devido à saída e à entrada de componentes, o que demonstra a possibilidade de mobilidade em uma folia. Porém, mesmo com muitas alterações em sua estrutura, esse grupo realizou a Folia da Comunidade Cruzeiro dos Martírios por mais de três décadas, no período que

¹⁴⁹ Fonte oral Sr Carlos Nogueira, 77 anos, repentista no antigo grupo de foliões. Distrito de Santo Antônio do Rio Verde. Catalão (GO), março/2013.

¹⁵⁰ Fonte oral do Sr Lourenço Rabelo de Souza, 81 anos, o morador mais antigo da região Cruzeiro dos Martírios. Distrito de Santo Antônio do Rio Verde. Catalão (GO), abril/2012.

¹⁵¹ PESSOA, Jadir de Moraes; FÉLIX, Madeleine. **As viagens dos Reis Magos**. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

compreende meados da década de 1970 até o ano de 2004, última apresentação do grupo com o *giro* completo.

Durante esse período a mesma Folia percorreu praticamente todas as “fazendas” no entorno do Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, compreendendo comunidades como: Cubatão, Limoeiro, Anta-Gorda, Contendas etc.. Desse modo, a questão que aqui se coloca é a seguinte: se a Folia visitava tantas fazendas, como a Festa em Homenagem aos Santos Reis tem sua realização restrita à Comunidade Cruzeiro dos Martírios, não havendo uma mobilidade desta entre essas localidades?

Nesse ponto, retorna-se à questão da apropriação da Folia, que vai muito além da concentração da Festa em Homenagem aos Santos Reis na quadra de esportes da Comunidade Cruzeiro dos Martírios e está diretamente ligada ao sentimento de posse que os moradores da Comunidade em questão sentem em relação à Folia. Eles possuem um sentimento de identificação com essa prática cultural que não é observado em outras comunidades que também recebiam a visita da Folia, os festeiros responsáveis pela organização da festa podiam até ser de outras comunidades, no entanto, ainda assim a realização se dava na Comunidade Cruzeiro dos Martírios. A explicação poderia ser a própria estrutura física da comunidade, que favorece a realização de festas religiosas, no entanto isso não impossibilitaria a realização da festa em outros locais, porque ela poderia acontecer até mesmo em residências.

Na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, a Folia representa um ritual, uma quebra na rotina bucólica de seus moradores, ela é revestida de importância e tida como prática religiosa indispensável a suas vivências. Tal fato se justifica entre outros aspectos pela união comunitária dos próprios moradores que não é sentida com tanta força em outras comunidades. Das “fazendas” ou comunidades rurais localizadas no Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, Cruzeiro dos Martírios foi uma das primeiras a se consolidar como comunidade e a criar uma Associação de Moradores, apesar da distância da sede do município. Foi uma das primeiras a construir uma capela própria que atualmente é mantida, dentre outras verbas, pela própria arrecadação da festa¹⁵².

Desse modo, há um interesse maior por parte da Comunidade Cruzeiro dos Martírios para que a festa aconteça ali, ao mesmo passo que outras comunidades não apresentam o mesmo empenho. De acordo com relatos, a apropriação da Festa ocorreu da seguinte forma: alguém teria pegado o “ramo”, flores que simbolizam a promessa feita ao santo e o contrato de realização da festa no próximo ano, contudo após a

¹⁵² Informação Verbal da Sr^a Maria Margarida Pereira Assunção de Souza, 48 anos, moradora da Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Catalão (GO), abril/2012.

realização da festa e da promessa cumprida, o “ramo” de flores que deveria novamente transitar entre as propriedades das redondezas permaneceu na Comunidade Cruzeiro dos Martírios¹⁵³.

Inicialmente a festa era realizada nas fazendas, assim como eram as outras festas religiosas do local, o que favorecia a sua mudança do local, pois o momento da chegada da Folia a cada ano era realizado em um local diferente. No entanto, no início da década de 1990, atendendo a uma tendência regional de comercialização das festas, a chegada da Folia passou a ser concentrada na sede da Comunidade e o forró realizado no último de Folia abandonou os ranchos de palha construídos nos terreiros das fazendas para passar a ser realizado na quadra de esportes da Comunidade Cruzeiro dos Martírios.

São muitos os fatos que configuram a Folia de Reis na Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Criações e adaptações foram necessárias para que ela chegasse a ser criada ou continuasse a existir. Mas esse aspecto também não é uma realidade inédita nos cenários da cultura popular.

Nos contextos culturais é que se atribui sentidos aos espaços e situações gerados. As manifestações culturais dão vazão aos mundos sociais que criamos, destruimos e recriamos, socializando porções de uma natureza intencionada, transformada em fragmentos e sistemas da cultura. Essa mesma cultura nos transforma de meros indivíduos biológicos a seres sociais (sujeitos de uma cultura), agentes ativos na construção de espaço, de lugares, de crenças e também de conceitos, canções e teorias a respeito de práticas que de algum modo pertencem a nós, na mesma medida em que pertencemos a elas¹⁵⁴.

Mesmo a que Folia não tenha se originado na Comunidade Cruzeiro dos Martírios e tenha sua constituição a partir de apropriações derivadas de outras localidades, ela passou a ser considerada patrimônio imaterial do local. Para Gomes (2008) o patrimônio cultural configura-se como uma construção social que diz respeito a toda a sociedade e, especialmente, àqueles sujeitos sociais que produzem e perpetuam esse patrimônio. Em outras palavras, o patrimônio cultural imaterial é composto pelas principais referências culturais de um grupo e só terá continuidade enquanto lhe for atribuído sentido por parte dessas pessoas, sujeitos de seu patrimônio¹⁵⁵.

¹⁵³ Informação Verbal da Sr^a Maria Margarida Pereira Assunção de Souza, 48 anos, moradora da Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Catalão (GO), abril/2012.

¹⁵⁴ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo, popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

¹⁵⁵ GOMES, Ana Carolina Rios. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial: recriando as Folias de Reis. In: **VIII Seminário de Pós Graduação em Geografia da Unesp**. ISBN: 978-85-88454-15-6. Rio

As Folias de Reis, a partir dessa premissa, são importantes para o processo de identificação dos moradores e devotos com as práticas religiosas e com o próprio lugar que habitam. Embora boa parte do grupo de foliões não residisse na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, eles, ainda assim, eram personagens conhecidas dos moradores, pois já haviam morado e/ou frequentavam a região.

Nesse sentido, a Folia passou a estar presente no calendário anual de festas da Comunidade, representando um elemento essencial da vivência religiosa e social dos moradores. Com o passar dos anos, passou a estar presente no imaginário local como uma prática a ser mantida e preservada pelas futuras gerações, condicionando os indivíduos a agir conforme um modo de vida que neles foi introduzido desde o nascimento. Esses indivíduos foram inseridos e formados dentro de uma tradição. A partir da Folia de Reis eles constroem um modo de representar suas vivências e experiências a partir um sistema de valores que dão sentido a sua existência como povo e como coletividade¹⁵⁶.

No imaginário o pensamento se manifesta pelas imagens que vêm à mente como forma da realidade, ou seja, a imagem visual é transformada, ao se evocá-la ela reaparece mentalmente mesmo que o referente não esteja mais no campo visual. A sociedade constrói sua ordem simbólica, que, se por um lado, não é o que se convencionou chamar de real (mas sim uma sua representação), por outro lado, é também outra forma de existência da realidade histórica¹⁵⁷.

A partir dessa prerrogativa, constata-se que para se compreender os costumes de qualquer grupo social se deve levar em conta o que esses costumes representam para esse grupo, o que, como nos diria Chartier (1990)¹⁵⁸, envolve processos com os quais se constrói sentidos existenciais já que as representações podem ser pensadas como esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido graças a práticas herdadas e construídas no passado.

Claro/SP. 2008, p. 1282. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/igce/simpgeo/1281-1294ana.pdf>. Acesso em: 01 de dez. de 2013.

¹⁵⁶ CARVALHO, Edsonina Josefa de. **Estrela do Oriente**: uma Folia de Reis do Setor Pedro Ludovico Goiânia, Goiás. 2009 126 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, 2009. Disponível em: http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=614 Acesso em: maio/2012.

¹⁵⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra História**: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História, n. 29, 1995.

¹⁵⁸ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

2.2 A festa e seus momentos: a saída, o pouso e o *giro*

De acordo com o imaginário popular os Três Reis Magos, a que a tradição atribuiu os nomes de Gaspar, Baltazar e Melchior, viajaram do Oriente por dias até chegar a Belém na Judéia para conhecer e levar presentes ao Menino Jesus. Nada mais conveniente que a festa em homenagem a eles lembre tal circunstância e também demore vários dias, geralmente se prolongando entre o Natal e o dia seis de janeiro, Dia de Santos Reis. Desse modo, a Folia estabelece o giro¹⁵⁹. Depois da saída da Folia inicia-se o percurso que termina com a chegada. Em muitos lugares tanto o caminho percorrido, assim como o local de saída e o de chegada variam de ano para ano.

Das primeiras folias realizadas na década de 1970 até as suas últimas edições, o giro mudou de forma expressiva. A quantidade e a variedade de alimentos oferecidos em cada parada, a quantidade de dias e as distâncias percorridas pelos foliões, tudo se transformou. O percurso dos foliões atualmente é facilitado por inúmeros fatores, como por exemplo, os meios de transportes motorizados.

A duração da Folia chegava a até 11 dias de jornada entre as casas da região. Não havia um limite mínimo ou máximo de dias para a realização da Folia, contudo a ela deveria sempre concluir sua caminhada com uma quantidade de dias ímpares e jamais pares.

Cantamos Folia já até onze dias, do dia 25 de dezembro até o dia 06 de janeiro. Daí dá uns onze dias, né? Agora, Folia sempre não cantamos ela par, ou sai um dia só, ou três, ou cinco, ou sete, ou nove, ou onze. Até o máximo que nós cantou foi onze dias. Não sei o porquê desse tempo atrás eles falava que folia não podia cantar uma quantidade de dias par. Só anda em dias ímpar¹⁶⁰.

Há muitos ritos que a Folia deve seguir e muitos deles não podem ser explicados, mas são postos em prática em cumprimento de uma tradição que busca ser transmitida assim como foi herdada. As lembranças, as memórias e as vivências dos foliões acerca do passado são de extrema importância, ainda mais quando se trata de práticas que já não são mais tão rotineiras como há tempos atrás.

A solidariedade e o sacrifício intensificados nos dias de festas acabavam por tornar os dias mais curtos e aproximar os moradores. Muitas casas eram visitadas

¹⁵⁹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. In: **Estudos Avançados**. 18 (52), 2004

¹⁶⁰ Fonte Oral do Sr. Almir da Silveira Machado, Folião a mais de 30 anos. Santo Antônio do Rio Verde. Catalão (GO), março/2013. Duração 25 min.

durante a jornada festiva e religiosa e quando esta chegava ao final os moradores já começavam a aguardar com ansiedade o início da festa do próximo ano.

Nas primeiras festas em homenagem aos Santos Reis, os foliões se reuniam em uma fazenda, escolhida de acordo com o pedido de algum morador que precisava pagar alguma promessa. Na casa, eram recitados versos, rezado o terço e feita a benção com a bandeira em todos os cômodos da casa. Geralmente era a mulher, dona da casa, que recebia, segurava e conduzia a bandeira pela casa. Logo após ser concluída a parte religiosa era servido um farto café da manhã para os componentes do grupo antes que esses iniciassem sua jornada.

No momento da saída eram recitados versos em forma de preces, alguns dos versos possuem estrutura fixa, outros podem ser elaborados de acordo com o pedido feito pelo dono da casa.

Primeiro Verso

Pai e Filho, Espírito Santo,
Santos Reis desce do céu
Em hora de devoção
Trazendo nossa benção.

Segundo Verso

São João que disse a Maria
São João beija o altar
Santos Reis benze o caminho
Para a folia passar.

Terceiro Verso

Deus vos salve o santo altar
Que a dona da casa fez
Deus vos salve bandeira santa
Bandeira de Santos Reis.

Quarto Verso

Pelo sinal da Santa Cruz
Pai, Filho e Espírito Santo
Vamos benzer nossos corpos
Pra livrar-nos de alguns quebrantos.

Quinto Verso

Pai, Filho e Espírito Santo

Sétimo Verso

Vamos foliões
Com prazer e alegria
Encontrar Menino
São José Santa Maria

Oitavo Verso

A bandeira vai seguindo
Com a estrela do oriente
Encontrar o Deus Menino
Ele mesmo já recente

Nono Verso

Adeus, festeiros
Eu já vou me retirar
Com a bandeira dos Reis Magos
É presença do lugar

Décimo Verso

Vos despede da bandeira
Esta Imagem Sagrada
Estes são os Três Reis Magos
Nesta bandeira pintada

Décimo Primeiro Verso

Santos Reis desce do Céu

Em hora de Deus, amém
Santos Reis está de viagem
Para os lados de Belém

Sexto Verso

Deus vos salve o santo altar
Com os santos que estão presentes
Santos Reis desce do Céu
Ele mesmo já recente

Dentro de um jardim de flor
Abençoando as casas santas
Consagrando os moradores

Décimo Segundo Verso

O alferes da bandeira
Capitão de nossa guia
Com o Divino Três Reis Santos
Pra seguir nossa folia

Esses versos foram cedidos por Seu Lázaro. Foram utilizados nas folias realizadas por ele na região. Na cópia original, (anexo A), constam duas datas: uma participação especial que fizeram em uma Festa de Santos Reis no município de Guarda-Mor (MG) em 05 de junho de 1984 e a segunda data se refere à própria Comunidade Cruzeiro dos Martírios na data de 22 de abril de 1998.

São encontrados em todos os versos personagens e situações bíblicas, contudo o traço mais interessante desses versos é que todos eles fazem referência ao próprio cotidiano e vivência da Folia, retratam as dificuldades e complexidades do lugar, estas que podem ser sanadas a partir do ritual da Folia: “*Santos Reis desce do Céu/ Dentro de um/ jardim de flor/ Abençoando as casas santas/ Consagrando os moradores*”.

O conjunto de vozes, a execução dos instrumentos, a aura de mistério dos versos sentidos e das histórias da crença causavam uma verdadeira fascinação nos fiéis. Os versos têm por base relatos bíblicos, mas, em suma, refletem o cotidiano, dificuldades encontradas pelo homem do campo e vivências dos próprios foliões. Antigos mestres de Folia que, por sua vez, teriam aprendido com seus pais ou parentes próximos faziam questão de explicitar esse conteúdo bíblico relido em versos, por meio de sequências que eram chamadas de *colunas*. Havia a Coluna da Anunciação, a Coluna da Viagem dos Três Reis, a Coluna do Nascimento e a Coluna do Padecimento, cada uma delas para um momento adequado. Em algumas situações, poderiam até cantar um pouco de cada uma, como, por exemplo, na chegada a um presépio. Em geral, essas colunas faziam parte de uma herança preciosa em velhos cadernos de versos, guardados cuidadosamente¹⁶¹.

¹⁶¹ PESSOA, Jadir de Moraes. Mestres de Caixa e da Viola. In: **Caderno Ceddes**. Campinas, vol. 27, n. 71, p. 63-83, jan./abr. 2007, p. 64. Disponível em <<http://www.ceddes.unicamp.br>>

Os versos acima se referem ao ritual da saída e por isso possuem também um sentimento de despedida da casa, pois após a consagração da casa os foliões devem se organizar e partir para o giro, ou seja, para a visita às outras casas da região: “*O alferes da bandeira/ Capitão de nossa guia/ Com o Divino Três Reis Santos/ Pra seguir nossa folia*”.

Não há dúvidas que o elemento indispensável de uma Folia é o giro, ele é composto por vários momentos que, em sequência, vão definindo e dando forma às práticas e rituais religiosos. Cada Folia tem um método próprio de condução durante sua jornada, varia de acordo com a região. As principais distinções entre uma Folia e outra são os versos cantados, a estruturação dos músicos e instrumentistas, os nomes dados a cada ocupação, a forma de organização do giro e a relação dos seus personagens com a fé.

Dentre todas as comemorações e festas populares, a Folia se destaca por possuir um ritual sofisticado e ao mesmo tempo mais longo, repleto de elementos. O decorrer do giro é marcado por inúmeras paradas, cada uma delas repleta de símbolos que denotam devoção, fartura e sacrifício oferecidos ao Menino Jesus¹⁶². Entre os símbolos mais vistos encontramos a bandeira, o presépio representando a Sagrada Família, os arcos construídos para a chegada da folia, as roupas coloridas que identificam os foliões, os instrumentos sempre decorados com fitas e outros apetrechos.

Boa parte desses elementos pode ser vistos nos altares que abrigam o presépio, esses necessariamente devem ser coloridos e enfeitados para a recepção ou despedida da Folia. Não havia a necessidade de ornamentação de altares em todas as residências que fazem parte do giro, contudo eles eram indispensáveis naquelas que recebiam a Folia durante o pouso, pois era no altar que ficava exposta a bandeira, eles também eram necessários nas casas responsáveis pela saída e pela chegada do grupo de foliões.

¹⁶² BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. In: **Estudos Avançados**. 18 (52), 2004

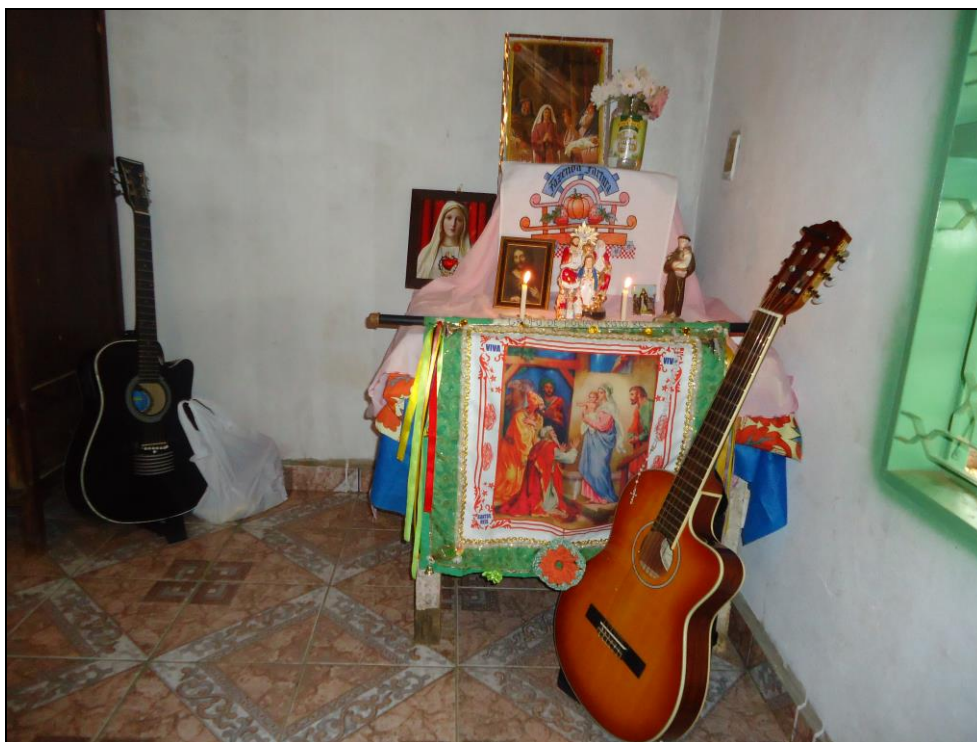


Foto 14 – Altar da saída: Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO) – 2012. Fonte: Acervo da autora.

Na foto 14 pode-se observar alguns instrumentos próximos ao altar (antes da saída dos foliões) para que sejam abençoados pelos Três Reis Santos e pela Sagrada Família, representados na bandeira e no presépio ao centro do altar. Além da representação da Sagrada Família, temos também na imagem e a representação de outros santos de devoção dos donos da casa.

A jornada da Folia reflete acontecimentos bíblicos que, entoados nos versos dos cantadores, também são dramatizados e interpretados. O imaginário coletivo juntou à viagem aventureira dos Três Reis Magos do Oriente, a perseguição de Herodes a primogênitos, à fuga da Sagrada Família para o Egito. Acontecimentos apresentados em um ritual de fé, que não deixa de ser lúdico e pedagógico. Também podem ser outros personagens¹⁶³.

Para além dos fatos bíblicos representados é interessante também pensar a forma como as pessoas se distribuem na organização da festa. Por onde a Folia passa, há uma mobilização voluntária à sua espera. Alguns seguem os foliões em seu trajeto, Outros aguardam e preparam suas casas para a recepção do grupo. Uma festa ganha evidência de acordo com sua mobilização, o número de pessoas e a quantidade de símbolos que giram em torno dela.

¹⁶³ CASSIANO, Célia Maria. **Memórias Itinerantes**: um estudo sobre a recriação de Folia de Reis em Campinas. 1998. 218f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade de Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

A Folia, desse modo, se encaixa em um universo simbólico que permite não apenas entrever através dela uma modalidade de expressão religiosa, mas também observar manifestações de outras esferas da vida coletiva, tais como o sistema de distribuição de alimentos, concepções de tempo, espaço etc¹⁶⁴.

Todo o percurso da Folia durante os dias de festa estão divididos entre a saída, as visitas nas residências, os pousos e a chegada. O *giro* da folia são percursos entre um pouso e outro. Com a bandeira de Santos Reis à sua frente, ela caminha pelas estradas das fazendas, passando nas casas dos moradores, a quem o grupo pede donativos. Outras práticas devocionais também se fazem presentes, como a reza do terço, que não é um traço exclusivo da Folia de Reis¹⁶⁵.

“Seu” Lázaro Rodrigues da Silveira, Folião-Guia por muitos anos na região de Santo Antônio do Rio Verde, relata a fartura de alimentos presentes na festa, com ênfase para quando estas ainda eram realizadas nas fazendas. O festeiro, contando com a colaboração e a cooperação dos fazendeiros vizinhos, arrecadava leitoas, bezerros, frangos etc. para ajudar com os gastos da festança. As doações podiam ser feitas no intuito de ajudar o festeiro, mas havia situações que por conta de “pagas de promessa” o festeiro do ano arcava com todas as despesas sem aceitar nenhum tipo de doação¹⁶⁶.

Há um ritual de cantoria para o pedido de donativos.

Nós cantava a oração da Folia de Santos Reis e pedia pedindo...
E no momento já pedia também a esmola pra ajudar na festa né?
Fazia a arrecadação da festa. Cada casa a pessoa a pessoa
segurava com uma mão a bandeira e punha na bandeira a
esmola. Às vezes muitos tinha a vontade de dar um donativo,
mas não tinha condições né? Então nós cantava o verso, aquele
verso que se ele pusesse a mão na bandeira o que deu mil *contos*
ou dez mil, ele tava dando a mesma coisa. Porque ele tava com
vontade de dar de coração¹⁶⁷.

Ao longo da realização da Folia de Reis, todos acreditam que os moradores das fazendas e dos sítios têm de receber os foliões em suas casas e lhes ofertar esmolos, ou, além delas, comida e lugar de pouso. Caso não seja possível arcar com tais gastos, o

¹⁶⁴ LIMA, Nei Clara. **Pilar**: um giro pelo sagrado. Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 1990, p. 57.

¹⁶⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo, popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004, p. 387.

¹⁶⁶ Informação verbal do Sr. Lázaro Rodrigues da Silveira, 72 anos, Folião Guia entre os anos de 1974-2004. Santo Antônio do Rio Verde. Catalão (GO), março/2013. Duração 35 min.

¹⁶⁷ Fonte ora:l Sr Carlos Nogueira, 77 anos, repentista no antigo grupo de foliões. Santo Antônio do Rio Verde. Catalão (GO), março/2013.

morador pode apenas receber a visita da Folia sem ter a obrigatoriedade de lhe oferecer algo em troca.

Nas residências visitadas, primeiramente, se reza o terço, posteriormente se faz o ritual de passagem da bandeira por todos os cômodos da casa e cada membro da família reverencia a bandeira. Logo após é servido um “banquete” aos foliões. Em cada casa, os foliões devem aceitar a comida que lhes é oferecida, mesmo que tenham acabado de realizar uma refeição na casa anterior, pois a comida é a forma de retribuir a visita e as bênçãos recebidas de Santos Reis.

A alimentação é muito importante durante o percurso da Folia e está presente em todos os seus momentos: sua saída, na passagem pelas fazendas, no pouso e na chegada. E entre a variedade enorme de signos presentes em festas religiosas populares, o que mais chama a atenção é a associação bastante recorrente de louvor a um santo e a uma farta distribuição de comida, discordando do discurso pregado pelo catolicismo oficial sobre sobriedade e continência. Se a festa aglomera poucas pessoas e se há escassez na variedade de comida oferecida, logo se pressupõe que ela está perdendo seu brilho¹⁶⁸.

Nessas festas as relações de troca entre os homens teoricamente poderiam substituir a ideia de sacrifício evidenciado no Catolicismo oficial. Entretanto, a Folia envolve sim abdições, que nem sempre são possíveis. Renunciar a um bem, seja em forma de dinheiro ou de algum produto, como donativo oferecido à Folia e aos santos pode ser difícil para os moradores mais pobres da região. Segundo “Seu” Lázaro da Silveira, em casos extremos, o proprietário poderia pedir ao Folião-Guia que não passasse em sua residência, pois não teria condições de contribuir com a Folia e gostaria de evitar o constrangimento¹⁶⁹.

A oferta de comida e festa no meio rural são muito importantes, como no trabalho voluntário e gratuito de “mutirão”, uma reunião de pessoas para prestar auxílio gratuito aos lavradores vizinhos, o beneficiado é quem nesse dia, faz as despesas das refeições. A maioria dos mutirões termina com um pagode, uma festa, com danças a que comparecem os parentes de todos os trabalhadores do mutirão¹⁷⁰.

A Folia é, assim, um momento em que as relações solidárias são reproduzidas em um máximo de suas possibilidades atuais. Ela é, portanto, um ritual

¹⁶⁸ LIMA, Nei Clara. **Pilar**: um giro pelo sagrado. Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 1990.

¹⁶⁹ Informação verbal do Sr. Lázaro Rodrigues da Silveira, 72 anos, Folião Guia entre os anos de 1974-2004. Santo Antônio do Rio Verde. Catalão (GO), março/2013. Duração 35 min.

¹⁷⁰ PEDROSO, Carlos. **Folia de Reis**: folclore encantado. ISBN 85-900699-2-3. Uberaba, 2003, p. 58.

coletivo de louvor a três santos e, ao mesmo tempo, uma sequência de momentos de prestações de serviços gratuitos – ainda que ritualmente impositivas – de serviços e de reforços de laços comunitários de solidariedade¹⁷¹. Na Folia de Reis a recepção dos foliões em suas casas, a oferta de esmolas, ou de comida e de pouso simbolizam que quem os faz têm o que agradecer e o que repartir¹⁷².

Trocas acontecem em todos os momentos da festa e de variáveis modos, no entanto, durante o pouso da Folia ela é maior. Os donos da casa que recepcionam os foliões não são os festeiros, não terão lucros com sua ação, somente um gasto alto com bebidas e comida para acolher os foliões. Desse modo, a principal motivação para se receber a Folia para o pouso é a devoção aos Santos Reis e a esperança de alcançar alguma graça em troca da ação de se receber a Folia.

O pouso, na fala dos foliões, deve ser acima de tudo, um momento de respeito para o com o dono da casa. Bebidas alcoólicas deveriam ser consumidas somente a partir do término das cantorias. Se houvessem apenas mulheres para receber os foliões eles não aceitavam a acolhida. O responsável por manter a ordem era sempre o Folião-Guia que disciplinava os integrantes da Folia durante a estadia¹⁷³.

Contudo, o pouso é um elemento cada vez menos presente nas Folias atuais, por duas fortes razões: a primeira é que não há muitas pessoas dispostas a arcar com gastos e trabalho para receber os foliões; a segunda é o desenvolvimento nos meios de transporte, o deslocamento da Folia que se tornou bem mais ágil, o que faz com os seus membros possam fazer a caminhada durante o dia e a noite ainda conseguem retornar as suas respectivas casas. As dificuldades vivenciadas durante o *giro* já não são mais sentidas pelos mais jovens. Um fator importante para que haja uma autovalorização por parte dos antigos foliões.

As formas de relacionamento, do homem rural com sua crença também foram afetadas pelo desenvolvimento tecnológico. Não há mais um trabalho baseado na solidariedade, houve uma mudança na estrutura temporal do trabalho especificamente agrícola, a atividade sazonal que era intrinsecamente rebelde ao cálculo e à racionalização. Junta-se a isso a dispersão de moradores para as cidades e as trocas econômicas e simbólicas na zona rural cada vez mais estão revestidas de outros sentidos e formas¹⁷⁴.

¹⁷¹ PEDROSO, Carlos. **Folia de Reis**: folclore encantado. ISBN 85-900699-2-3. Uberaba, 2003, p.59.

¹⁷² BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo, popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004, p. 104.

¹⁷³ Informação Verbal do Sr. Lázaro Rodrigues da Silveira, 72 anos, Folião Guia entre os anos de 1974-2004. Santo Antônio do Rio Verde. Catalão (GO), março/2013. Duração 35 min.

¹⁷⁴ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

O homem que vivia na zona rural no período anterior ao processo de modernização do campo vivia do que era produzido por seu trabalho conforme os ritmos da natureza nos quintais, em suas pequenas roças e criações de animais. A fartura não era entendida apenas como fruto do trabalho, mas também como graça e benção. Durante os dias de festa, entregar parte de sua produção ao santo é retribuição e agradecimento e possibilidade de poder continuar contando com as graças e bênçãos.

Dessa forma a entrega imperativa de donativos está presente em todos os momentos do *giro* e não apenas na doação de prendas para a realização da festa, mas também no próprio trabalho voluntário oferecido durante a recepção da Folia. À medida que a Folia caminha levando seus símbolos sagrados, tocando seus instrumentos e repetindo seus versos de devoção, os doadores recebem recompensas por seu árduo trabalho.

A jornada dos foliões é marcada pela repetição tradicional, pelo simples, mas também pela alegria e beleza, expressas na decoração dos locais por onde passa e onde se chega e pelas músicas entoadas. Também pela fartura costumeira de comida que depois de servida a todos os presentes ainda deve sobrar¹⁷⁵, o que tem o sentido de que se teve saúde e se trabalhou e de que se é generoso, não o sentido de “ter” por “ter”.

Atualmente, a Folia na Comunidade Cruzeiro dos Martírios possui uma estrutura e uma configuração diferentes, principalmente por conta da “substituição” dos antigos foliões locais por folias originárias de outras localidades.

¹⁷⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “**No Rancho Fundo**”: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009. 244 p.



Foto 15 – Passagem da Folia: comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO) - 2010.
Fonte: acervo da autora. Autor: Silva.

Essa foto é da Folia realizada em 2010, durante sua última visita daquele ano, ou seja, o último momento antes da chegada oficial dos foliões na sede da comunidade. Logo após desembarcarem do ônibus que realizava o seu transporte eles foram recebidos pela dona da casa Margarida Pereira Assunção de Souza, a quem eles entregam a bandeira, que deve ser segurada pelos donos da residência durante toda a cantoria. A locomoção dos foliões, durante muitos anos, foi feita de diversas maneiras como: a cavalo, de carroça, em carrocerias de caminhões e até mesmo a pé. Somente nos últimos anos passou a ser feito de ônibus ou vans.

Se em meados do século XX, as Folias faziam os *giros* a pé ou a cavalo, dormiam nos pousos oferecidos pelos moradores, não trabalhavam no período, nem trocavam de roupa, no início do século XXI, é raro encontrar grupos que permanecem com tais práticas. A modernização dos meios de comunicação e transporte modificou os hábitos de toda a população, inclusive no que se refere às manifestações populares¹⁷⁶. Para acompanhar o movimento e as transformações sociais, as festas se modificaram e reestruturaram. O que era comum passou a ser incomum e o que era impensável, hoje é possível.

¹⁷⁶ MARQUES, Luana Moreira. As festas de santos reis como práticas populares brasileiras no tempo e no espaço: algumas considerações sobre a festa de Martinésia/MG. Anais **XVI Encontro nacional dos Geógrafos**. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Espaço de diálogos e práticas. Porto Alegre/RS, 2010. ISBN 978-85-99907-02-3 Disponível em: www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=632 Acesso em 25 de julho de 2011.



Foto 16 – O *terço cantado* abençoando a residência: Comunidade Cruzeiros dos Martírios, Catalão (GO) - 2010. Fonte: acervo da autora. Autor: Silva

No interior da residência é cantado o *terço* como uma forma de benção feita pelos Três Reis Magos à casa. A bandeira que continua a ser segurada pelos donos da casa ou apenas pela dona é passada em todos os cômodos como modo de abençoar cada um deles. Nesse momento os devotos acreditam que a casa recebe a visita dos Três Reis, assim como a recebida pelo Menino Jesus logo após seu nascimento, de acordo com a narração bíblica.

O grupo de foliões responsáveis pelo *giro* nessa edição da festa já não foi mais aquele conduzido por “Seu” Lázaro R. da Silveira, mas, sim um grupo chamado Cristo Rei, da cidade de Catalão (GO), convidados pelos festeiros de 2010, Lourenço Rabelo de Souza e sua esposa Ozair de Sá Souza. Esse mesmo grupo também realizou o *giro* na comunidade durante a festa de 2011. Em relação à “importação” de uma folia, vinda da sede do município, é importante assinalar que alguns de seus membros se dispõem a participar da festa mediante um pagamento que equivale a um dia de trabalho. Mas, isso não é propriamente novidade. Há cerca de sessenta anos atrás, como eram raras as pessoas que sabiam tocar instrumentos e cantar, em época de muito serviço os festeiros pagavam-lhe os dias, como nas comunidades rurais de Morro Agudo, Cisterna no município de Catalão (GO).

Boa parte dos participantes desse grupo são funcionários da prefeitura do município. No ano de 2010, todos conseguiram dispensa para poderem participar da festa, contudo, no ano de 2011 não conseguiram e alguns solicitaram pagamento para que pudessem participar do evento, que durou quatro dias.

A folia percorria em uma semana antes todas as casas, ela já tinha um roteiro, mas isso eu já não consegui, porque parece assim que os foliões são hoje minorias, sabe? E já consegue mais. Consegui uma Folia aqui de Catalão. Eu tive que pagar R\$50,00 pra cada folião por causa que alguns trabalhavam no sábado, entendeu? Eu tive que pagar o dia de serviço. Mas, assim, tudo coisas que eu fiz com amor, sabe? Se era obstáculo, era! Mas se tinha solução, eu paguei [...] Foi a segunda vez que essa Folia teve lá, inclusive é o Diogo que organiza. Na festa anterior à minha, ele não cobrou, porque ele se organizou, a prefeitura liberou todos os funcionários¹⁷⁷.

A participação e o pagamento de grupos externos à comunidade para a condução da Folia não é visto pela festeira Maria Paulina de Castro como um empecilho para a realização da festa. Ela possuía o objetivo de realizar a festa como pagamento de uma promessa feita em prol do seu cônjuge. Contudo, seu vínculo com a Comunidade é um pouco mais restrito, pois ela é moradora da cidade e frequenta a Comunidade esporadicamente há uns 15 anos – desde quando se casou com Vanderlei Rabelo, sendo assim acompanhou poucas apresentações do antigo grupo de foliões da região. E talvez por isso, não tenha sido para ela um desconforto procurar uma segunda alternativa para a realização da festa.

Já moradores pertencentes à Comunidade, com um maior vínculo com o lugar e com as tradições, não se sentem confortáveis com a participação de grupos externos. A maior lamentação se refere à falta de interesse dos mais jovens em dar continuidade ao ofício da Folia na região.

Já no ano de 2012, última festa realizada na Comunidade, o Grupo Cristo Rei não dispunha de tempo para participar do evento, pois a folia foi realizada com um atraso além do habitual, acontecendo somente no mês de setembro, período em que muitos membros da companhia, que também integram Ternos de Congo, se preparam para a Festa em Homenagem a Nossa Senhora do Rosário, que acontece no início de outubro em Catalão (GO). A solução encontrada pelos festeiros foi “convidar” uma Folia de Paracatu (MG), assim como os moradores mais antigos faziam quando ainda não havia na região um grupo de foliões.

¹⁷⁷ Fonte Oral: Maria Paulina de Castro, esposa de Vanderlei Rabelo Souza – festeiros no ano de 2011. Entrevista realizada em Catalão (GO), março/2013, duração 32 min.

2.3 Novas estratégias para a Festa de Santos Reis

Muitas transformações ocorreram na organização da Folia nos três últimos anos em que a Festa em Homenagem aos Santos Reis foi realizada, houve, por exemplo, uma discrepância em relação à ordem fundamental de uma jornada que seria: a saída, o *giro* e a chegada. Devido às contratações de grupos de foliões, essa separação sistemática dos momentos da Folia praticamente deixa de existir, tornando tanto a saída como a chegada dos Foliões um aspecto imprevisível da Festa.

As alterações enfrentadas não só pela Folia de Reis da Comunidade Cruzeiros dos Martírios, mas por boa parte das Festas de Santos Reis não as deixaram mais pobres ou fizeram com que perdessem sua essência. São consequências de uma cultura que busca se reformular e se adaptar para não ser dizimada¹⁷⁸.

A partir dessa perspectiva, se considera a contratação de grupos de Folia de outras regiões como tentativa de adaptação encontrada pelos moradores da Comunidade Cruzeiro dos Martírios para que a festa continue a existir. Entretanto, após o ano de 2004 – quando os antigos foliões da região resolveram desfazer o grupo – as etapas de realização da festa se tornaram variáveis.

Consideremos como exemplo a Festa realizada em 2012 e a “contratação” da Folia paracatuense. Nesse ano, o grande problema girou em torno de três pontos considerados fundamentais em uma Folia: a Folia fez, porque era assim que podia, a saída e a chegada no mesmo dia, no sábado, momentos antes do encerramento da festa; ou seja, não houve o *giro*, na mesma tarde de sábado, quando as mulheres se preparavam para ir para a igreja enfeitar com flores os três os arcos sob os quais a folia rotineiramente passa em seu ritual de chegada, um dos integrantes da Folia foi incumbido de avisar que eles não tinham por costume fazer a passagem por debaixo dos arcos.

No entanto, todos os versos cantados pelos foliões deixaram clara a missão confiada a eles de percorrer uma longa jornada e ao final abençoar o altar em que se encontra o Menino Jesus. Desse modo, a saída e a chegada da Folia estão separadas por uma longa jornada realizada pelos foliões, passando pelas casas da comunidade, o que não aconteceu, perdendo-se todo o significado e o sentido dos visitantes.

¹⁷⁸ MARQUES, Luana Moreira. As festas de santos reis como práticas populares brasileiras no tempo e no espaço: algumas considerações sobre a festa de Martinésia/MG. Anais **XVI Encontro nacional dos Geógrafos**. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Espaço de diálogos e práticas. Porto Alegre/RS, 2010. ISBN 978-85-99907-02-3 Disponível em: www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=632 Acesso em 25 de julho de 2011.

Na chegada da Folia os vários estudos mostram que é a parte da festa que mais sofre diferença de símbolos e significados, de um lugar para o outro. Dentre elas uma das mais importantes talvez sejam os três arcos sob os quais passa a Folia no momento da chegada. Esses arcos normalmente são confeccionados com bambus, folhas de coqueiros e algumas flores artificiais de papel crepom. Nesse momento é realizado um ritual com longas cantorias voltadas especificamente para cada um dos arcos.

Os arcos possuem significados simbólicos diferentes. O primeiro simboliza o portão de Belém, no qual os três Reis Magos passaram; no segundo se tem a representação da entrada ao local onde estava o Menino Jesus; o terceiro e último arco é a representação da manjedoura onde o encontraram. Veja-se a foto a seguir:



Foto 17 – Primeiro Arco: comunidade Cruzeiro dos Martírios: Catalão (GO)- 2010.
Fonte: acervo pessoal. Autor: Silva.

Em cada arco coloca-se um elemento simbólico e um representante espera pela passagem da Folia, abrindo passagem aos foliões. Na foto 17, do segundo arco, observamos o símbolo da meia lua segurado pelos festeiros do ano de 2010: Lourenço Rabelo de Souza e Ozair de Sá Souza.

No primeiro arco coloca-se a chave, que seria da cidade de Belém. A Meia Lua, do segundo, seria a contribuição dos Reis Magos para que Herodes não encontrasse o Menino Jesus; no último arco, a Estrela-Guia, que foi guia na jornada dos Reis Magos até o encontro do Menino Jesus e nos dias de hoje serve como guia para os

próprios devotos¹⁷⁹. Contudo, os significados para cada símbolo variam e são atribuídos pelos próprios devotos e foliões.

Durante a passagem pelos arcos são recitados alguns versos adequados ao momento.

Primeiro Verso

Hora Viva, hora viva.
 Hora viva de alegria
 Vamos nobres foliões
 Entregar nossa folia

Segundo Verso

Deus vos salve o belo encontro
 Do rei com a rainha
 Vamos todos louvar
 O menino na lapinha

Terceiro Verso

Deus vos salve o primeiro arco
 Que encontrei nessa folia
 Anunciando a Santa Morada
 Do menino de Maria

Quarto Verso

Deus vos salve o segundo arco
 Que encontrei nesta jornada
 Com muita fé e devoção
 A virgem imaculada.

Quinto Verso

Este é o terceiro arco
 Que anuncia o nascimento
 Vamos encontrar a São José
 Jesus Cristo no calis bento

Sexto Verso

Deus vos salve porta florida
 No encontro deste festeiro

Sétimo Verso

Deus vos salve este altar
 Que a dona da casa fez
 Com a santa devoção
 A espera dos três reis.

Oitavo Verso

Vou pedir nosso alfero
 Representações do lugar
 Colocar os Três Reis Santo
 Em cima do altar

Nono Verso

Ai está nosso festeiro
 Com a bandeira na mão
 Deposita no altar
 Com a santa devoção.

¹⁷⁹ BONESSO, Márcio. **Encontro de Bandeiras**: as Folias de Reis em Festa no Triangulo Mineiro. Uberlândia. EDUFU, 2012, p. 86.

A folia dos Reis Magos

Encontrarão Deus verdadeiro.

Os arcos são importantes ainda porque são eles que dão direcionamento até ao altar a parte seguinte do ritual. Ponderando-se a importância devocional e simbólica dos arcos, pode-se compreender melhor o impacto que sua ausência causou na edição da Festa de 2012. Outra ausência que também foi muito sentida pelos moradores foi a do palhaço, personagem muito estimado nas Falias da região.

Cada Folia geralmente possui dois palhaços, que são os responsáveis por puxar as duas alas de foliões. Simbolicamente podem ser irmãos ou então um casal, possuem obrigações e proibições específicas, como: jamais dançar diante da Bandeira, realizar a “Dança da Jaca”, procurar por donativos, entre outros. Podem ser chamados também de marungos e bastião (fazendo relação ao bastão que sempre carregam em suas apresentações). Sempre usam máscaras. Só as dispensam diante da imagem do Menino Jesus - exposta no presépio.

Mesmo com as ausências acentuadas pelos moradores, a Folia paracatuense fez o ritual de chegada à festa.



Foto 18 - Saída dos foliões do Centro Comunitário: comunidade Cruzeiro dos Martírios: Catalão (GO) - 2012. Fonte: acervo pessoal da autora.

A saída da Folia ocorreu no final da tarde. Nesse momento o grupo de foliões saiu do Centro Comunitário que se distancia cerca de cem metros da quadra de esportes, onde foi realizada a chegada. A foto 18 é do momento em que a companhia deixava o Centro Comunitário, passando pelos fundos do cemitério e seguindo em

direção à quadra de esportes. Nenhum morador acompanhou o trajeto, apenas esperaram pela chegada da Folia. Na imagem ainda pode-se observar as duas alas em que se divide a Folia. Identifica-se também o Alfere (responsável por segurar a bandeira), o Folião-Guia mais a frente com o violão, os repentistas e os encarregados de cada instrumento. Contudo, nenhum desses membros possuía qualquer afinidade ou proximidade com os moradores, um fato que modifica consideravelmente a relação entre a Folia e os devotos.

Como não era habitual a passagem da Folia paracatuense pelos arcos, o grupo seguiu diretamente para o altar. O altar é geralmente composto por um presépio simbolizando o nascimento do menino Jesus. Nele são realizadas preces por fiéis e também é feita a Entrega da Coroa pelos festeiros. Esse é também o momento de retorno da bandeira ao altar, colocando fim ao ciclo da jornada. Quanto à composição dos altares, na festa realizada pela Comunidade Cruzeiro dos Martírios ao longo das últimas duas décadas, o que se observa é uma simplificação na sua constituição, pois se tem optado nas últimas festas por menos elementos decorativos.



Foto 19 – Altar utilizado na chegada da Folia: comunidade Cruzeiro dos Martírios: Catalão (GO) - 2012. Fonte: acervo pessoal da autora.

Na composição desse altar observa-se a presença do presépio, elemento importante das Folias das Reis. Sua confecção é feita pelas mulheres da comunidade, em um momento que pode ser considerado um meio de socialização, já que a maioria das mulheres devotas dos Santos Reis faz questão de se reunir para contribuir na sua

ornamentação. Outro elemento importante é o ambiente onde é montado, pois logo após a passagem dos Foliões ele é desmontado para dar lugar ao espaço de dança e de festa.

Durante a festa realizada no ano de 2012, esse mesmo espaço foi utilizado para a celebração da missa, que tradicionalmente costuma ser realizada na igreja que fica ao lado da quadra de esportes. Porém, nesse ano, os festeiros, na tentativa de aumentar a participação de devotos na celebração eucarística, resolveram realizá-la na quadra de esportes, o que não é comum, pois a Igreja Católica recomenda que suas celebrações oficiais aconteçam somente dentro das igrejas. Entretanto, o então pároco Pe. Ivanilton Ferreira da Silva da Paróquia Santo Antônio de Lisboa no Distrito de Santo Antônio do Rio Verde tem assumido nos últimos anos uma postura mais flexível diante de manifestações populares da região, abrindo mais as possibilidades para que estas aconteçam.

Na foto 20 é possível visualizar o Pe. Ivanilton e o grupo litúrgico da Paróquia São José na missa, realizada no penúltimo dia de festa -- o local é a quadra de esportes, que já estava decorada para a parte profana da festa, com músicas danças, comidas e bebidas que acontece após a celebração religiosa. O último dia de festa não contou com representantes oficiais da Igreja e foi reservado apenas para a chegada ritual da folia.



Foto 20 – Missa de encerramento: Comunidade Cruzeiro dos Martírios: Catalão (GO) - 2012. Fonte: acervo pessoal.

A realização da missa durante a festa, ainda mais na quadra de esportes revela a aproximação de dois fatos da tradição católica: no mesmo espaço, o culto

oficial, feito pelo clero, e o culto popular, feito pelos foliões, cujas diferenças, e também semelhanças, não devem ser ignoradas. Nos cultos oficiais, há uma sequência de ações/ritos que deve ser seguida, não se espera que nada de extraordinário aconteça no culto popular, artistas devotos dos Santos Reis, adeptos do catolicismo popular, dirigem os rituais. Nas festas de santo tudo deve ser vivido e realizado entre as pessoas presentes, se alternam ou misturam a oração (uma ladainha, uma reza), com o canto, o gesto cerimonial e a dança. Em poucas palavras, são formas diferentes de se expressar a fé e a religiosidade¹⁸⁰.

O fato é que, conscientemente por parte da Igreja Católica, está ocorrendo um processo de interação entre os cultos oficiais e cultos populares, uma transformação marcada principalmente pela presença das celebrações oficiais nessas festas, no mesmo espaço. Contudo a situação narrada acima ainda é uma rara exceção, pois em anos anteriores seguindo recomendações doutrinárias do catolicismo oficial os representantes da Igreja não abriam mão de fazer suas celebrações na capela local. Na foto 21 observamos o altar na Igreja de São Sebastião – preparado para o último dia de festa na edição de 2011.



Foto 21 – Altar da igreja em dia de festa: comunidade Cruzeiro dos Martírios: Catalão (GO) - 2011. Fonte: acervo pessoal da autora

Durante os rituais da chegada da folia em 2012, os moradores, em voz baixa, comentavam sobre o que eles chamaram de falta de expressão e alegria no

¹⁸⁰ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. In: **Estudos Avançados**. 18 (52), 2004

desempenho dos foliões. Lourenço Rabelo de Souza um dos mais velhos frequentadores da festa relatou:

[...] A gente nunca tinha visto, inclusive tem aquela mesa da “goiabinha”, que acho que eles não vão saber cantar, ali cada um tem que falar um verso pra depois receber e passar a oferta para o outro. É bonito demais, tem uns que fala uns versos de reinado muito bonito e hoje eu estou com medo de não acontecer [...] Eu pra mim o palhaço e os arco faz muita falta¹⁸¹.

A Folia importada causou estranhamento e surpresa nos moradores. Contudo, é importante fazer ressalvas sobre essa situação, pois esse foi o meio encontrado para a reprodução de uma prática que esses mesmos moradores consideram indispensável em seu calendário de comemorações religiosas.

Entende-se um certo desencantamento expresso, sobretudo, pela falta de possibilidades da Comunidade possuir sua própria companhia. Os impactos causados por essa estratégia são sentidos para além da vida religiosa, refletem-se também no âmbito social e cultural¹⁸². Há um desejo implícito nas falas ouvidas de que alguma Companhia pudesse vir a ter os mesmos traços daquela comandada por Seu Lázaro. Porém, cada grupo apresenta suas peculiaridades e, desse modo dificilmente, na atual conjuntura, a Comunidade pode conseguir montar outro grupo de foliões ou encontrar um parecido com o anterior.

A Folia fez a adoração à Sagrada Família, representada no presépio, logo após realizaram a cantoria de coroação. Nesse ano, a coroa permaneceu no altar à espera de algum devoto disposto a realizar a próxima festa. Na chegada da festa de 2011, em que os foliões eram o Grupo Cristo Rei, foram recitados versos em torno da mesa de comida ofertada (chamada de “goiabinha” pelos moradores mais antigos). Essa mesa é importante, pois são as ofertas feitas em retribuição ao trabalho prestado pelos foliões durante os dias de festa.

¹⁸¹ Fonte oral: Sr Lourenço Rabelo de Souza, 81 anos, o morador mais antigo da região Cruzeiro dos Martírios. Distrito de Santo Antônio do Rio Verde. Catalão (GO), abril/2012.

¹⁸² BONESSO, Márcio. **Encontro de Bandeiras**: as Falias de Reis em Festa no Triangulo Mineiro. Uberlândia. EDUFU, 2012, p. 13.



Foto 22 – Mesa da Goiabinha: Catalão (GO)- 2011. Fonte: acervo pessoal da autora.

Na foto 22 temos a consagração da mesa de ofertas à Folia como recompensa pelo trajeto cumprido. À frente temos o Folião-Guia Diogo e dois dos integrantes da sua Companhia Cristo Rei, do lado direito observamos o casal de festeiros Vanderlei Rabelo e Maria Paulina de Castro, que podem ser identificados pelo uso das coroas -- símbolos comuns em festas religiosas.

Durante a realização da festa há situações atípicas, que não são comuns no restante do ano. Há um consumo exagerado de bens (comida, fogos, material de decoração) oferecidos, por quem os possui para quem os exige simbolicamente, em troca de serviços de culto, de festa e de atribuição de prestígio.



Foto 23 – Cantina da Quadra de esportes: Comunidade Cruzeiro dos Martírios: Catalão (GO) - 2012. Fonte: acervo pessoal da autora



Foto 24 – Quadra de esportes decorada: Comunidade Cruzeiro dos Martírios: Catalão (GO) - 2012. Fonte: acervo pessoal da autora

Na foto 23 vê-se a cozinha que fica ao lado da quadra de esportes. É um dos trabalhos mais importantes para o desenvolvimento da festa, pois nessa cozinha é que

são preparadas as refeições para a Chegada da Folia e também as “prendas” que serão leiloadas durante os bailes que acontecem durante as noites. Esse trabalho foi por muito tempo voluntário, mas ultimamente alguns festeiros pagam prestadores de serviços, principalmente quando eles não fazem parte da comunidade católica da região. Já na foto 24 são vistas que serão ocupadas pelo público da festa, aquelas pessoas que vão para se divertir. Para ocupar esses lugares reservados é preciso pagar. A movimentação observada nas mesas durante o dia é de pessoas responsáveis pela venda e contabilização de lucros e gastos da noite anterior.

O aspecto mais chamativo dessas comemorações é flexibilidade diante das mudanças sentidas por elas nos últimos anos. Entretanto, por mais que a festa tenha adquirido novas características, ela continua sendo um elo com o passado, a herança deixada pelos ancestrais e a marca de identificação da Comunidade. Ela remete para um passado não tão distante e boa parte dos discursos dos moradores aponta para o desejo de preservação da festa em todos os sentidos, sagrados e profanos.

3.4 A folia e a construção do “sujeito”

São os diferentes sujeitos que vivem a Folia de Reis com suas diferentes formas de devoção e reconhecimento que solidificam e perpetuam essa prática entre os diferentes grupos sociais, mantendo-a viva e atualizada no tempo presente, num espaço definido pela grande fé, devoção e religiosidade de indivíduos de poucos recursos, ao ponto encontrarem no sagrado a solução dos problemas cotidianos e a amenização das agruras da vida.

A devoção dos sujeitos que compõem a Folia é apresentada através dos papéis como: de Festeiro, Folião-Guia, alfere, Palhaço, Cantores, Instrumentistas e Devotos. Assim, a Folia é feita por diferentes personagens, desde o festeiro até aqueles que participam somente da parte lúdica da festa. Cada espaço ocupado por esses personagens sugere significados, emblemas e também disputas, pois eles expressam e contribuem para que a festa aconteça, sendo depositários da mais intensa e pura devoção nos Santos Reis¹⁸³.

Para se conhecer melhor esses diferentes sujeitos sociais é preciso compreender as relações estabelecidas entre eles, que compõem essa prática sócio-cultural e religiosa, estabelecendo relações indenitárias individuais e coletivas de fé,

¹⁸³ SOUZA, Marlene de Fátima Duarte. **Folia de Reis em Catalão** – GO: fé, devoção, significados e sujeitos. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 2001.49 f, p. 8.

crença, devoção, religiosidade e memória dentro de um processo dinâmico que envolve diferentes condicionantes.¹⁸⁴ Através da religiosidade, as pessoas, devotas e participantes da Folia de Reis procuram dar sentido às suas práticas sociais, por isso lutam pela preservação de uma tradição que vem sendo passada de geração a geração. As peregrinações de casa em casa, as rezas, a cantoria, a dança, os presépios e altares são assuntos de suas conversas e da vida cotidiana.

A festa é um “lugar” de memória coletiva, mesmo porque é uma prática sócio-cultural e religiosa, em que a identidade de cada um se constrói/reconstrói através de sua participação nela, seja em qual papel for. O corpo do folião é lúdico e também um corpo ritual, sacralizado, que sabe o valor da religiosidade repassada de geração a geração por meio da oralidade. A cada apresentação, esses conhecimentos são reinterpretados, (re)significados e, assim, preserva-se a memória coletiva e a tradição deste povo¹⁸⁵.

As festas, em qualquer das suas formas possíveis, codificam, decodificam e apresentam as ideologias, os valores e a ordem da sociedade. As festas de santo são momentos em que se vivencia uma fé compartilhada, são uma oportunidade de reunião coletiva para a aprendizagem e reconhecimento simbólico das ideologias e valores que a sociedade ou que alguns grupos mantêm em vigência. A partir de então se cria um universo baseado nessa identificação.

A Folia é uma prática que tem em seu núcleo formador uma interação constante entre coletivo e individual, desse modo, aqueles que rezam, que fazem suas preces e que acompanham, mesmo de longe também dão uma contribuição significativa para essa prática.

A manutenção desta prática, portanto, depende da existência, além do grupo da Folia, de uma quantidade de pessoas dispostas a receber o cortejo que bate às portas de suas casas oferecendo o serviço religioso, tendo como contrapartida algum tipo de oferta para a realização da festa da chegada¹⁸⁶. No entanto, o que se observa é que essa predisposição cada vez se torna mais escassa, há menos pessoas dispostas a arcar com o trabalho árduo de se formar uma folia e de se realizar uma festa em homenagem aos Santos Reis.

¹⁸⁴ Id., 2001, p. 9.

¹⁸⁵ GONÇALVES, Gabriela Marques. Religiosidade Popular e Folia de Reis. In: **Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: História e Diversidade Cultural**. Textos Completos. Realização Curso de História – ISSN 2178-1281. s/p. Disponível: <http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20%2898%29.pdf> Acesso: 31 de out. de 2013

¹⁸⁶ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo, popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004, p. 105.

As dificuldades enfrentadas durante o giro atribuíam à Folia uma maior responsabilidade e valorização ao grupo. Para “Seu” Lázaro R. da Silveira os motivos que o incentivavam já não existem mais, ele não tem condições de deixar de lado seus negócios, o posto de combustível, de que é proprietário, para se aventurar na longa jornada da Folia de Reis. E as razões e os motivos que o impulsionavam já não servem de parâmetro para seus filhos e netos, tanto que esses não se dispuseram a aprender o “ofício” de ser folião¹⁸⁷.

Esse ofício foi em muitas entrevistas mencionado mais como um “dom recebido” do que como uma prática que pode ser repassada e aprendida. “Seu” Lázaro e “Seu” Almir relatam que certa vez que foi tentado substituir algumas vozes que faltavam no grupo, para isso foram contratados cantores de duplas sertanejas da cidade de Catalão que, porém, não conseguiram alcançar as notas vocais necessárias ao canto dos versos.

O diálogo com os foliões é um momento repleto de emblemas que não deve ser reduzido apenas à narração do modo como se dava a prática da Folia, mas também e, principalmente, como os indivíduos se enxergam e se inserem dentro desta tradição de acordo com seus papéis sociais.

O estudo das memórias das Folias de Reis não pode ser restrito ao momento do ritual, porque elas são manifestações simbólicas permeadas por relações sociais que foram tecidas no cotidiano de um passado rural, um universo no qual crença e trabalho eram indissociáveis¹⁸⁸. Os grupos de foliões provêm de grupos maiores que tinham como característica a construção do espaço social enquanto um lugar efetivo de práticas coletivas elaboradas ao longo do tempo: o trabalho do dia a dia, os conhecimentos sobre a natureza, os modos de troca com o sagrado, as táticas de sobrevivência.

Embora a transmissão das Folias de Reis seja a sua continuidade através das gerações, geram-se mudanças, mesmo porque vão mudando os indivíduos que assumem as funções de mestres, bandeireiros, palhaços e foliões em geral.

A rejeição às mudanças em práticas sócio-culturais e religiosas ou a uma folia vinda de fora, como na Comunidade Cruzeiro dos Martírios retrata uma busca inesgotável por parte de alguns pela manutenção das identidades assim como foram herdadas, a transmissão, nesse caso, deveria se dar da maneira mais pura possível, mas,

¹⁸⁷ Informação Verbal do Sr. Lázaro Rodrigues da Silveira, 72 anos, Folião Guia entre os anos de 1974-2004. Santo Antônio do Rio Verde. Catalão (GO), março/2013. Duração 35 min.

¹⁸⁸ CASSIANO, Célia Maria. **Memórias Itinerantes**: um estudo sobre a recriação de Folia de Reis em Campinas. 1998. 218f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade de Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

dada a própria dinamicidade da vida, isso é difícil e muitas vezes essa “pureza passada” já foi perdida. Os cruzamentos e as misturas culturais são cada vez mais comuns no mundo globalizado. Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições. Estas retiram seus recursos de diferentes tradições culturais, o que resulta em complicados cruzamentos¹⁸⁹.

Atualmente, o antigo grupo de foliões que realizava a Folia na Comunidade Cruzeiro dos Martírios já não faz mais o *giro*, se restringindo apenas a pequenas apresentações na véspera de Natal na Paróquia de Santo Antônio do Rio Verde. A justificativa dada pelos foliões é a falta de disponibilidade por conta das tarefas diárias que, atualmente, já não podem mais ser interrompidas durante os dias de festejo. Outra dificuldade apontada por alguns é a falta de membros essenciais para a realização da folia. Três antigos participantes já faleceram e outros se converteram a religiões evangélicas. Houve até algumas tentativas de substituição desses membros com cantores da cidade de Catalão, no entanto, eles não conseguiram alcançar o timbre vocal exigido na cantoria¹⁹⁰.

A continuidade da Folia de Reis não está ameaçada como também não foi descaracterizada a partir da interrupção dos trabalhos dos antigos foliões. Um sentimento de incômodo tomou conta dos moradores da comunidade, pois sua prática mais valorizada e reconhecida, se deixar de ocorrer, afetará a identidade da comunidade em si, o que muitos encararam como um desprestígio.

Com a continuidade da Folia ameaçada pelo fim das apresentações dos foliões locais, surge a necessidade criar táticas para se construir uma nova tradição com base naquela vivenciada no passado. A necessidade de inventar tradições aparece quando existe ruptura da continuidade, ou seja, quando uma situação nova deixa de fornecer os vínculos sociais e hierárquicos aceitos na sociedade precedente surgem lacunas que podem ser preenchidas por acessórios rituais e formais¹⁹¹.

A tradição agrega e monitora a ação e a organização tempo-espacial da comunidade (ela é parte do passado, presente e futuro; é um elemento intrínseco e inseparável do lugar). Está vinculada a uma compreensão de mundo fundada na superstição, na religião e nos costumes; ela pressupõe uma atitude de resignação diante

¹⁸⁹ HALL, Stuart. **A Identidade na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11a ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011, p. 90.

¹⁹⁰ Informação Verbal do Sr. Lázaro Rodrigues da Silveira, 72 anos, Folião Guia entre os anos de 1974-2004. Santo Antônio do Rio Verde. Catalão (GO), março/2013. Duração 35 min.

¹⁹¹ HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 17.

do destino. Assim a tradição das Folias de Reis constitui um meio prático de preservação de memórias e identidades. Nas sociedades que valorizam a tradição, os rituais são mecanismos de preservar a memória coletiva dos seus sujeitos¹⁹². Assim, os dias de festa acabam por influenciar o restante do ano.

¹⁹² GONÇALVES, Maria Célia da Silva. **Folia e fé**: performance e identidade nas festas de Santos Reis em João Pinheiro (MG). Doutoranda em Sociologia-TRANSE/UnB. Disponível em: http://enap2010.files.wordpress.com/2010/03/maria_celia_silva_goncalves1.pdf

II. A Grandiosa Festa em Homenagem a Santos Reis



Palco do show ao vivo: Festa em homenagem a Santos Reis. Comunidade Cruzeiro dos Martírios - 2012

O objetivo central deste capítulo é compreender os conflitos entre o poder público, Igreja Católica e comunidade na Festa de Santos Reis na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, no município de Catalão (GO). Mas é necessário que os discursos do poder público e da igreja Católica não sobreponham ao dos moradores sobre essa prática sócio-cultural e religiosa, que faz parte da tradição local. Os meios adotados pelos moradores para manter e atrair um público maior para a festa como: torneios de futebol, bingos e o próprio baile noturno não têm surtido efeito quando o assunto é a participação, principalmente, dos mais jovens na parte religiosa do evento, como terço se missas. Há alguns anos, para se fazer uma festa na roça, fosse religiosa ou não, nada mais era necessário que gente que quisesse fazer a festa. Mas com a modernização da agricultura o poder público e a Igreja chegaram ao mundo rural com suas normas e regras.

Os organizadores de uma festa têm que providenciar alvarás de segurança, licenças ambientais etc. A burocracia também é observada na relação entre os festeiros e a Igreja Católica, que tem feito muitas exigências para a realização de festas que levam o nome de algum santo católico. Por exemplo, o repasse de uma determinada porcentagem do lucro obtido. Mas muitos festeiros não repassam, ao final das suas festas o valor exigido pela Paróquia. o que tem causado grande indisposição entre três núcleos importantes para a realização da festa: festeiros/ Associação dos moradores e Paróquia.

No caso da Festa em Homenagem aos Santos Reis da Comunidade Cruzeiro dos Martírios, há três entes importantes para a realização da festa: os festeiros, a Associação de Moradores e a Paróquia. No período em que a Comunidade fazia parte da Paróquia Mãe de Deus, o seu então Pároco Frei Dorcílio de Oliveira Júnior não escondia o descontentamento com a realização das popularmente chamadas “festas de roça” em Catalão (GO). Atualmente, foi criada uma nova Paróquia que engloba o Distrito de Santo Antônio do Rio Verde e as comunidades rurais mais próximas, como a Cruzeiro dos Martírios. Essa nova paróquia tem desenvolvido projetos de incentivo às festas religiosas populares na região.

A Festa em Homenagem aos Santos Reis, que foi durante muito tempo uma forma de agradecimento ou de pagamento de promessas, com uma função de coesão e sociabilidade da comunidade e que, contava com a parte sagrada e com a parte profana, partilhadas pelos membros da comunidade. Hoje em sua parte profana, tem um caráter “comercial” e de “espetáculo”, recebe participação de muita gente de fora e têm de

obedecer a regras externas, inclusive do poder público¹⁹³. E em sua parte sagrada vem perdendo adeptos e tem que obedecer às regras da Igreja Católica.

3.1 Festas de Roça: as comemorações religiosas no interior de Catalão (GO)

O Centro-Oeste brasileiro não chega a ter festas de grandes proporções como as observadas em outras regiões, por exemplo, a do Círio de Nazaré, em Belém (PA), resultado talvez de sua fraca densidade populacional, urbanização recente e do tipo de atividade local que até pouco tempo estava concentrada na pecuária e na agricultura de autoconsumo. Porém, em Catalão (GO) assim como no restante do estado há um conjunto de comemorações e festas em homenagens a santos tanto na zona urbana, em que a principal é a Festa de Nossa Senhora do Rosário com sua congada, quanto também na rural¹⁹⁴.

Na zona rural do município de Catalão (GO) e da região nos últimos anos passou a haver um calendário de festas de roça, as “grandiosas festas em homenagem a santos”, que passaram a se configurar como uma forma de lazer e entretenimento bem atrativo para os moradores urbanos¹⁹⁵. As temporadas das tradicionais festas de roça no município iniciam-se no fim do período chuvoso, que ocorre na região por volta do mês de abril, e acabam somente em finais do mês de agosto.

Atualmente, muitas comunidades rurais procuram se sobressair pela organização de suas festas religiosas; há quase que uma disputa em que a vencedora seria aquela que realizasse a melhor ou a mais grandiosa festa em homenagem a um santo. Os quesitos para realizasse de uma “grandiosa” festa em homenagem a um santo são: número de público, a qualidade dos serviços oferecidos, como músicas e espaço de dança e também uma maior mobilização dos moradores para a realização da mesma¹⁹⁶. As mais tradicionais e famosas festas de roça realizadas atualmente no município de Catalão (GO) são as das comunidades: Custódia, Tambiocó, Lourenço, Cisterna, Morro Agudo etc.

¹⁹³ BUENO, Marielys Siqueira. Lazer, Festa e Festejar In: **CULTUR** – Revista de Cultura e Turismo. Ano 02 – n.02 – jul/2008 **Disponível em:** <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao3/artigo3.pdf> Acesso em: 02 de agosto de 2013

¹⁹⁴ AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**. Tese apresentada ao departamento de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP. São Paulo: 1998, p. 15.

¹⁹⁵ PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares**: léxico e cultura no vernáculo catalano. (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara 2007. 521 f

¹⁹⁶ GUIMARÃES, Rosângela Borges. **Festas**: um espaço da prática social nas localidades rurais. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 1997. 76 f., p. 26.

Essas festas mobilizam um público urbano tão importante que as polícias rodoviária Federal e Estadual fazem operações especiais no período para evitar acidentes causados, principalmente, pela embriaguez ao volume. Essas festas até meados da década de 1980 se caracterizavam basicamente pela realização de terços, cantados ou não, bailes noturnos (forrós ou pagodes) que reuniam somente as pessoas do lugar e jantares oferecidos pelos festeiros. Atualmente, a parte religiosa das festas (novenas, missas e procissões) ainda exercem certa influência e atraem a participação de um público significativo, sobretudo, de moradores locais. Entretanto, o maior número de participantes sai da cidade em direção às fazendas com o objetivo de participar somente da parte profana, do forró e dos leilões, que se iniciam após o fim das celebrações religiosas. É importante destacar que se a parte religiosa perdeu força não foi só por conta das músicas, bebidas e leilões oferecidos após as celebrações. As transformações na parte religiosa possuem diferentes fatores.

Nos tradicionais cartazes impressos ainda há um espaço reservado à imagem do santo, contudo é um espaço reduzido a cada ano. Já nas propagandas realizadas em rádios, TV e em carros de propaganda o nome do santo dificilmente é mencionado. Isso porque essas manifestações cada vez mais tem atendido à ordem publicitária uma das responsáveis pela transformação dessas manifestações em espetáculos e lazer/diversão¹⁹⁷.

Na figura 2 vê-se o cartaz de divulgação da Festa em Homenagem aos Santos Reis na Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Observa-se a imagem dos Três Reis Magos ao lado de Maria, com o Menino Jesus no colo, oferecendo os presentes que levaram para o Menino, segundo a tradição bíblica, ouro, incenso e mirra. Imagem não está centralizada, mas sim colocada ao lado direito do cartaz de forma a dar espaço para a programação tanto religiosa como cultural. Logo abaixo é reservado espaço para os patrocinadores. Como é uma festa que acarreta muitos gastos, a ajuda recebida pelos patrocínios tem se tornado indispensável, sendo muitas vezes mais necessária do que a própria ajuda dos familiares e amigos que doam as prendas, essas até poucos anos atrás eram suficientes para nutrir as despesas da festa.

¹⁹⁷ AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**. Tese apresentada ao departamento de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP. São Paulo: 1998, p. 15.

De 08 a 10 de setembro de 2011

Cruzeiro dos Martírios

100 Km de Catalão/GO - 20 Km depois de Santo Antônio do Rio Verde

Grandiosa Festa em homenagem a Santos Reis

Tema: A aparição daquela Estrela os encheu de profunda alegria, indicando o caminho para encontrar o Menino Jesus. (MT 2, 10)

Lema: Como os Reis Magos, anunciamos Jesus Cristo - Caminho, Verdade e Vida.

Programação Religiosa:

- ➔ **Missa** - Dia 8 (5ª feira) - 19:00 h
- ➔ **Terço** - Dia 9 (6ª feira) - 19:00 h
- ➔ **Chegada da Folia**
Dia 10 (sábado) - 19:00 h

Programação Cultural:

- ➔ Todas as noites grande forró com animação:
Banda Força Total.
- Dia 11 (domingo)
- ➔ Encerramento, a partir das 12 h, com Bingo, Costela assada, truco, etc.

Patrocinadores:

Posto São João	AMBservice			
Oliveira Auto Center	FM Materiais para Construção	COACAL	Lanchonete COACAL	A Tecilar
Supermercado Primavera	Supermercado NEWTON	Só Tennis	Mercearia Pão Doce	Farmácia Droagamil
Drogaria São Francisco	UNNA E DUNNA	Ceres	Wilson Calçados	MS Artesanato
Creative Cabeleireiros	Santana Elétrica e Hidráulica	DR. DOG Veterinária	Futura Agronegócios	Chaveiro São João



Figura 2: – Cartaz da Festa de 2011. Festa de Santos Reis. Catalão (GO) - 2011. Fonte: Maria Paulina De Castro.

O cartaz é da penúltima edição da festa, realizada no ano de 2011, no mês de setembro – como já mencionado as festas da região não seguem mais o calendário oficial da Igreja Católica, principalmente as que ocorrem no tempo das chuvas, apesar da maior facilidade, hoje, dos meios de transporte. A festa teve duração de quatro dias – nos dois primeiros dias foram realizados o terço e a missa que contaram com a participação oficial da Igreja; já no último dia de festa a parte religiosa foi reservada para a chegada da Folia, que não conta com a participação oficial da Igreja católica. Além da parte religiosa, ainda há a programação “cultural”, ou profana, que conta com

a animação de bandas de forró todas as noites, torneios de truco, bingos e futebol. Esses torneios em edições anteriores eram realizados no sábado o que causava certo tumulto no momento da chegada da Folia. Essa parte “lúdica” da festa é essencial para atrair público.

Uma festa de caráter religioso (católico) popular não depende da autorização da Igreja Católica para que venha a ocorrer, pois ela carrega um caráter autônomo, principalmente, as mais do interior que não era alcançado pelo catolicismo oficial. Mas, dadas as facilidades dos meios de transporte e comunicação, até por uma questão de respeito e hierarquia, os responsáveis pelas festas buscam a autorização da Igreja, o que também não faz com que elas percam valores, práticas e características próprias.

Muitos dos seus sujeitos não veem as danças e bebidas como um desrespeito ao santo o qual se está homenageando. O sagrado e o profano são em muitas dessas manifestações parte de um mesmo ritual em uma dada comunidade¹⁹⁸, por isso elas são práticas sociais e culturais também e não apenas religiosas.

Nas festas de roça, há um primeiro momento em que ocorre as manifestações da fé, com rezas de terços, por exemplo, e um segundo momento, em que o álcool, a comida e a dança fervorosa são condições fundamentais para a ocorrência da festa. Muitas pessoas classificam estes dois momentos que compõem a festa como o sagrado e o profano. Mas, para muitos participantes o suposto “sagrado” é condição para o “profano” e vice-versa¹⁹⁹. Desse modo, há uma condição de interdependência. Nas festas, como na vida, os limites entre sagrado e profano são tênues.

Contudo, quando essas festas ficavam circunscritas apenas à comunidade, cada participante tinha suas funções, inclusive nos ritos religiosos, definidas claramente pelas relações sociais estabelecidas no grupo. As novenas ou festas de santos eram, sobretudo, expressão evidente da religiosidade popular rural²⁰⁰.

Hoje, essas festas se configuram como eventos de diversão e lazer que necessitam de licenças dos órgãos públicos e da própria autorização da própria Igreja Católica que ainda exige participações de seus representantes oficiais (padres, ministros ou diáconos).

¹⁹⁸ GONÇALVES, Gabriela Marques. Religiosidade Popular e Folia de Reis. In: **Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: História e Diversidade Cultural**. Textos Completos. Realização Curso de História – ISSN 2178-1281. Jataí. 2012, p.5. Disponível: <http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20%2898%29.pdf> Acesso: 31 de out. de 2013

¹⁹⁹ DUARTE, Aline do Nascimento. **A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. 200f.

²⁰⁰ PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano**. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara 2007. 521 f, p. 264.

A Festa em homenagem aos Santos Reis, por contar com a Folia, é um pouco diferente das demais festas de santos. Assim como na festa de Nossa Senhora do Rosário em que a participação da Congada é considerada “cultural” ou “folclórica”, a Folia também é enquadrada como “folclore” ou “cultura”. Mas, em ambas as festas, não há como estabelecer limites entre o puramente religiosos e o puramente cultural/folclórico.

E ainda há a parte mais claramente profana, na quadra de esportes, onde são realizadas danças intermediadas por leilões de prendas arrecadadas durante a organização, o comércio de bebidas e comida, e lugares previamente reservados para se assentar (mesas). Os leilões são intercalados entre uma música e outra, seu bom resultado na venda das “prendas” doadas por voluntários, somado à comercialização de bebidas, salgados e tira-gostos, garante o lucro da festa.

Quando as festas ainda eram apenas como pequenas novenas realizadas na propriedade do festeiro, no giro da Folia, eram arrecadados mantimentos e donativos, para o jantar que seria servido no encerramento das celebrações. Em outras festas de santo, o festeiro oferecia o jantar e fazia todas as despesas. Contudo, com o crescimento do número de participantes nessas comemorações tornou-se quase inviável manter esses jantares aos participantes. As prendas e bandejas doadas pelos chamados “juízes” eram leiloadas e configuravam uma fonte eficiente de arrecadação de recursos para o festeiro e muitas vezes até de lucro, tanto nas outras festas de santo quanto nas Folias.

Nos leilões, parte tradicional das festas de roça, pessoas de fora da comunidade que estivessem participando das festas, tinham quase que a obrigação de arrematar “bandejas” ou “prendas”, também se estabelecia uma disputa, como em todo leilão que se estendia aos doadores, cada qual queria que a sua doação chegasse ao maior preço²⁰¹.

Os juízes são tradicionalmente pessoas da própria comunidade que recebem convites individuais bem diferentes dos cartazes espalhados pelo comércio e comunidades vizinhas, que há 40 e 50 anos atrás sequer eram feitos. Antigamente esses convites eram feitos à mão e às vezes por sorteio havia juízes de prendas, de bandejas e de fogos. No convite consta o desejo do festeiro em receber a ajuda da família em questão para a realização da Festa, porém a doação sempre é agradecida em nome do santo, como pode-se observar na Figura 3.

²⁰¹ PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares**: léxico e cultura no vernáculo catalano. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2007. 521 f.



Figura 3: – Convite individual da Festa de 2011: Festa de Santos Reis. Catalão (GO) - 2011. Fonte: Maria Paulina De Castro.

As festas de características rurais, mais conhecidas como festas de roça, para Duarte (2008), são uma miscelânea imensamente rica de contrários, visto a convivência entre a parte religiosa, manifestada através dos terços, o leilão, o troar de fogos, os cantos e as danças²⁰². O leilão, por exemplo, que ocorre em todas as noites de festa, constrói uma fronteira entre as tradições populares, rurais, e as situações inovadoras de circulação comercial de bens, serviços e prazeres na festa.

Nesse sentido, a aqui chamada de parte lúdica da festa é “onde prazerosamente se bebe, e o devoto católico, resolvidas suas contas com o sagrado, entrega-se sem culpa a outros jogos de sedução. Essa ‘parte profana’ da festa é tão indispensável quanto às outras”²⁰³.

²⁰² DUARTE, Aline do Nascimento. **A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. 200f.

²⁰³ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na Rua**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

Os brindes e prendas para o leilão eram anteriormente doações comumente chamadas de “esmolas”, feitas pelos próprios moradores locais com destaque para amigos e parentes do festeiro. Contudo, devido ao sucesso das festas, bem como ao aumento dos gastos, o comércio local e das cidades passaram a ser convidados e a investir nesses leilões como forma de publicidade para seus estabelecimentos no momento do leilão.

FESTA DE SANTOS REIS - MARTÍRIOS/2011				
Outros Patrocínios - Brindes para LEILÃO				
CONTROLE DE BRINDES PARA LEILÃO				
SEQ	PATROCINADOR	BRINDE	Situação	R\$ do Leilão
1	Paulina (Festeira)	1 Tela (Pintura)	Recebido	560,00
2	Armazem do Dó	1 Litro de Ypioca	Recebido	
3	Edivaldo (TUTU)	1 Litro de Orloff	Recebido	100,00
4	Edivaldo (TUTU)	1 Cerv Lata	Recebido	100,00
5	Lucrecia	2 frangos de granja	Recebido	
6	Familia Dª Mariana	1 cesta	Recebido	
7	Zé Opala	1 Cesta	Recebido	
8	Mercearia do Edimilson	1 Litro de Vinho Granja Tonatto Bordo	Recebido	
9	Mercearia Universitária	1 Litro de Vinho Canção	Recebido	
10	Marciano (Irmão do J Preto)	1 Bandejada	Recebido	50,00
11	Sabiá (Festeiro)	1 Garrafa de Castelo Branco	Recebido	60,00
12	Suelena	1 cesta de biscoitos	Recebido	
13	Tia Cida	1 Litro de Vinho Canção	Recebido	
14	Tia Cida	2 Litro de Vinho Cortezano	Recebido	
15	Yolanda	1 cesta	Recebido	60,00
16	Agrorrebano	1 par botinas	Recebido	55,00
17	Lé	1 Bandejada	Recebido	70,00
18	Leila	1 Bandejada	Recebido	50,00
19	Nilson	1 Bandejada	Recebido	110,00
20	Ze Opala	1 Bandejada	Recebido	170,00
21	Adenilson	1 Bandejada	Recebido	220,00
22	Irmão da Eliene (Marilim)	Pinga Extra	Recebido	40,00
23	Nilton e Neusa	1 Bandejada	Recebido	70,00
24	Adenilson	1 Bandejada	Recebido	230,00
25	Eliene	1 Bandejada	Recebido	150,00
25		Total arrecadado =>		R\$ 2.095,00

Tabela 1: – Controle de brindes para o leilão: Festa de Santos Reis: Catalão (GO). Fonte: Maria Paulina De Castro.

A tabela cedida pelos festeiros do ano de 2011, Maria Paulina de Castro e Vanderlei Rabelo de Sousa, informa os doadores (em alguns casos, empresas comerciais), produto doado, se foi realmente recebido, se foi leiloadado e o valor arrecadado. Os estabelecimentos comerciais que fizeram doações são da cidade de Catalão. O casal de festeiros de 2011 é morador da zona urbana e teceu maiores

alternativas de produção da festa a partir do seu ambiente social. Alguns nomes são de amigos e familiares, entre eles Eliene (ex-cunhada), Adenilson (primo), Nilton e Neusa (casal de amigos), Leila (festeira do ano de 2010), demonstrando a importância dos laços de parentesco e de solidariedade para a promoção da Festa.

Dos itens doados os mais tradicionais são as “bandejadas” que contém vários itens. Atualmente, colocados em recipientes de papelão envoltos por papel celofane, podem ter quitandas de doces, de sal ou até mesmo frutas ou bebidas. Atualmente, é comum além das “bandejadas” os festeiros também aceitarem kits com produtos de beleza e até mesmo de roupas. As “prendas” referem-se a um só produto doado, geralmente comida ou bebida. Além dos produtos para o leilão ainda eram comuns as doações de bezerros, leitões, novilhas e galinhas para ajudar o festeiro com as despesas. Hoje, são preparados pratos com essas doações e vendidos na Festa.

No entanto, se até algumas décadas atrás essa ajuda ficava restrita a compartilhar doações do que era produzido nas pequenas propriedades que integram a comunidade, hoje, se expandiu para produtos industrializados e comercializados na cidade. Hoje também são arrecadados patrocínios, que aparecem nos cartazes e outras propagandas como forma de promover as empresas. São de Catalão (GO) e do Distrito de Santo Antônio do Rio Verde os patrocinadores dos cartazes.

A Tabela 2 e a Figura 4 abaixo podem nos ajudar a compreender melhor essa relação patrocínio, doação, festa.

FESTA DE SANTOS REIS - MARTÍRIOS/2011				
Patrocinadores dos cartazes				
SEQ	PATROCINADOR	LOCAL	VALOR	Situação
1	Posto São João	Catalão	50,00	Pg
2	Amb Service	Catalão	50,00	Pg
3	Lanchonete Coacal	Catalão	50,00	Pg
4	Cooperativa Coacal	Catalão	50,00	Pg
5	Oliveira Auto Center	Catalão	50,00	Pg
6	FM Materiais para Construção	Catalão	50,00	Pg
7	A Tecilar	Catalão	30,00	Pg
8	Supermercado Primavera	Catalão	30,00	Pg
9	Supermercado do Newton	Catalão	30,00	Pg
10	Só Tennis - Calçados	Catalão	25,00	Pg
11	Mercearia Pão Doce	Catalão		Pg

			25,00	
12	Farmácia Drogamil	Catalão	25,00	Pg
13	Drogaria São Francisco	Catalão	25,00	Pg
14	Ceres	Catalão	25,00	Pg
15	Unna e Duna	Catalão	25,00	Pg
16	Santana Elétrica	Catalão	25,00	Pg
17	Creative Cabeleireiros	Catalão	25,00	Pg
18	Wilson Calçados	Catalão	25,00	Pg
19	MS Artesanato	Catalão	25,00	Pg
20	Chaveiro São João	Catalão	20,00	Pg
21	Futura Agro Negócios Ltda.	Catalão	25,00	Pg
22	Luciana e Paulo	Catalão	20,00	Pg
23	Nosso Mercado	Catalão	25,00	Pg
24	Xerox & Cia.	Catalão	25,00	Pg
25	Fabiano Lanternagem	Catalão	25,00	Pg
26	Nutriagro	Catalão	25,00	Pg
27	Sapataria Brasil	Catalão	25,00	Pg
28	Mário (Pintura)	Catalão	15,00	Pg
29	Yara (Brasília)	Catalão	22,00	Pg
30	Tapeçaria Estilo	Catalão	25,00	Pg
31	Casa de Carnes 3 Irmãos	Sto Ant. Rio Verde	20,00	Pg
32	Extra Supermercado	Sto Ant. Rio Verde	25,00	Pg
33	Nosso Lar Mat. Construção]	Sto Ant. Rio Verde	25,00	Pg
34	Loja da Ana Zélia	Sto Ant. Rio Verde	25,00	Pg
35	Comercial Rio Verde	Sto Ant. Rio Verde	25,00	Pg
36	Mini Autopeças do Carlim	Sto Ant. Rio Verde	25,00	Pg
37	Panificadora Pão de Mel	Sto Ant. Rio Verde	25,00	Pg
38	Drika Fashion	Sto Ant. Rio Verde	25,00	Pg
39	Panela de Ferro	Sto Ant. Rio Verde	25,00	Pg
40	Restaurante Cidade Nova	Sto Ant. Rio Verde	10,00	Pg
41	Cerâmica Rio Verde	Sto Ant. Rio Verde	25,00	Pg

42	Farmácia Santo Antônio	Sto Ant. Rio Verde	25,00	Pg
43	Rio Verde Materiais p/ Construção	Sto Ant. Rio Verde	25,00	Pg
43 Total Prometido =>			1.197,00	
Total Recebido =>			1.197,00	43
A Receber =>			-	

Tabela 2: Patrocinadores dos Cartazes: Festa de Santos Reis: Catalão (GO). Fonte: Maria Paulina De Castro.

	A	B	C	D	E	F
1						
2			FESTA DE SANTOS REIS - MARTÍRIOS/2011			
3			Outros Patrocínios Para Reduzir Despesas			
4		SEQ	PATROCINADOR	BRINDE	Situação	Recebido em R\$
5		1	Heber Carlos	1 Bezerro (vendido)	PG	400,00
6		2	Ivaldo (Ché) - (p/ foliões)	Dinheiro	PG	400,00
7		3	Sobrinho do Odilo	1 Leitoa Castrado (Vendido)	PG	130,00
8		5	Cloves (primo)	1 Leitoa	Leiload	
9		6	Pacu	50 Frangos	Caldos/Leilão	
10		7	Benjamim Silveira	1 saco de feijão (Trocado por alhos e queijos)	Acertar	130,00
11		8	Rafael veterinário	Dinheiro (Rádio Liberdade)	Pg	100,00
12		9	Ipanema derivados de petróleo	Baneres Propaganda => Pastéis	Pg	100,00
13		10	Aeroprecisao	Baneres Propaganda	Pg	100,00
14		11	Aprov	Trofeus	Pg	100,00
15		12	Dist. Vicente L Silva (Ilda)	Saco de batatas	Gasto na festa	
16		13	Asa Seguros	Dinheiro => Fichas de caixa	Pg	100,00
17		14	Tia Geralda	Dinheiro	Pg => CX	100,00
18		15	Suporte Agropecuaria	Dinheiro => Pasteis	Pg	100,00
19		16	Sena	Dinheiro	Pg => CX	300,00
20		17	Chiquim Gaucho	1 Leitoa	Leiload	
21		18	Iran	1 Leitoa	Leiload	
22		19	Andreia	Dinheiro equivale vaso de flores	Pg => CX	20,00
23			Total arrecadado =>			R\$ 1.980,00
24						
25			Consumo dos Festeiros (ao preço de custo)			
26		1	Cigarros	7 Pot de Carlton	Pg	319,27
27		2	Durante a festa	Bebidas	Pg	449,38
28		3	Cerveja em Lata	12 Cx da sobra da Festa	Pg	201,60
29		4	Whisky Red Label	3 litros (sobra da festa s/ devolução)	Pg	225,00
30		5	Sobra de Guaraná em lata	22 cx não devolvidas (compra no Bretas)	Pg	314,16
31						1.509,41
32						
33			Devedores anotados em caderno - A RECEBER			
34		1	Rosemar (Grego)	Red Label (100-50) + 2 mesas (54 e 55)	Paulina	130,00
35		3	Iris (Farmacia Rio Verde)	2 Leilões	Valtim	225,00
36		4	Flavio (Paveza)	2 Litros Red Label	Valtim	150,00
37						505,00

Figura 4: – Tabela de doações para reduzir as despesas Festa de 2011: Festa de Santos Reis: Catalão (GO). Fonte: Maria Paulina De Castro.

Ao se somar todas as despesas da festa os valores podem ser altos. Nas últimas festas o movimento financeiro chegou a números que até algumas décadas atrás seriam impensáveis. Os gastos vão de investimentos com infraestrutura, higiene, alimentação, bebidas até bandas e prestação de serviços. De um evento simples, realizado em casa, passou a ser grande e requerer organização econômica. A complexidade na realização dessas festas é tanta que muitas das que são realizadas mais

próximas da cidade contam com apoio de contadores para organizar a receita arrecadada durante os dias de festa e as despesas feitas.

A seguir na Tabela 3 pode-se compreender como os gastos podem chegar a grandes valores.

FESTA DE REIS 2011	
Festeiros: Vanderlei Rabelo & Maria Paulino de Castro	
FECHAMENTO FINANCEIRO	
Receitas Recebidas	
Rifa de Tela 90x70 (Tulipas)	R\$ 600,00
Patrocinadores dos Cartazes	R\$ 1.197,00
Outros Patrocínios recebidos	R\$ 1.980,00
Caixa até 5ª Feira	R\$ 1.342,00
Pgtos c/ Caixa 6ª, Sab e Domingo (Aberto)	R\$ 10.368,50
Caixa 6ª, Sab e Domingo (Restante)	R\$ 9.551,00
Inscrição Campeonato de Futebol	R\$ 100,00
Inscrição Campeonato de truco	R\$ 70,00
Arrecadação de bingo e leilão no domingo	R\$ 1.289,00
Consumo/Sobras pelos festeiros	R\$ 1.509,41
SOMA	R\$ 28.006,91
Total das despesas	-R\$ 21.382,91

Tabela 3: Fechamento Financeiro: Festa de Santos Reis 2011: Catalão (GO). Fonte: Maria Paulina De Castro.

Muitas das festas brasileiras estão em plena expansão, principalmente no quesito econômico, atualmente elas se mostram como atividades aglutinadoras de diferentes interesses, dos religiosos aos comerciais, dos filantrópicos aos da mídia e do espetáculo²⁰⁴.

As festas de roça hoje devem ainda contar com animação de shows de forró ao vivo, danças, locais para estacionamento e a divulgação pública é fundamental, pois deve atrair um maior número de participantes. Há grande interesse em que pessoas de fora da Comunidade participem das festas, não necessariamente da parte religiosa, mas sim das diversões noturnas que já se configuraram no município como sendo tradicionais²⁰⁵.

As festas vêm se tornando um excelente negócio. O forte apelo turístico que lhes é peculiar, especialmente quando elas apresentam particularidades regionais, mitos

²⁰⁴ AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**. Tese apresentada ao Departamento de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP. São Paulo: 1998, p. 15.

²⁰⁵ PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares**: léxico e cultura no vernáculo catalano. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara 2007. 521 f.

religiosos ou simplesmente a vontade de dançar, cantar e beber têm se mostrado capazes de gerar milhões de dólares em divisas, conforme os relatórios da EMBRATUR, que tem desenvolvido projetos de incentivo ao desenvolvimento de festas em pequenas cidades carentes de recursos²⁰⁶.

Portanto, a festa adquire várias importâncias: por sua dimensão cultural (no sentido de colocar em cena valores, projetos, arte e devoção); como modelo de ação popular (no sentido de que ela tem sido em muitas ocasiões o modo de concentração e investimento de riquezas), como investimento feito em benefícios sociais e como espetáculo, produto turístico capaz de revigorar a economia de muitas cidades.

A espetacularização de festas é nitidamente verificada a partir dos meios midiáticos, uma vez que o próprio espetáculo é concebido pelos excessos dos meios de comunicação. O espetáculo, nas sociedades modernas, é ambivalente: unido e ao mesmo tempo dividido. Ele se constrói essencialmente sobre o esfacelamento de determinadas tradições, mas a grande contradição no espetáculo se constitui nas inversões de seus sentidos, pois a divisão e a separação são mostradas como unitárias, ao passo que a unidade é mostrada como dividida²⁰⁷.

A espetacularização das festas de roça em Catalão (GO) teria um sentido unitário, uma vez que são colocadas na mesma categoria por possuírem grandes semelhanças entre si. No entanto, cada festa é carregada de uma grande diversidade de valores, sentidos e significados que a difere das demais, contudo tais diversidades muitas vezes são abandonadas ou camufladas durante o processo de divulgação e organização das mesmas.

Já na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, as festas, a partir do ano de 2004, tiveram um movimento inverso, se comparadas às de outras comunidades do mesmo município, que passam a cada ano a contar com um maior número de participantes e um crescimento estrutural. O recrudescimento das festas realizadas na Comunidade Martírios pode ser explicado dentre outros fatores por um assassinato ocorrido durante o último dia da Festa em Homenagem aos Santos Reis, em abril de 2004. Por causa do crime houve uma maior dificuldade de liberação dos alvarás, necessários para a realização das festas, essa dificuldade não se limitou somente à Festa de Santos Reis, mas também àquelas em homenagem a outros santos. Quando voltou a ser realizada, em 2008, muitas mudanças foram sentidas, principalmente no número de participantes.

²⁰⁶ AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**. Tese apresentada ao departamento de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP. São Paulo: 1998, p. 15.

²⁰⁷ DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Muitas famílias da própria Comunidade não voltaram a frequentar a festa e pessoas de outras localidades atribuíram um caráter violento à Comunidade e também passaram a se ausentar.

Crimes e violências em festas populares religiosas não são acontecimentos atípicos. As festas desse modo configuram também um espaço em que a ordem pode ser rompida, isso não é um fenômeno recente. Há relatos de crimes envolvendo festas ainda quando estas se configuravam como novenas familiares e pequenos forrós realizados nas propriedades rurais. Desavenças por conta de mulheres, dívidas ou disputas por propriedades muitas vezes acabavam sendo resolvidas no momento da festa. Por motivos mais simples geralmente ocorriam brigas que não raramente deixavam alguma vítima.²⁰⁸

Toda festa, mesmo com características religiosas, tem o efeito de aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar um estado de efervescência, às vezes, mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso. Pode-se observar nessas formas de comemoração: gritos, cantos, música, danças, procura de elementos excitantes (como a bebida e outros), bem como movimentos violentos. Enfatiza-se frequentemente que as festas conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito. Ou seja, as festas não são simples divertimentos, pelo contrário, podem representar um conjunto de transgressões e de elementos que não são observados rotineiramente no restante do ano²⁰⁹.

Compreende-se que a festa, representando tal paroxismo de vida, rompendo de um modo tão violento com as pequenas preocupações da existência cotidiana, surja ao indivíduo como outro mundo, onde ele se sente amparado e transformando por forças que o ultrapassam²¹⁰.

O crime ocorrido durante a festa de 2004 resultou na diminuição do número de participantes em comparação aquelas realizadas há mais de dez anos. Contudo, outros fatores também justificam essa perda de participantes. Como já mencionado no primeiro capítulo, devido à modernização do campo, muitas famílias saíram da Comunidade em direção às cidades mais próximas, uma vez que o campo já não comportava mais suas expectativas de vida. Muitos do que se mudarem dificilmente retornam para participarem das festas, (mesmo porque lembrando que a Comunidade

²⁰⁸ Informação Verbal da Sr^a Tereza Cardoso da S. Souza, 52 anos, ex-moradora da Comunidade Cruzeiro dos Martírios. Catalão (GO), maio/2013. Duração 41 min.

²⁰⁹ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes. 1996, p. 547.

²¹⁰ CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 1963, p. 96.

Cruzeiro dos Martírios é consideravelmente distante da sede municipal e possui estradas mal conservadas). Ainda, é claro, boa parcela de moradores se converteram às igrejas neopentecostais e em dias de festa se recusam até a frequentar os espaços públicos da Comunidade.

É emblemática a forma como esses “novos” protestantes se colocam diante das festas. Se, por um lado, aquela prática faz parte de um passado recente do qual eles participavam, por outro, este passado deve ser esquecido ou renegado e muitas vezes isso é utilizado em sermões durante os cultos. Contudo, nas noites de festas, os mais jovens, mesmo que adeptos das religiões neopentecostais participam da festa, profana, após as celebrações religiosas. O que não é bem visto pelos pastores e devotos mais fervorosos das igrejas evangélicas, pois as festas oferecem um espaço propício para a consumação de bebidas alcóolicas e outras práticas condenadas.

Outro ponto fundamental ao se pensar a atuação desses protestantes durante os dias de festa são os próprios espaços ocupados por eles na Comunidade, todas as igrejas são vizinhas aos bares que ficam cheios durante as festas, deixando assim, inviável a realização de cultos ou reuniões.

A festa altera o cotidiano não apenas das igrejas e dos bares, há uma maior movimentação em todo o espaço comunitário. A sede da Associação de Moradores da Comunidade, localizada ao lado da quadra de esportes, é tomada pelos festeiros e por seus familiares que se mudam para lá durante a semana do evento. Na mudança, são levados itens pessoais, como: camas, colchões, guarda-roupas, fogões, armários etc. Outros itens como freezers e assadeiras são alugados.

Essas festas se caracterizam muito pela ajuda de vizinhos, parentes e amigos não somente nas doações, como também nos serviços de preparação. Promover ou participar da festa do santo é ao mesmo tempo promover ou participar do trabalho social de restauração e reforço dos laços de solidariedade do grupo²¹¹. A própria preparação da festa já é em si mesma um ato coletivo de culto, com profundo sentido religioso, já que combina diversos rituais durante um período longo de preparação e na sua realização propriamente dita.

Nas festas, por alguns momentos, os indivíduos têm acesso a uma vida “menos tensa, mais livre”, a um mundo onde “sua imaginação está mais à vontade”²¹². Realmente os sujeitos envolvidos diretamente com a organização dessas festas passam

²¹¹ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Expressões religiosas populares e Liturgia. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, vol. 43, fasc. 172, dez. 1983, p. 909 - 948.

²¹² DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes. 1996, p. 547.

por essas sensações. Contudo, não se deve esquecer que esse também é um momento de sacrifícios, o abandono das atividades cotidianas gera gastos e também transtornos para os moradores, principalmente aqueles ligados à produção leiteira. A ruptura com o cotidiano não se dá apenas de forma festiva e alegre, causa também cansaços e preocupações ligadas ao trabalho e aos muitos dias de dedicação exigidos.

Nos dias de festa a Comunidade tem uma movimentação atípica. Além dos festeiros e dos seus agregados, há um trânsito de caminhões que fazem entregas de bebidas, mantimentos e mesas para o “reservado” (uma área separada do espaço de dança, onde os participantes alugam mesas). São necessários inúmeros serviços para que a festa ocorra, portanto, a lista de gastos é apontada por alguns festeiros como maior que o lucro obtido com a parte comercial.

Um dos espaços que mais geram lucros para a festa são os bares que vendem salgados, frangos assados, cigarros, analgésicos e uma variedade de balas e doces. Contudo, não há dúvidas que boa parte dos lucros desses espaços seja referente à venda de refrigerantes, cervejas e bebidas quentes. Abaixo podemos conferir os principais produtos oferecidos nesses bares:

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	
1													
2			TABELA DE PREÇOS				TABELA DE PREÇOS				TABELA DE PREÇOS		
3			Qtd	Item	PREÇO R\$		Qtd	Item	PREÇO R\$		Qtd	Item	PREÇO R\$
4			Unidade	Vodka Ace smirnoff	5,00		Garrafa	Wisky Red Label	100,00		1	Tridente	2,00
5				Energetico	5,00			Wisky Withe Horse	90,00		1	Halls	1,50
6				Cerveja Garrafa	4,00			Wisky Balantines	90,00		1	Sonho de Valsa	1,50
7				Cerveja Lata	2,50						6	Chiclete	1,00
8				Refrigerante Lata	2,50						6	Balas	1,00
9				Água de Côco	2,50								
10				Agua Mineral	2,00								
11													
12			DOSE	Whisky Natu Nobilis	5,00		Garrafa	Whisky Natu Nobilis	35,00		1	Anador	5,00
13				Whisky Gram Par	5,00			Whisky Gram Par	35,00		1	Dorflex	5,00
14				Campani	5,00			Campani	35,00		2	Engov	4,00
15				Vodka ORLOFF	4,00			Vodka ORLOFF	25,00		1	Sonrisal	4,00
16				Run Montila	4,00			Run Montila	25,00				
17				Presidente	2,00			Presidente	15,00				
18				Domus	2,00			Domus	15,00				
19				Pinga Ypioca	2,00			Pinga Ypioca	15,00		1	CARLTON	6,00
20				Pinga 51	1,00			Pinga 51	7,00		1	HOLLYWOOD	5,00
21													
22													
23													
24													
25			unidade	Salgado	2,50								
26				Caldo	2,50								
27				Frango Assado	20,00								

Figura 5: Tabela de preços do bar: Festa de Santos Reis 2011: Catalão (GO). Fonte: Maria Paulina de Castro.

O trabalho no bar é um dos mais exaustivos e que delega uma maior responsabilidade. Normalmente são homens que ficam responsáveis pelo atendimento, porém algumas funções podem ser delegadas às mulheres, como a venda de fichas. O bar da Festa na Comunidade Cruzeiro dos Martírios é aberto às 21 horas, antes mesmo do fim das celebrações religiosas, e fica aberto até às 04 horas, limite estipulado pela Polícia Militar tanto para o funcionamento do bar quanto também para os shows das bandas que se apresentam.

As festas de roça que, em princípio, eram um jeito de se celebrar a religiosidade dos grupos caracteristicamente rurais, atualmente, entretanto, quando não mais priorizam o sagrado, podem se transformar em espetáculo. A festa, então, surge inicialmente como um modo social próprio de produção do sagrado que é festejado. Porém, quando os meios de comunicação de massa intervêm, a festa transforma-se em divertimento através de conjunto musical, leilão, bebida e dança. Deixa-se à parte a reza do terço, a festa passa a ser antes de tudo um espetáculo.

3.2 Elementos conflitivos: a institucionalização da festa

O conceito de festa está vinculado às vivências e experiências dos lugares, sobretudo onde ocorre. Porém, as festas no meio rural possuem variados sentidos. Parte da bibliografia referente a essas manifestações as trata como formas de diversão/lazer ou como ritual religioso, contudo essa visão pode limitar o discurso sobre as tensões e ambiguidades presentes no ambiente da festa²¹³. Ela pode representar momentos de diversão, encontros, alegria e também de exageros em relação à vida muitas vezes regrada do homem que vive no mundo rural.

De acordo com uma análise simplicista poder-se-ia considerar a festa como um momento de encontros, criação de vínculos e como um ritual de lazer. No entanto, o espaço da festa comporta muito mais do que diversões e brincadeiras. “A festa está longe de ser um fenômeno simples e de sentido único”²¹⁴. As comemorações populares transmitem liberdade e, ao mesmo tempo, fornecem ricas e variadas formas de sentido.

Há, neste sentido, momentos variados constituindo as festas de roça: há momentos de rezar, de cantar, de dançar, de comer e de beber. Por fim, as festas

²¹³ GUIMARÃES, Rosângela Borges. **Festas**: um espaço da prática social nas localidades rurais. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 1997. 76 f., p. 11.

²¹⁴ BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 190.

exageram aquilo que é considerado aceitável, ao passo que sua cultura necessita transpor umas para outras esferas de trocas, socialmente rurais²¹⁵.

Os múltiplos sentidos da festa envolvem: forma de organização popular, de expressão artística, modo de ação social, expressão de identidade cultural e afirmação de muitos valores e sentimentos particulares. Ela também pode ser um espaço de mediações simbólicas entre sagrado e profano, entre o popular e o erudito. Conflitos entre vontade e perspectivas e, principalmente, revela o poderoso caráter lúdico da parte profana da festa de santo²¹⁶.

Elas se dão num tempo e espaço determinados e conseguem aglutinar problemas e tensões que permeiam as relações sociais. A alegria, as brincadeiras, as divergências estão presentes também fora do espaço das festas. O que ocorre é que se converge para seu interior o que está posto nas relações cotidianas, por ser um espaço que reúne as pessoas²¹⁷.

Nesta perspectiva, a festa também se apresenta como um espaço de embates e de tensas práticas sociais. Pode ainda abrigar linguagens capazes de expressar simultaneamente diversos planos simbólicos é, ainda, um meio capaz de tornar compreensível a vida de localidades em que as contradições de todos os tipos são vivenciadas diariamente, contudo, são realçadas durante o evento festivo. A festa também pode ser entendida até mesmo como um modo de ação coletiva que pode responder à necessidade de superação das dificuldades dos grupos que a compõem, mas, que também pode gerar outras dificuldades.²¹⁸

Há ainda as interpretações que integram a festa na vida coletiva para convertê-la em ato social, sem dúvida de desordem e rebeldia, porém, um ato que não ultrapassa o quadro da experiência comum, que se regenera ou transforma. Decerto existe uma festa decorativa que utiliza os símbolos da vida coletiva e com eles ornamenta-se, teatralizando destarte os padrões que representam as instituições e lhes imprimem vigor²¹⁹.

São eventos que se inserem em uma situação permeada por tensões, problema e significados, como: conflitos políticos/econômicos; migrações e desavenças

²¹⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na rua**. Campinas, SP: Papirus, 1989, p. 9.

²¹⁶ AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**. Tese apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP. São Paulo, 1998, p. 59.

²¹⁷ GUIMARÃES, Rosângela Borges. **Festas**: um espaço da prática social nas localidades rurais. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 1997. 76 f., p. 30.

²¹⁸ AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**. Tese apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP. São Paulo: 1998, p. 15.

²¹⁹ DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983, p. 212.

que afloram nos dias da festa, é um espaço propenso a embates, controvérsias e disputas. As celebrações religiosas e o caráter comunitário da festa não explicam muitas das situações rotineiras presenciadas durante as comemorações em homenagens a santos.

Desse modo, a festa não se resume a um momento de lazer ou somente de prática religiosa, pois ela também se apresenta como um espaço de embates, disputas e conflitos. Ela não é um momento à parte do cotidiano da comunidade, pelo contrário, ela está imersa nas relações vividas por seus membros, dentro e fora do seu espaço. O espaço nesse caso representa uma experiência em relação ao profano e ainda mostra valores que, de algum modo, lembram a não homogeneidade específica da experiência religiosa no espaço²²⁰. Todos esses locais guardam, mesmo para o homem francamente religioso, uma qualidade excepcional, única: são os lugares sagrados do seu universo privado, como se neles um ser não religioso tivesse tido a revelação de outra realidade, diferente daquela de que participa em sua existência cotidiana.

A festa assume, assim, uma função do período criador, ela constitui uma abertura para o Grande Tempo, que é o momento em que os homens abandonam o dever para alavancar o reservatório das forças poderosas e sempre novas que a idade primordial representa. No mais configuram uma forma de abertura para o Grande Espaço, pois dos templos, igrejas e lugares santos, onde são realizadas, se espalham para outros lugares adjacentes²²¹.

A festa, efetivamente, possibilita aos grupos sociais o confronto de prestígios e rivalidades, a exaltação de posições e valores, de prestígios e poderes. Tudo isso sublinhado devidamente pela ostentação do luxo e distribuição de generosidade, o indivíduo e o grupo familiar afirmam com sua participação nas festas públicas, seu lugar no local e na sociedade política²²². Na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, os festeiros responsáveis pela organização do evento eram normalmente de famílias que possuíam determinado *status* dentro da Comunidade, eram membros oriundos do lugar que possuíam um bom relacionamento com outros moradores, essencial para o recolhimento de donativos nos dias de festa.

Entre o final da década de 1980 e os dias atuais, boa parte das festas se concentrou nas mãos da família Rabelo, que possui grande notoriedade dentro da

²²⁰ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano - a essência de religião**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

²²¹ CAILLOIS, Roger. O sagrado de transgressão. In: **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 105.

²²² AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**. Tese apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP. São Paulo: 1998, p. 178.

Comunidade, mas que, não residem nela, pois suas propriedades estão localizadas na Comunidade, vizinha, de Cubatão. A família em questão ou seus agregados foram festeiros de boa parte das festas em homenagem aos Santos de Reis. As demais, como a Festa de São Sebastião e a de Nossa Senhora Abadia, quando ainda eram realizadas, tinham festeiros da própria Comunidade. O interesse maior na realização da Festa da Folia de Reis pode ser decorrente de um maior prestígio da festa, pois é uma comemoração religiosa mais complexa que as demais, exige uma dedicação maior na preparação, porém, ao final, o festeiro terá uma maior visibilidade diante da Comunidade.

Contudo, nos últimos anos todas as festas religiosas da Comunidade têm encontrado dificuldades decorrentes da falta de pessoas interessadas em se tornarem festeiros. Algumas comemorações ficaram a cargo da própria Comunidade, no entanto muitos atritos foram gerados, pois o lucro das festas assim organizadas ficava na própria comunidade. Os membros da diretoria da Associação de Moradores, criada a partir da formação das Comunidades na região, não chegam a um consenso do que fazer com o lucro da festa, e também discordam com a porcentagem que deve ser repassada à Igreja Católica.

O sistema comunitário adotado no meio rural de Catalão (GO) e que teve êxito na organização de muitas festas na região parece não funcionar muito bem na Comunidade Cruzeiro dos Martírios. O objetivo comunitário não é bem entendido por alguns moradores quando a questão é a divisão dos lucros da festa.

A formação das Associações de Moradores nas Comunidades Rurais tem relação direta com a transformação do caráter dessas festas, uma vez que, mesmo quando há festeiros, eles já não possuem mais a mesma autonomia de tempos atrás. Na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, a Associação de Moradores foi criada pelo Sr. José Rosa de Oliveira na primeira metade da década de 1990.

As festas, a partir da criação da Associação, deveriam trazer benefícios para a Comunidade, como a aquisição de novos equipamentos, limpeza da área em que é realizada a festa e repartição dos lucros. O sentido de coletividade estava nítido nesse novo padrão comunitário de organização, entretanto não foi assimilado de imediato pelos moradores, sobretudo no que tange à repartição de lucros obtidos com as comemorações em homenagem a santos. A festa a partir de então deveria ter o compromisso de gerar melhorias para a Comunidade e não apenas lucros individuais para o casal de festeiros. Na tabela abaixo observamos os benefícios para a Comunidade pela Festa realizada em 2011:

FESTA DE SANTOS REIS - MARTÍRIOS/2011

Ativos Deixados na Comunidade São Sebastião						
DATA	Fornecedor	Produto	Qtde	R\$ Unit.	R\$ Total	Seq
30/07/11	Jorceli de Jesus Coelho	Placas "Proibido Bebida Menores"	2	25,00	50,00	1
03/08/11	MP Comercio e Serviços	Carimbo e almofada (uso geral da Comunidade)	1	12,00	12,00	2
09/08/11	Irmãos Moisés	5 trincos para porta	5	3,50	17,50	3
10/08/11	Cozinha & Cia	Abridores de lata	2	1,00	2,00	4
10/08/11		descascador de legumes	3	4,00	12,00	5
10/08/11		Abridor de garrafa	6	1,75	10,50	6
08/08/11	HVM	Conserto de frezer da Comunidade Martirios	1	210,00	210,00	7
16/08/11	Casa do Comercio (Uberlandia)	Liquidificador 4 Litros POLI	1	590,00	590,00	8
16/08/11		Conchas Vigor	2	10,50	21,00	9
16/08/11		Espumadeiras ARIENZO	2	9,50	19,00	10
16/08/11		Sacorrolhas MALTEZ	1	18,00	18,00	11
	Tia Cida	Forros para a Igreja - Recebido	1			12
	D ^a Osair	Forro para Mesa da Cozinha - Recebido	1			13
	Uberlandia	Calculadoras pequenas (pretas)	2	5,00	10,00	14
		Cabide de madeira	1	6,90	6,90	15
		Fechador de Pasteis	2	5,00	10,00	16
		Porta moedas para Serviço de Caixa	2	7,35	14,70	17
		Panela de pressão (10 litros)	1	58,00	58,00	18
29/09/10	Rifa da Tela de Tulipas	Bacias de alumínio média	2	25,00	50,00	19
		Bacias de plástico média (laranja e vermelha)	2	9,00	18,00	20
		Tacho para frituras	2	30,00	60,00	21
		Panos de prato	17	1,18	20,00	22
		Leiteira de alumínio grande	1	20,00	20,00	23
		caldeirão de fazer caldo alumínio	1	70,00	70,00	24
		colheres grande de cabo de madeira	2	15,00	30,00	25
		Baldes para lixo de banheiro	5	5,50	27,50	26
		faca cabo branco	1	8,00	8,00	27
		Baldes para lixo - Grande - Cor verde	3	18,00	54,00	28
		Fechadores de pastel	2	5,00	10,00	29
		Faca Tramontina	2	7,00	14,00	30
		Tábuas para bife	2	5,00	10,00	31
		Cestas para uso de garçons	7	7,90	55,30	32
		Baldes transparentes - uso cantina	2	7,90	15,80	33
		Copos de plástico com desenho	6	1,50	9,00	34
		Copos de plástico simples	2	0,75	1,50	35
		Colheres cozinha de inox	2	6,00	12,00	36
		Pegadores de salada grande	3	3,50	10,50	37
		Pegadores de pastel	4	2,20	8,79	38
		Bacia de plástico grande	1	21,00	21,00	39
		Bacia de plástico verde média	1	19,00	19,00	40

11/09/11	Sobra de brindes do bingo deixados para a Comunidade sortear futuramente	Colcha de croché com 2 almofadas	1			41
		Sanducheira	1			42
		Tapete de croché	1			43
		Kit de beleza	1			44
TOTAL =>						1.605,99

Tabela 3: Ativos deixados na Comunidade: Festa de Santos Reis 2011: Catalão (GO). Fonte: Maria Paulina de Castro.

Além de uma grande quantidade de utensílios domésticos é possível observar também reparos na estrutura física da Comunidade como troca de fechaduras, conserto dos *freezers* e outros reparos. Em muitas festas a relação entre a Associação e o casal de festeiros não é tranquila, há divergências acerca da organização e do pagamento de funcionários para execução de alguns trabalhos, como, por exemplo, o de garçom.

A contratação de prestadores de serviços de certo modo vai contra a proposta trazida pela formação das comunidades, pois a partir da perspectiva comunitária todos deveriam trabalhar em conjunto para obter benefícios para a mesma. Contraditoriamente, a partir do momento em que o festeiro perde a autonomia total da festa tendo que dividir as suas funções com a Associação, os moradores se afastam dos trabalhos voluntários que eram tão comuns antes.

A hipótese é que quando a festa era de responsabilidade apenas do casal de festeiros esse trabalho era feito por familiares e amigos próximos. A partir do momento que é constituído um grupo, associado à política municipal, muitos moradores que não são partidários relutam em realizar algumas funções. Contudo, muitos outros fatores devem ainda ser mencionados com relação a essa dificuldade na realização dos serviços, entre elas o caráter exaustivo da festa, pois a contribuição com o trabalho exige que as famílias se desloquem de suas casas, abandonando seus afazeres por muitos dias, o que faz com que alguns dos moradores já não se sintam mais dispostos a tal sacrifício.

Um ponto importante é que nos últimos anos boa parte das festas religiosas tiveram festeiros vindos de fora da comunidade, pessoas que não têm laço de parentesco e nem afetivo com os moradores, fazendo com que muitos relutem em ajudar nos preparativos. A própria Festa em Homenagem aos Santos Reis, por exemplo, nos últimos anos, foi realizada por casais que não pertencem à Comunidade.

Outros conflitos entre festeiros e Comunidade também são comuns:

O primo do Vanderlei foi de Catalão, pagou todo mundo lá, pagou os garçons, pagou todo mundo. E foi embora, não falou nem muito obrigado na hora de devolver a chave. Então eu peguei tudo isso, eu peguei uma tradição de família, eu peguei uma desavença entre a

comunidade e festeiro. E não repassava mesmo a renda, os pais do Wanderlei tinha feito uma festa anterior não negociou com a Igreja e sempre ficou aquele ponto de interrogação com a Comunidade²²³.

A fala é referente à organização da festa no ano de 2011, Maria Paulina de Castro relata as dificuldades que ela e seu marido Vanderlei de Souza Rabelo encontraram para a realização da festa naquele ano já que os festeiros do ano anterior tiveram problemas em relação à prestação de serviços e se viram obrigados a pagar garçons, atendentes e funcionários para a cozinha.

Na fala ainda observa-se certo ressentimento da Comunidade em relação a festeiros vindos da cidade de Catalão e que aproveitam dos seus recursos e logo após deixam a Comunidade sem ao menos prestar as contas necessárias. Quando o festeiro não repassa a porcentagem devida à Igreja, quem é indiretamente prejudicada é a própria Comunidade, pois esta pode até mesmo deixar de receber repasses da Igreja Católica para as melhorias da estrutura física de sua capela.

Outro fato corriqueiro é que os benefícios da festa podem não ser revertidos para a Comunidade, que têm direito a 10% dos lucros da festa, valor que muitas vezes não é negociado pelo festeiro, que acaba driblando as normas estabelecidas. No entanto, mesmo quando esse valor é repassado, ele pode não ir diretamente para a Comunidade de origem. Existe uma conta bancária no nome da própria comunidade, porém o dinheiro dessa conta pode ser remanejado para outra porque todas as contas bancárias das comunidades rurais de Catalão (GO) estão integradas por um sistema que tem por objetivo atender a todas as comunidades, de acordo com a maior necessidade e não necessariamente com aquela que mais contribuiu. Ou seja, os recursos muitas vezes não têm retorno imediato para a comunidade, muitos moradores não entendem essa lógica e muito menos a aceitam²²⁴.

Embora, existam grandes divergências em relação à destinação dos lucros, os moradores da comunidade ainda concordam que é importância da realização da festa. *“A festa ela é feita por todas as pessoas, todos têm que contribuir. Ela é nossa, é da Comunidade, é nossa obrigação mantê-la”*²²⁵. Essa visão é compartilhada por boa parte dos moradores, sobretudo aqueles que fazem parte da Associação dos Moradores e participam de suas reuniões. A fala foi proferida por Delma Assunção que atua tanto na

²²³ Fonte oral: Maria Paulina de Castro, esposa de Vanderlei Rabelo Souza – festeiros no ano de 2011. Entrevista realizada em Catalão (GO), março/2013, duração 32 min.

²²⁴ Informação verbal: Maria Paulina de Castro, esposa de Vanderlei Rabelo Souza – festeiros no ano de 2011. Entrevista realizada em Catalão (GO), março/2013, duração 32 min.

²²⁵ Fonte oral: Sr. Delma Assunção da Silva Freitas, esposa de Leonardo Pereira de Freitas. Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO), abril/2012

Associação como também nas atividades religiosas juntamente com seu marido Leonardo Pereira de Freitas (que já foi Presidente da Associação de Moradores). Boa parte dos moradores da Comunidade também entende o “realizar a festa” como manter vivo um acontecimento que está ligado indissolavelmente a suas vivências. O importante é mantê-la viva independentemente das alterações que possa vir a sofrer, consiste em uma manutenção de uma categoria indispensável para afirmação de suas identidades. Desse modo, realizar a festa seria o mesmo que manter parte de suas existências.

Não realizar a festa poderia dar também uma conotação de incapacidade em relação a outras Comunidades. Sua realização está diretamente ligada ao nível de organização e comprometimento dos moradores, seria a prova incontestável da união dos moradores e seu sucesso com a administração da Comunidade. A maioria das comunidades tem suas festas em homenagem a seus santos de devoção e essa homenagem tem um sentido muito mais amplo do que se pressupõe, pois cada comemoração implica numa coesão e identificação dos sujeitos locais.

A distribuição dos lucros da festa é sempre motivo de tensões, pois ao festeiro cabe uma parte muito pequena. Na tabela abaixo podemos verificar como ficou organizada essa distribuição na festa de 2011:

Lucro Recebido Apurado	R\$ 6.624,00
10 % do Lucro p/ Diocese	R\$ 662,00
10 % do Lucro p/ Paróquia (Pe. Ivanilton)	R\$ 662,00
Ativos adquiridos que ficou para a Comunidade	R\$ 1.605,99
Restante do Lucro em dinheiro para a Comunidade	R\$ 3.694,01
Totalizando 80% do Lucro para a Comunidade	R\$ 5.300,00
Receitas Ainda Não Recebidas	
Doações de Bezerras/Leitoas a receber	R\$ 2.834,00
Anotações do caderno a receber	R\$ 505,00
Lucro a Receber	R\$ 3.339,00
10 % do Lucro a receber p/ Diocese	R\$ 334,00
10 % do Lucro a receber p/ Paróquia (Pe. Ivanilton)	R\$ 334,00
80% Restante a receber em dinheiro para a Comunidade	R\$ 2.671,00
Lucro Total Apurado	R\$ 9.963,00

Destino Final - Lucro Total	
10 % do Lucro Total p/ Diocese	R\$ 996,00
10 % do Lucro Total p/ Paróquia (Pe. Ivanilton)	R\$ 996,00
Ativos adquiridos que ficou para a Comunidade	R\$ 1.605,99
Restante do Lucro Total em dinheiro para a Comunidade	R\$ 6.365,01
Totalizando 80% do Lucro Total para a Comunidade	R\$ 7.971,00

Tabela 4: Destinação dos Lucros: Festa de Santos Reis 2011: Catalão (GO). Fonte: Maria Paulina De Castro.

A prestação de contas da festa é sempre um momento difícil e que envolve grandes desconfiças. Nas informações contidas na tabela quatro, estão as porcentagens destinadas tanto à Diocese quanto a Paróquia, responsáveis pela Comunidade, que totaliza um valor de 20%, além dessas, há a porcentagem destinada à Comunidade que totaliza 80% do valor final. Os prejuízos verificados a partir das receitas não recebidas, assim como os lucros, também são divididos, demonstrando a responsabilidade de cada sujeito com a realização da festa.

Em anos anteriores essa divisão não foi feita. Os festeiros de 2008 a 2010 alegaram que fecharam seus caixas com prejuízos e despesas a serem pagos. Não apresentaram o fechamento de contas e, quando procurados, afirmaram que já não possuem mais os documentos com a receita arrecada pela festa.

A participação oficial da Igreja Católica nas festas de santos de comunidades rurais é recente. Até há alguns anos, a parte religiosa se restringia aos terços, procissões e as Folias, no caso da Festa em Homenagem aos Santos Reis, conduzida pelos próprios moradores. Em todas essas celebrações não havia a presença de representantes oficiais da Igreja e nem era necessária autorização da mesma para que as festas acontecessem.

A Igreja não se estabelece como uma entidade efetivamente presente nas zonas rurais. As visitas do sacerdote se dão apenas em algumas datas pré-estabelecidas visando celebrar os principais ritos da religião. Neste tipo de lugar é desenvolvida uma forma de culto muito particular que conjuga os princípios do catolicismo com as práticas cotidianas. Trata-se do catolicismo popular, também conhecido como catolicismo rústico ou catolicismo de *folk*²²⁶.

Apesar de não haver uma concordância em relação ao termo utilizado, o catolicismo em questão apresenta algumas características próprias, ele é criado para suprir um espaço deixado pela Igreja Católica nos grupos sociais do interior brasileiro.

²²⁶ MARQUES, Luana Moreira. O Catolicismo Rústico e a Festa Popular: dimensões urbanas e rurais da festa de Santos Reis no Distrito de Martinésia, In: **XXI Encontro de Geografia Agrária**. Territórios em disputa: os desafios da Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro. ISSN 1983-487X. Uberlândia (MG) 2012. Disponível em: http://www.lagea.ig.ufu.br/xxlenga/anais_enga_2012/eixos/1382_1.pdf. Acesso: 31 de out. de 2013.

Tem sua essência cravada numa sociedade rural que, distante do catolicismo oficial, proclamado pelo clero e praticado sob o teto das igrejas, criou seus próprios ritos a partir da mescla do cotidiano vivido com o sagrado, percebido nas poucas visitas dos representantes da Igreja ²²⁷. As festas “são parte de um sistema de reciprocidade com as divindades do cosmos construído socialmente pelos homens. Esse sistema de reciprocidade, por sua vez, integra a própria visão de mundo dos agentes sociais” ²²⁸.

Mas a característica que aqui deve ser ressaltada é que este catolicismo, ancestralmente laico e rural, quase chega a constituir um sistema religioso setorialmente autônomo, frente a uma Igreja de que ele sempre se reconhece à parte. Ali estão tanto as crenças populares e alguns costumes patrimoniais, como sistemas sociais de trocas de atos, de símbolos e de significados que, no seu todo, recobrem quase tudo o que uma pessoa necessita para sentir-se de uma religião e servir-se de seus bens e serviços ²²⁹.

A relação entre esses dois sistemas, oficial e não-oficial, pode gerar atritos que são visíveis em praticamente todas as comunidades rurais ou periféricas, não sendo características restritas da Comunidade Cruzeiro dos Martírios.

Quando surgiu a picuinha entre Paróquia e festeiro, a Paróquia de Santo Antônio ainda não estava definida, se ia ter Paróquia ou não. Eu vim aqui, na Paróquia Mãe de Deus que organizava lá, cuidava de lá. Aí, o que acontece? O Frei Dorcílio disse: não sei se é para sua sorte, se é para o bem seu ou o mal seu, a Paróquia de Santo Antônio não faz mais parte da Paróquia Mãe de Deus. Aí eu: *mais* como assim? Aí ele falou: olha tá vindo um novo padre pra Santo Antônio e você vai ter agora que resolver com ele. Eu, se fosse eu, hoje, se você precisasse de mim, minha resposta seria não! ²³⁰

O Frei Dorcílio de Oliveira Júnior mencionado em entrevista por Maria Paulino de Castro, talvez tenha sido um dos párocos de Catalão que tenha demonstrado mais resistência à realização das tradicionais festas de roça que levam o nome de algum santo. Uma de suas principais justificativas era o próprio calendário das festas que não obedece ao dia exato de homenagem ao santo e sim a uma questão climática e

²²⁷ MARQUES, Luana Moreira. O Catolicismo Rústico e a Festa Popular: dimensões urbanas e rurais da festa de Santos Reis no Distrito de Martinésia, In: **XXI Encontro de Geografia Agrária**. Territórios em disputa: os desafios da Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro. ISSN 1983-487X. Uberlândia (MG) 2012. Disponível em: http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1382_1.pdf. Acesso: 31 de out. de 2013.

²²⁸ ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus** - um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

²²⁹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004, p. 268.

²³⁰ Fonte oral: Maria Paulina de Castro, esposa de Vanderlei Rabelo Souza – festeiros no ano de 2011. Entrevista realizada em Catalão (GO), março/2013, duração 32 min.

financeira. Para ele isso é um despropósito, pois seria o mesmo que comemorar o aniversário do santo somente meses após a data pregada pela Igreja.

Os calendários estão longe de ser uma mera forma de organização temporal. Constituem uma ordem social que se produz como narrativa, à medida que combinam leitura, personagens, ações, valores e orientações ²³¹. Para a Igreja, os dias de santo obedecem ao calendário litúrgico católico aumentando a importância e a cobrança por sua comemoração na data correta. Contudo, Bakhtin (2010) mostra que a própria Igreja fazia coincidir as datas das festas oficiais cristãs com as festas pagãs, a fim de cristianizá-las, sendo, portanto, inevitáveis e históricas as misturas e influências e alterações mútuas²³².

Não é novidade que o catolicismo oficial vê com maus olhos muitas das festividades que levam nomes de santos. No município de Catalão, muitas já tiveram sua realização barrada pela Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus, uma das quatro responsáveis pelo município e algumas outras regiões. Atualmente, a Comunidade Cruzeiro dos Martírios é de jurisdição da recém-fundada Paróquia de Santo Antônio de Lisboa, no Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, município de Catalão (GO), no ano de 2011. A administração da nova paróquia até meados do ano de 2012 ficou a cargo do Pe. Ivanilton Ferreira da Silva que favoreceu a realização das festas, desde que os festeiros se comprometessem a arcar com suas responsabilidades financeiras diante da Igreja e da Associação dos Moradores.

A atuação da Igreja atualmente é indispensável, pois além do festeiro necessitar do seu aval, autorizando a realização, é a cargo dela também que fica a responsabilidade de enviar os ofícios necessários aos órgãos públicos que autorizam a realização da festa, como os de segurança. São muitas as autorizações necessárias, o que é visto por alguns dos festeiros passados como um empecilho. A festa deve contar com seguranças particulares, presença da Polícia Militar, ser aprovada na vistoria realizada pelo Corpo de Bombeiros e pagar taxas à Prefeitura Municipal de Catalão e outros órgãos, como, por exemplo, o ECAD (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição, uma instituição privada, sem fins lucrativos, instituída pela Lei 5.988/73 e mantida pela Lei Federal 9.610/98, cujo principal objetivo é centralizar a arrecadação e distribuição dos direitos autorais de execução pública musical).

²³¹ BRITO, Joaquim Pais de. **Joaquim Pais de Brito analisa as origens do calendário**. Universidade Federal de Minas Gerais. Entrevista cedida a UFMG *online*. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/020668.shtml>

²³² BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 190.

As festas tem objetivado, muitas vezes, atingir finalidades específicas, de ordem social, passando esta organização primária a existir como instituição oficial ²³³. A forma como essas festas são encaradas pelos órgãos públicos é emblemática. Não são feitas políticas de incentivos para essas comemorações que já são consideradas expoentes da cultura regional e que conseguem juntas movimentar uma receita considerável para o município. Os embates em torno da realização das festas de roça são variados, envolvem novas formulações em torno do vem a ser uma comunidade, passam pelos confrontos com uma Igreja que decidiu se fazer presente a pouco e pela resistência dos moradores e festeiros a muitas dessas transformações.

Dentre todas as autorizações necessárias a mais emblemática é a conseguida junto à Polícia Militar - PM que estipula um valor a ser pago que gira em torno de R\$2.000. A justificativa para a alta taxa cobrada pela polícia é que não é de responsabilidade da instituição acompanhar festas como essas na região, desse modo a solução seria pagar para policiais que estivessem em seu dia de folga para poder acompanhar a festa.

²³³ AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**. Tese apresentada ao departamento de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP. São Paulo: 1998, p. 8.

Santo Antônio do Rio Verde, 09 de julho de 2011

Ilmo. Sr.

TENENTE CORONEL FEITOZA

DD Comandante do 18º Batalhão da Polícia Militar

Eu, Pe. Ivanilton Ferreira da Silva, msj, administrador paroquial da Igreja Católica de Santo Antônio do Rio Verde, portador do CPF 055.173.436-19, venho através deste, solicitar ao Exmo. Sr Tenente Coronel Feitoza, Comandante do 18º Batalhão da Polícia Militar de Catalão, a liberação de um alvará que autorize a realização de nossa Tradicional Festa de Santos Reis, que acontecerá entre os dias 8 e 10 de setembro do presente, na quadra ao lado da Igreja, localizada na Comunidade Martírios, nesta área distrital. Este evento, de cunho beneficente, tem o intuito de angariar fundos para a manutenção e possíveis melhorias de nossa Comunidade – e, além disso, propiciar às nossas famílias um encontro devocional e restaurador da fé. Certo de poder contar com a vossa colaboração, atenciosamente agradeço-lhe.

Pe. Ivanilton Ferreira da Silva, msj

Administrador paroquial da Igreja Católica
de Santo Antônio do Rio Verde

Figura6: Ofício encaminhado à Polícia Militar: Festa de Santos Reis 2011: Catalão (GO).
Fonte: Maria Paulina de Castro.

No ofício, observa-se que há um apelo à tradição, apresentada como justificativa para que a festa venha a ocorrer. A festa é mostrada a partir do seu lado devocional, religioso e beneficente. A parte “profana” (bares, música, dança e, conseqüentemente, a aglomeração de pessoas) não chega a ser mencionada, embora seja o momento que mais necessite do apoio policial. Ofícios do mesmo caráter foram

enviados à Secretaria do Meio Ambiente, ao então Prefeito de Catalão, Velomar Rios, e ao Corpo de Bombeiros do município.

A festa está longe de ser apenas um momento agradável de encontro familiar e renovação de votos como mencionado no ofício apresentado. Ela também é um espaço de tensões, conflitos, ressentimentos e de acirramento entre ideias contrárias, que não se restringem apenas à sua organização, mas também envolvem o desenvolvimento de toda a Comunidade. Desse modo, a festa pode ser aqui considerada como um espaço de reforço dos laços da rede de relações da qual fazem parte seus sujeitos, de competição pelo prestígio e para expressar simbolicamente a unidade e os conflitos inerentes a essas relações sociais estabelecidas²³⁴.

3.3 Significados para o festejar

Falar de uma festa não é falar de todas as festas. Para cada um que participa de uma festa ela possui um significado. As festas na zona rural são permeadas de particularidades, especificidades, que dão a cada uma identidades próprias. O movimento, a realização ou o próprio fazer da festa, as pessoas envolvidas assim como os motivos que deram início a cada festa trazem a compreensão de que as pessoas constroem e reconstróem, historicizam de maneiras diferentes suas práticas²³⁵.

Os sujeitos que interagem nesse espaço possuem objetivos e visões diferentes sobre o que são essas festas. Compreende-se que as festas abrigam memórias, identidades e experiências, não somente coletivas, mas, sobretudo, individuais. Cada sujeito se insere de forma diferente em uma tradição, seus papéis e suas representações podem variar de acordo com vários fatores, como: gênero, idade, crenças e vínculo com o lugar.

Os moradores mais velhos dessas Comunidades possuem certa dificuldade em compreender a lógica atual das festas. Alguns entrevistados, na própria Comunidade Cruzeiro dos Martírios, consideram contraditório o número reduzido de participantes na parte religiosa, comparado ao número de pessoas presentes na parte lúdica ou profana, iniciada após as celebrações²³⁶.

Para se compreender a variedade de sentidos presentes em um evento e em um único é necessário analisar questões que afligem o homem rural. A festa é um

²³⁴ GUIMARÃES, Rosângela Borges. **Festas**: um espaço da prática social nas localidades rurais. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 1997. 76 f., p. 11.

²³⁵ Id, 1997, p. 22.

²³⁶ Informação verbal da Sr Ozair de Sá Souza, 83 anos, esposa do Sr. Lourenço Rabelo de Souza. Comunidade Cruzeiro dos Martírios Catalão (GO), abril/2012.

momento em que transbordam sentimentos, crenças e também desavenças, muitas delas, pessoais. É possível observar em muitas falas a importância da festa em relação à devoção ao santo homenageado, contudo também questiona-se o rompimento causado por ela na vida cotidiana dos moradores. A festa, por ser um espaço da vida das pessoas, possibilita que os problemas que envolvem o mundo rural nela apareçam, pois é um espaço onde se expressam os modos de vida daqueles que participam dela.

Os embates, disputas e desavenças verificadas na festa têm causas mais profundas do que simplesmente a disputa entre Igreja/ festeiro pelos seus recursos, o que na verdade está em voga é a autonomia e a independência política da Comunidade. A festa, na vida desses sujeitos, assume um caráter de visibilidade e de prática social, já que é um momento de encontro de diversos sujeitos que ocupam lugares diferentes na sociedade e, sendo assim, nela, assumem posturas e têm objetivos diferentes.

Cada festa tem uma série de particularidades, de significados dados pelos sujeitos que dela participam. As inúmeras transformações vivenciadas pelos moradores rurais fizeram com que suas expectativas de vida sofressem transformações. Com base nelas, o realizar a festa se tornou uma obrigação de dar continuidade às tradições locais que, de acordo com a fala de muitos moradores, não podem ser “perdidas”.

A festa para seus sujeitos é o espaço que marca, delimita, caracteriza seu lugar. Diferencia uma comunidade da outra, bem como distingue os indivíduos que ali residem. Desse modo, ela cria condições de visibilidade da Comunidade em relação a outras e também em relação aos moradores da cidade. A festa, por ser um espaço de prática social, tem uma dimensão que vai além do festejar. Talvez por isso haja necessidade de resistir, de manter a festa, conservá-la, para que continue sendo o espaço deles, identificando e sendo a expressão de coesão do grupo.

A festa também é o local de construções simbólicas que envolvem disputas hegemônicas e ao mesmo tempo pluralidades visíveis, porém não pode ser configurada como um local de superstição cega em homenagem ao santo. Uma interpretação somente a partir do sagrado não contribuiria para esclarecer os conflitos dessas comemorações, dos jogos de poder e das falas emblemáticas dos moradores que têm o desejo de reconstituir das suas características primordiais.

Essas não são características restritas as festas da Comunidade Cruzeiro dos Martírios, essa situação é própria da religiosidade popular. Estas características não podem ser atribuídas à ingenuidade de seus sujeitos, mas, sim, às construções simbólicas que contribuem na (re)construção de discursos que envolvem inclusive disputas de hegemonia. A partir desse viés, a religiosidade popular envolve questões de

legitimidade e é marcada por disputas e tensões entre seus membros e fiéis, gerando questões e problemas a serem explicados e explicitados²³⁷.

A festa para seus sujeitos, tem diferentes ângulos, que podem estar relacionados aos percalços que envolvem sua realização, à preocupação com a realização da próxima festa, à angústia com a suposta incapacidade de sua realização, às disputas que envolvem sua organização ou ao simples desejo de pagar uma promessa. As necessidades de realização da festa podem ser várias. Os problemas para sua dessa realização também podem surgir inesperadamente. Contudo, nas falas dos depoentes, o desejo de louvar os Santos Reis e a importância da tradição se sobressaem entre as demais questões.

Os sujeitos passam a experimentar a festa como o lugar em que se pode vivenciar o aflorar de sentimentos, extrapolar a racionalidade para um plano de possibilidades subjetivas, vivenciar e externar os sentimentos adquiridos a partir dessa aproximação. Então, festejar e celebrar são ações capazes de unir os indivíduos, condessando fé e festa como práticas significativas na vida dos sujeitos. A festa é o que caracteriza a comunidade, cria identidade e a diferencia das outras localidades da região²³⁸.

Por meio da celebração coletiva, os indivíduos criam símbolos e significados que contribuem para urdir o próprio sentido do viver:

A festa é assim celebrada no espaço-tempo do mito e assume a função de regenerar o mundo real. Escolhe-se naturalmente, para este efeito, o momento da renovação da vegetação e, se tal acontecer, aquele em que o animal totêmico volta a ser abundante [...] Visita-se o lugar onde o antepassado mítico modelou a espécie viva de que o grupo procede. Este repete o ritual criador que lhe coube em herança e que ele é o único a saber executar convencionalmente²³⁹.

O entrelaçamento do sagrado e do profano preenche com outros e com os mesmos sentidos o viver dessas comunidades.

Não lembro quando passei a participar da festa, faz muito tempo. Assim... era criança, meu pai, meu pai recebia a Folia em casa e

²³⁷ MENEZES, Renata de Castro. A benção de Santo Antônio e a “religiosidad popular”. In **Estudios sobre Religión**. N. 16, dez. 2003 p. 1-6.

²³⁸ KATTRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Reencontros com a religiosidade brasileira: sujeitos, memórias e narrativas. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013. ISSN 1983-2850, p. 230. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf15/15.pdf>. Acesso: 23 de out. de 2013.

²³⁹ DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 106.

muitas vezes fez a festa da chegada, a chegada da Folia [...] Não tinha essas coisa tudo que tem hoje, era só o louvor²⁴⁰.

Dona Ozair é uma das frequentadoras mais antigas da Comunidade Cruzeiro dos Martírios, é casada com o Senhor Lourenço Rabelo. Juntos realizaram a edição da festa no ano de 2009 e outras edições ainda nas décadas de 1980 e 1990. Seus filhos e sobrinhos também comumente são festeiros na Comunidade. Os relatos do casal informam o transcorrer dessa tradição e como eles acompanharam as mudanças sofridas. Não foram observadas relutâncias em relação à parte profana da festa, as reclamações ficam por conta do desprestígio da parte religiosa principalmente pelos mais jovens.

Pra mim, no meu interior é uma festa muito boa. O errado é parte social junto com a religiosa, então, assim, ajudo em tudo, mas nessa parte eu sou contra. O que eu acho que a parte religiosa deveria ser mais respeitada. E aí como mistura parte religiosa da parte social, as duas ocorrendo ao mesmo tempo, acaba que a parte religiosa é desprestigiada²⁴¹.

Em muitas edições da Festa em Homenagem aos Santos Reis eram comuns torneios de futebol no dia de sábado, que aconteciam no campo gramado que fica ao lado da quadra de esportes. A questão é que muitas vezes os jogos atrasavam e no momento da chegada da Folia ainda não haviam terminado. Torneios de truco e bingos também podiam acontecer simultaneamente à chegada dos foliões, o que gerava um ambiente confuso. Nas últimas duas edições da festa, todos os torneios esportivos e outras atividades foram marcados para o domingo, de forma a evitar maiores tumultos no momento da chegada dos foliões.

Cada sujeito se identifica nessa festividade de uma forma diferente, desde o jovem que participa da parte esportiva ou lúdica da festa até o morador mais antigo que participar da parte religiosa. Entretanto, por mais que a festa esteja imbuída de significados e sentidos diversos não deixa de ser o momento de devoção ao santo homenageado, o momento de pagamento de promessas, a espera de milagres para casos de doenças e o pedido de proteção. Os Três Reis Magos não são diferentes. A eles são destinados cultos, demonstrações de apreço e carinho, invocação, pedido de proteção, favores e graça.

²⁴⁰ Fonte oral: Sr Ozair de Sá Souza, 83 anos, esposa do Sr. Lourenço Rabelo de Souza. Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO), abril/2012.

²⁴¹ Fonte oral: Sr. Delma Assunção da Silva Freitas, esposa de Leonardo Pereira de Freitas. Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO), abril/2012.

As duas últimas festas realizadas em Homenagem aos Santos Reis na Comunidade Cruzeiro dos Martírios foram feitas como pagamento de promessa. Na festa 2011, Maria Paulina de Castro havia feito uma promessa para que seu marido, Vanderlei Rabelo de Souza, se curasse de um grave problema ocular que poderia vir a deixá-lo cego. A festa de 2012 foi realizada em cumprimento da promessa feita pelo tio de José Renato Silveira, para que este tivesse sucesso em uma cirurgia de transplante de rins, realizada em 2005. O mesmo tio morreu tempos depois, a promessa então ficou a cargo de Noelma Pereira da Silva Silveira, cônjuge de José Renato.

O pagamento de promessas ou o agradecimento e a necessidade de continuidade da festa foram as justificativas essenciais para a sua realização. As dificuldades, empecilhos e restrições estiveram presentes em muitas falas, contudo o fazer a festa ainda se apresenta nessa Comunidade, assim como em muitas outras, como um meio de identificação grupal e de formar reconhecimento frente a outras Comunidades.

Assim, a festa possui um caráter amplo, pois ela consegue ser, ao mesmo tempo, uma representação dos pensamentos e modos de vida das pessoas em seu cotidiano e um espaço/tempo que quebra as rotinas rígidas impostas ou apresentadas principalmente pelo trabalho, pelo sistema oficial, bem como pelas relações hierárquicas. Aqui ocorre uma inversão da hierarquia social; os sujeitos tidos como subordinados passam ao *status* de líderes, principalmente pelos seus conhecimentos relativos às crenças nos santos e à organização da folia²⁴².

As festas não são apenas alegria, música e reza, em que a parte religiosa se sobressai. As festas estão integradas em um universo marcado por embates, disputas e conflitos. É um momento de romper com a jornada diária de trabalho, mas também é o momento de sacrifício, renúncias, imposições de serviços etc.

Assim, a festa propõe uma compreensão de como são as pessoas de determinado local, por ser uma prática social que propicia um fervilhar do cotidiano dessas pessoas, por ser um momento de encontro de diversos sujeitos que ocupam lugares diferentes na sociedade e, sendo assim, assumem posturas e têm objetivos diferentes. Desse modo, cada festa tem suas particularidades e significados dados pelos sujeitos que dela participam. Não é possível fazer generalizações ou pensar uma festa como modelo.

²⁴² OLIVEIRA, Simone Gonçalves de. A bandeira pede passagem. Folia de Reis: fé e festar entre a tradição e a modernidade. In: PEREIRA, Mabel Salgado; CAMURÇA, Marcelo Ayres. (Orgs.). **Festa e religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais**. Juiz de Fora: Templo, 2003.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os modos e sistemas de representação da religiosidade combinam e articulam códigos e padrões de relacionamento entre suas práticas e os sujeitos envolvidos. As festas populares são repositórios de sentidos e significados que a religião possui em algumas comunidades. As Folias, desse modo, congregam formas, saberes e vivências que possibilitam compreender as identidades e experiências vividas na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO).

Compreender a prática Folia de Reis e a relevância que ela tem nessa comunidade, pressupõe considerar aspectos que vão além dos rituais simbólicos estabelecidos nos seus dias de realização. Essas comemorações congregam uma diversidade de significados que só podem ser interpretados ao serem confrontados com as vivências cotidianas de seus protagonistas e coadjuvantes. As festas religiosas populares possuem, desse modo, características muito peculiares e são fortes instrumentos de devoção aos Santos Reis na Comunidade Cruzeiro dos Martírios e da construção de uma identidade calcada por uma memória compartilhada e reformulada.

A Comunidade Cruzeiro dos Martírios foi observada a partir das múltiplas transições e transformações por que passou nas últimas décadas, um movimento interessante de adequações, reformulações e abertura para elementos externos. A Folia de Reis demonstra a importância da religião para os moradores da Comunidade Cruzeiro dos Martírios e as transformações vivenciadas em seu núcleo nos últimos anos resultam em grande parte de novas dinâmicas sócio culturais e econômicas pelas quais a Comunidade tem passado nas duas últimas décadas.

As práticas religiosas locais por mais que tenham tentado se manter como foram no passado foram sendo tomadas por transformações e novas estruturas. A sojicultura alterou gradativamente a lógica social da comunidade, as relações de trabalho, as formações familiares e os laços de afetividade. Isso implicou também em novos meios de se lidar com o sagrado e de se relacionar com as práticas festivas da região.

Nas duas últimas décadas a religiosidade local deixou de ser só o catolicismo, que passou a dividir espaço dentro da Comunidade com as igrejas de cunho neopentecostal. A chegada dessas novas práticas religiosas alterou de modo significativo não apenas os ritos religiosos locais. Mas várias práticas sócio-culturais interligadas. E não apenas porque houve uma diminuição no número de famílias participantes nos eventos católicos, mas também devido à própria movimentação da

Igreja Católica dentro da Comunidade que procurou se fazer mais presente para não perder seus devotos.

Mesmo com algumas mudanças, a identidade dos moradores é permeada por expressões da religiosidade de devoção aos Santos Reis e por um sistema de filiação, pois eles possuem forte vínculo com a religião e com suas práticas coletivas. A crença e devoção a um mesmo santo ou a participação em uma mesma prática religiosa gera identificação e aproxima os moradores.

A religiosidade rural, com as práticas coletivas de determinados grupos, forma um conjunto de práticas identificadoras e responsáveis pelo sentimento de pertença à Comunidade. O forte vínculo com o catolicismo, sobretudo aquele de cunho popular, durante muito tempo foi o elemento agregador de famílias que viviam distantes umas das outras. Os laços entre essas famílias não estavam restritos ao parentesco consanguíneo, apresentavam-se também na identificação religiosa, na crença em um mesmo santo ou no compartilhamento de práticas coletivas.

Acompanhando as transformações sócio-econômicas da Comunidade nas três últimas décadas, a Festa em Homenagem aos Santos Reis também passou por modificações consideráveis, em seu núcleo, que não se restringem apenas ao grupo de foliões que percorria a região nos dias de festa, mas se estendem à forma como ocorre o giro, sua organização, a estrutura exigida para a festa e a própria identificação dos moradores com essa prática religiosa.

Os praticantes da Folia de Reis e os devotos procuram rememorar rituais passados, mas crenças e devoções são manifestações que envolvem trabalho, disputas e tensões. A aproximação entre a devoção e o cotidiano é fortalecida nos dias de festa, as representações simbólicas e religiosas dão vazão aos mais improváveis sentimentos, sejam de partilha sejam de disputas. O núcleo das festas religiosas envolve muito mais do que fé e devoção ao sagrado, ele é carregado também pelas tensões cotidianas vivenciadas pela comunidade ao longo do ano e que em dias de festa podem se tornar exacerbadas.

O universo festivo está permeado por problemas e significados, como: conflitos políticos, migrações e muitas desavenças, que fazem parte da vida dessas pessoas, além de valores importantes para os que vivenciam seus meios de sociabilidade. Desse modo, ela não pode estar relacionada apenas a um momento de lazer ou de prática religiosa, a festa também se apresenta como um espaço de embates e de práticas sociais. Procurar compreender a Festa de Santos Reis a partir da Comunidade Cruzeiro dos Martírios permitiu perceber outras questões que afligem a

vida de seus moradores. Uma das dificuldades colocadas pelos entrevistados para realização da mesma é justamente o reduzido número de moradores participantes no evento.

Se a Festa em Homenagem aos Santos Reis é um espaço da vida das pessoas, as transformações que ela sofre são decorrentes daquelas que se deram na sociedade. A redução do número de participantes na programação religiosa e o aumento significativo na parte profana são explicados pelas facilidades de transporte, estradas e veículos. Dessa forma, as alterações enfrentadas não só pela Folia de Reis da Comunidade Cruzeiros dos Martírios, mas por boa parte das Festas de Santos não as deixaram mais pobres ou fizeram com que perdessem sua essência, mas as reconfiguraram e a readaptaram em um novo contexto.

A posição dessas tradições diante dos novos contextos locais revela pontos emblemáticos, como a mobilidade de culturas locais que buscam se inserir em contextos mais amplos, estes caracterizados por rápidas mudanças. Desse modo, tratar da construção de identidades no meio rural é buscar evidenciar as descontinuidades de uma memória que ao longo das décadas teve perdas e ganhos significativos.

Compreender as festas em sua totalidade implica observar continuamente diferentes elementos, como: sua origem, o local onde acontece, seus personagens e, enfim, os variados símbolos que a compõem. Elas se apresentam como bens culturais dinâmicos e que atribuem sentido às comunidades em que estão inseridas.

O universo de símbolos e significados das Falias possibilita, sobretudo, analisar práticas vivenciadas e produzidas por um dado grupo social, podendo-se definir a composição ou estrutura social do lugar em que ela ocorre. Desse modo, festas como essa podem ser interpretadas a partir de sua grande variedade de sentidos. Durante os dias de festa as famílias católicas recebem a visita dos foliões e fazem doações para a festa. Sob este aspecto, a Folia de Reis é um momento de partilha, lembrando o gesto dos três Reis Magos com o nascimento do Menino Jesus, mas é, acima de tudo, um momento de pagar ou de fazer promessas. Portanto, por mais que seja uma tradição marcada pela atuação de todos da comunidade os significados individuais que ela possui são tão importantes quanto os coletivos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, João Ferreira de. **Párocos, agricultores e a cidade**: dimensões da religiosidade rural. *Análise Social*, vol. XXIII (96), 1987-2.º, 229-240. **Disponível em:** <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223486239S3nDB5jb0Kp63PT1.pdf>

AMARAL, Amadeu. **Tradições populares**. São Paulo, Hucitec, 1976.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**. Tese apresentada ao departamento de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP. São Paulo: 1998, p. 15.

ARRAIAS, Raimundo. **Matriz, freguesia, procissões**: o sagrado e o profano nos delineamentos do espaço público no Recife do século XIX. In: Projeto História, São Paulo, (24), jun. 2002.

ANDRADE, Rodrigo Borges de. Práticas sócio-culturais e religiosas: elementos constituintes do lugar. In: ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Org.). **Geografia e cultura**: os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia: Vieira, 2008. p. 166-203.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BENJAMIN, Walter. “Franz Kafka – a propósito do décimo aniversário de sua morte”. In: **Magia e Técnica, Arte e Política** – Obras escolhidas. Vol. I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 10ed. SP: Brasiliense, 1996.

BETO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: editora Brasiliense, 1985.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. [1949] Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001, p. 83.

BONESSO, Márcio. **Encontro de Bandeiras**: as folias de reis em festa no triângulo mineiro. Uberlândia. EDUFU, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da Arte**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

BOURDIEU, Pierre. “Sobre o poder simbólico”. In: **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1998. p. 7-15.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na rua**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo, popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. In: **Estudos Avançados**, 2004, p. 396.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **“No Rancho Fundo”**: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009. 244 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a Religião Popular. São Paulo: Brasiliense, 2ª Ed. 1993.

BRITO, Joaquim Pais de. **Joaquim Pais de Brito analisa as origens do calendário**. Universidade Federal de Minas Gerais. Entrevista cedida a UFMG online. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/020668.shtml>

BUENO, Marielys Siqueira. Lazer, Festa e Festejar In: **CULTUR** – Revista de Cultura e Turismo – Ano 02 – n.02 – jul/2008 **Disponível em:** <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao3/artigo3.pdf>
Acesso em: 02 de agosto de 2013

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

CARVALHO, Edsonina Josefa de. **Estrela do Oriente**: uma Folia de Reis do Setor Pedro Ludovico Goiânia, Goiás. 2009 126 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, 2009. Disponível em: http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=614 Acesso em: maio/2012.

CASSIANO, Célia Maria. **Memórias Itinerantes**: um estudo sobre a recriação de Folia de Reis em Campinas. 1998. 218f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade de Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

CASSIRER, Ernst. **Filosofia das formas simbólicas I**. A Linguagem. Fondo de Cultura Econômica: México, 1994.

CARMO, Maria Andréa Angelotti. **Entre safras e sonhos**: Trabalhadores rurais do sertão da Bahia à lavoura cafeeira do cerrado mineiro 1990 - 2008. Tese de Doutorado em História – PUC –SP, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1984.

CAILLOIS, Roger. O sagrado de transgressão. In: **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1988.

CATROGA, Fernando. Recordação e esquecimento. In: **Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da História**. Coimbra: Almedina, 2009, p. 11-32.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, Aline do Nascimento. **A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais**. 2008. 200f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIADE, Mircea. **"O sagrado e o profano - a essência de religião"**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FRESTON, Paul. "Breve história do pentecostalismo brasileiro". In: ANTONIAZZI, Alberto *et al.* Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 67-159.

GEERTZ, Clifford. "Ethos, Visão de mundo, e a análise de símbolos sagrados". In, **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GONÇALVES, Gabriela Marques. Religiosidade Popular e Folia de Reis. In: **Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: História e Diversidade Cultural**. Textos Completos. Realização Curso de História – ISSN 2178-1281. s/p. Disponível: <http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20%2898%29.pdf> Acesso: 31 de out. de 2013

GOMES, Ana Carolina Rios. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial: recriando as Folias de Reis. In: **VIII Seminário de Pós Graduação em Geografia da Unesp**. ISBN: 978-85-88454-15-6. Rio Claro/SP. 2008, p. 1282. Disponível em:

<http://www.rc.unesp.br/igce/simpgeo/1281-1294ana.pdf>. Acesso em: 01 de dez. de 2013.

GOMES, Paulo César da Costa. Cultura ou civilização: a renovação de um importante debate. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1999. p. 99-122.

GRAZIANO DA SILVA, José. Do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. São Paulo: Unicamp, 1996. p. 1-40.

GUIMARÃES, Rosângela Borges. **Festas: um espaço da prática social nas localidades rurais**. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 1997. 76 f.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 3 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1992. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view/340/345> Acesso: 06 de jan. de 2014.

HALL, Stuart. **A Identidade na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11a ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Vertice, 1990.

HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KATTRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Reencontros com a religiosidade brasileira: sujeitos, memórias e narrativas. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013. ISSN 1983-2850, p. 230. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf15/15.pdf>. Acesso: 23 de out. de 2013.

KODAMA, Kátia Maria Roberto de Oliveira. **Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas**. Tese (Doutorado) - Departamento de Ciências da Comunicação/ Escola de Comunicações e Artes/USP, 2009. 299 p.

KOSSOY, Boris. Os Tempos da Fotografia: o efêmero e o perpétuo. 2. ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LIMA, Nei Clara. **Pilar: um giro pelo sagrado**. Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 1990, p. 57.

MACHADO. Maria Clara Tomaz. **(Re)significações culturais no mundo rural mineiro: o carro de boi — do trabalho ao festar (1950-2000)**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 25-45 – 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade**. São Paulo: Hucitec, 2003.

MARQUES, Luana Moreira. As festas de santos reis como práticas populares brasileiras no tempo e no espaço: algumas considerações sobre a festa de

Martinésia/MG. Anais **XVI Encontro nacional dos Geógrafos**. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Espaço de diálogos e práticas. Porto Alegre/RS, 2010. ISBN 978-85-99907-02-3 Disponível em: www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=632 Acesso em 25 de julho de 2011.

MARQUES, Luana Moreira. O Catolicismo Rústico e a Festa Popular: dimensões urbanas e rurais da festa de Santos Reis no Distrito de Martinésia, In: **XXI Encontro de Geografia agrária**. Territórios em disputa: os desafios da geografia agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro. ISSN 1983-487X. Uberlândia (MG) 2012. Disponível em: http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1382_1.pdf. Acesso: 31 de out. de 2013.

MATOS, Alderi Souza de. **O desafio do neopentecostalismo e as igrejas reformadas**. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/7090.html>. Acesso em: 31 de out. de 2013.

MAUAD, Ana Maria. Imagens da Terra: fotografia, estética e história. Locus: **Revista de História**, v. 8, n. 2, Juiz de Fora, 2002.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

MENDES, Luciana Aparecida de Souza. **As Folias de Reis em Três Lagoas**: a circularidade na religiosidade popular. 143 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Grandes Dourados, UFGD. Três Lagoas, 2007.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1995.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. FILHO, Velasque. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.

MENEZES, Renata de Castro. A benção de Santo Antônio e a “religiosidade popular”. In **Estudios sobre Religión**. N. 16, dez. 2003 p. 1-6.

MULLER, Nice Lecocq. Bairros Rurais do Município de Piracicaba/SP. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n. 43, julho/1966, p. 83-130.

NASCIMENTO, Mara Regina do. **Religiosidade e cultura popular**: catolicismo, irmandades e tradições em movimento. Revista da Católica, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 119-130, 2009. Disponível em: <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/09-HISTORIA-01.pdf> Acesso em: 24 de out. de 2013.

Nora, Pierre. **Entre a Memória e História**: A problemática dos lugares. Trad: Yara Aun Houry. In: Projeto História, São Paulo. 1993

OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. O símbolo e o ex-voto em Canindé. **Revista de Estudos da Religião**. Nº3 /2003/ pp.99-107. ISSN1677-1222. Disponível em: http://www4.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_oliveira.pdf Acesso: 30 de jun. de 2013

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Expressões religiosas populares e Liturgia. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, vol. 43, fasc. 172, dez. 1983, p. 909 - 948.

OLIVEIRA, Simone Gonçalves de. A bandeira pede passagem. Folia de Reis: fé e festar entre a tradição e a modernidade. In: PEREIRA, Mabel Salgado; CAMURÇA, Marcelo Ayres. (Orgs.). **Festa e religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais**. Juiz de Fora: Templo, 2003.

PASSOS, Mauro. ROCHA, Daniel. Em tempos de pós-pentecostalismo: repensando a contribuição de Paulo Siepierski para o estudo do pentecostalismo brasileiro. In: **Revista Angelus Novus**, N° 3. 2012 p 261-290. Disponível em: <http://www.usp.br/ran/ojs/index.php/angelusnovus/article/viewArticle/143> Acesso: 31 de out. de 2013.

PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano**. (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara 2007. 521 f

PEDROSO, Carlos. **Folia de Reis: folclore encantado**. ISBN 85-900699-2-3. Uberaba, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 132p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário**. Revista Brasileira de História, n. 29, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O cotidiano da república**. Porto Alegre. Editora da UFRGS. 1990.

PESSOA, Jadir de Moraes. Mestres de Caixa e da Viola. In: **Caderno Cedes**. Campinas, vol. 27, n. 71, p. 63-83, jan./abr. 2007, p. 64. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

PESSOA, Jadir de Moraes; FÉLIX, Madeleine. **As viagens dos Reis Magos**. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

PINTO, Jorge Luiz Dias. Hoje é dia de Santos Reis: a visita do sagrado nas casas de Maringá-PR. In: **Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades** – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História**, São Paulo (14), fev. 1997. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240> Acesso em: 28 de dez. de 2013.

QUEIROZ, Maria Isaura de Pereira. **Bairros Rurais Paulistas: dinâmica das relações bairro ruralidade**. São Paulo: Duas cidades, 1973, 152p.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. **Mapeamento do protestantismo rural no lençol de cultura caipira brasileiro**. CADERNOS CERU, série 2, v. 19, n. 2, dezembro de 2008

RIBEIRO, Raimundo Marinho. **A inserção do protestantismo em Catalão**. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 1996. 34 f.

SANTOS, João Marcos Leitão. **A ordem Social em Crise**. A inserção do protestantismo em Pernambuco 1869-1891. 2008. 393f. Tese. (Doutorado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Márcia Pereira. O outro imaginado: concepções ressentidas sobre o campo. In: OPSIS. In: **Revista do Niesc**: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais. Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Catalão (GO). Vol. 2 n. 2. Jul/dez de 2002. P. 58-67.

SCOTT, Joan. A invisibilidade de experiência. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC/SP, n.16, fev.1998, p.297-325.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos da memória em terras de histórias: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (res) sentimento**: Editora da UNICAMP, 2006, pp. 37-58.

SILVA, Aline Pacheco Silva *et al.* “**Conte-me sua história**”: reflexões sobre o método de História de Vida. Mosaico: estudos em psicologia. ISSN 1982 – 1913. 2007, Vol. I, nº 1, p. 25- 35. Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/conte_me_sua_historia_reflexoes_sobre_o_metodo_de_historia_de_vida.pdf Acesso: 12 de dez. de 2013

SILVA, Juniele Martins. **Agricultura familiar e territorialidade**: as comunidades Cruzeiro dos Martírios e Paulistas no município de Catalão (GO). 2011. 171 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2011.

SOUZA DIB, Jaqueline. **O Mar Verde No Sudeste Goiano**: a região de Santo Antônio do Rio Verde. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 2001. 82 f.

SOUZA, Marlene de Fátima Duarte. **Folia de Reis em Catalão – GO**: fé, devoção, significados e sujeitos. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. Catalão. 2001.49 f, p. 8.

TEIXEIRA, João L. C. Gabriel. **Performance e Identidade**: o Estado das Artes Populares no Planalto Central do Brasil, p. 3. Disponível em: <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a48-jteixeira.pdf>

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998. Pp. 13-24.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, Florestan (Org.). **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas

conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973. p. 96-116.

VIDIGAL, Luís. **A história oral**: o que é, para que serve, como se faz. Santarém, 1993.

VIEIRA, Nair Moura. **Caracterização da cadeia produtiva da soja em Goiás**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFSC. Santa Catarina 2002. p. 12. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/83611/189338.pdf?sequence=1> Acesso 01 de maio de 2012.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Pp. 99-137.

WIRTH, Louis. Delineamento e problemas de comunidade. In: FERNANDES, Florestan (Org.). **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973. p. 83-95.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus** - um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

ANEXOS

SAÍDA DA FOLIA

01	07
Pai e Filho Espírito Santo Santos Reis desce do Céu Em hora de devoção Trazendo nossa Benção	Vamos foliões Com prazer e alegria Encontrar menino São José Santa Maria
02	08
São José que disse a Maria São João beijar o altar Santos Reis benze o caminho Para a folia passar	A bandeira vai seguindo Com a estrela do oriente Encontrar o Deus Menino Ele mesmo já recente
03	09
Deus vos salve o santo altar Que a dona da casa fez Deus vos salve bandeira santa Bandeira de Santos Reis	Adeus festeiros Eu já vou me retirar Com a bandeira dos Reis Magos É presença do lugar
04	10
Pelo sinal da Santa Cruz Pai, Filho e Espírito Santo Vamos benzer nossos corpos Prá livrar-nos de alguns quebrantos	Vos despede da bandeira Esta Imagem Sagrada Estes são os Três Reis Magos Nesta bandeira pintada
05	11
Pai, Filho e Espírito Santo Em hora de Deus amém Santos Reis está de viagem Para os lados de Belém	Santos Reis desce do Céu Dentro de um jardim de flor Abençoando as casas santas Consagrando os moradores
06	12
Deus vos salve o santo altar Com os santos que estão presentes Santos Reis desce do Céu Ele mesmo já recente	O alferes da bandeira Capitão de nossa guia Com o Divino 3 reis santos Prá seguir nossa folia

NASCIMENTO

01 Em vinte e cinco de março Que a virgem concebeu Em vinte e cinco de dezembro Que o Menino Deus nasceu	08 Ajuntaram os 3 Reis Magos E saíram caminhando A procura de Jesus Sempre a estrela indicando	15 Na frente veio Belchor Com o seu relenquinho de ouro Visitar a Menino Deus Ofereceu o seu tesouro.
02 Filho de Nossa Senhora São José arrecebeu	09 Viajaram os três unidos Em louvor de Santa Fé A procura de Jesus A Virgem Maria e São José	16 A direita veio Gaspar Com o seu arquinho na mão Visitou o Menino Deus Ele fez o seu sermão.
03 Antes de Jesus nascer Já contava a profecia Que ia nascer Menino Deus Uma estrela aparecia.	10 Rei Herodes perguntou Os três reis onde vai Visitar o Menino Deus Rei dos reis é nosso pai.	17 Mais atrás veio Baltazar Com o seu tributo na mão Lá na porta da lapinha Ele fez sua adoração.
04 A meia noite de Natal Na hora que Jesus nasceu No céu fulgurante e pura Uma estrela apareceu.	11 Rei Herode retrucou Isto não pode ser assim Até hoje não acredito Quem tem outro acima de mim.	18 Nossa Senhora abençoou Na lapinha de Jesus Dando a mão aos três Reis Dando a eles uma benta luz.
ANOITE QUÊ JESUS NASCEU Na noite que Jesus nasceu Foi nascido em Belém Deus mandou a estrela avisar Os pastores e os magos também.	12 Belchor Quando foi um bebê lá Da jornada ao fim chegou Em frente uma estrebaria A estrela assim parou	19 Eis humilde nascimento Dos mistérios mais profundo Por Ele abate o céu Treme o inferno salva o mundo
06 Estrela nova brilhava Mais do que as outras porém Caminhava, caminhava Para o lado de Belém	13 Os galos anunciavam Ao passar da madrugada Encontraram o Deus Menino E a Virgem Maculada	20 Pai, Filho e Espírito Santo Nas horas de Deus amém Viva os Três Reis Santo E os festeiros também.
07 Rei Belchor chamou Baltazar Baltazar chamou Gaspar A lapinha de Belém É que iam visitar	14 Ajoelharam e rezaram Humilde posto ao chão Vamos beijar Deus Menino E salvar a pequena mão	

COROAÇÃO

01 Os anjos lá no Céu Estão cantando de alegria Ajudando os Três Reis adorar O Filho da Virgem Maria	07 A minha nobre senhora Já fizemos devoção Para ser imperatriz Desta Santa Devoção
02 Nós devemos adorar Com grande fé e amor Quem festeja Santos Reis Festeja nosso Senhor	08 Meu nobre festeiro novo Aceitai meus parabéns Que vai ser nosso festeiro Para o ano que vem
03 Por esta bonita ação E que entre nós ficou O uso de festejar Jesus Cristo abençoou	09 Meu nobre festeiro velho Desta santa devoção Está entregue vossa folia Jesus Cristo pois benção
04 Eu peço vos aceitar As coroas que lhe ofereço A benefício do festejo Deste Santo eu agradeço	10 Fica aqui o meu abraço E de todos os foliões Até o ano que vem Prá quem deus deu permissão
05 O Festeiro e a Festeira Pode entregar as coroas Que no fim deste festejo Jesus Cristo lhe abençoa	11 Acabamos dando viva Santos reis e todo povo Viva o festeiro velho Viva o festeiro novo
06 O meu nobre cidadão A quem pedimos tanto Vai ser nosso imperador Do festejo deste Santo	

CHEGADA DA FOLIA

<p style="text-align: center;">01</p> <p>Hora viva, hora viva Hora viva de alegria Vamos nobres foliões Entregar nossa folia.</p>	<p style="text-align: center;">07</p> <p>Deus vos salve este altar Que a dona da casa fez Com a santa devoção A espera dos três reis.</p>
<p style="text-align: center;">02</p> <p>Deus vos salve o belo encontro Do rei com a rainha Vamos todos louvar O Menino na lapinha.</p>	<p style="text-align: center;">08</p> <p>Vou pedir nosso alfero Representante do lugar Colocar os Três Reis Santo Em cima do altar</p>
<p style="text-align: center;">03</p> <p>Deus vos salve o primeiro arco Que encontrei nesta folia Anunciando a Santa Morada Do Menino de Maria.</p>	<p style="text-align: center;">09</p> <p>Aí está nosso festeiro Com a bandeira na mão Deposita no altar Com a santa devoção.</p>
<p style="text-align: center;">04</p> <p>Deus vos salve o segundo arco Que encontrei nesta jornada Com muita fé e devoção A virgem imaculada.</p>	
<p style="text-align: center;">05</p> <p>Este é o terceiro arco Que anuncia o nascimento Vamos encontrar a São José Jesus Cristo no calis bento.</p>	
<p style="text-align: center;">06</p> <p>Deus vos salve porta florida No encontro deste festeiro A folia dos Reis Magos Encontrarão Deus verdadeiro.</p>	

Santo Antônio do Rio Verde, 09 de Julho de 2011

Ilmo. Sr.

TENENTE CORONEL LEMOS

DD Superintendente do Corpo de Bombeiros de Catalão – GO

Eu, Pe. Ivanilton Ferreira da Silva, msj, administrador paroquial da Igreja Católica de Santo Antônio do Rio Verde, portador do CPF 055.173.436-19, venho através deste, solicitar ao Exmo. Tenente Coronel Lemos, Superintendente do Corpo de Bombeiros de Catalão, a liberação de um alvará que autorize a realização de nossa Tradicional Festa de Santos Reis, que acontecerá entre os dias 8 e 10 de setembro do presente, na quadra ao lado da Igreja, localizada na Comunidade Martírios, nesta área distrital. Este evento, de cunho beneficente, tem o intuito de angariar fundos para a manutenção e possíveis melhorias de nossa Comunidade – e, além disso, propiciar às nossas famílias um encontro devocional e restaurador da fé. Certo de poder contar com a vossa colaboração, atenciosamente agradeço-lhe.

Pe. Ivanilton Ferreira da Silva, msj
Administrador paroquial da Igreja Católica
de Santo Antônio do Rio Verde

Santo Antônio do Rio Verde, 09 de Julho de 2011

Ilmo. Sr.

Dr. ANTENOR EUSTÁQUIO BORGES ASSUNÇÃO

DD Juiz de Direito da Comarca de Catalão - GO

Eu, Pe. Ivanilton Ferreira da Silva, msj; administrador paroquial da Igreja Católica de Santo Antônio do Rio Verde, portador do CPF 055.173.436-19, venho através deste, pedir ao Exmo. Dr. Antenor Eustáquio Borges Assunção, Juiz de Direito da Comarca de Catalão, a liberação de um alvará que autorize a realização de nossa Tradicional Festa de Santos Reis, que acontecerá entre os dias 8 e 10 de setembro do presente, na quadra ao lado da Igreja, localizada na Comunidade Martírios, nesta área distrital. Este evento, de cunho beneficente, tem o intuito de angariar fundos para a manutenção e possíveis melhorias de nossa Comunidade – e, além disso, propiciar às nossas famílias um encontro devocional e restaurador da fé. Certo de poder contar com a vossa colaboração, atenciosamente agradeço-lhe.

Pe. Ivanilton Ferreira da Silva, msj
Administrador paroquial da Igreja Católica
de Santo Antônio do Rio Verde

Santo Antônio do Rio Verde, 09 de julho de 2011

Elmo. Sr.

CARLOS CÉZAR DO NASCIMENTO

DD Secretário de Meio Ambiente

Eu, Pe. Ivanilton Ferreira da Silva, msj, administrador paroquial da Igreja Católica de Santo Antônio do Rio Verde, portador do CPF 055.173.436-19, venho através deste, solicitar ao Exmo. Sr. Carlos Cézar do Nascimento, Secretário de Meio Ambiente de Catalão, a liberação de um alvará que autorize a realização de nossa Tradicional Festa de Santos Reis, que acontecerá entre os dias 8 e 10 de setembro do presente, na quadra ao lado da Igreja, localizada na Comunidade Martírios, nesta área distrital. Este evento, de cunho beneficente, tem o intuito de angariar fundos para a manutenção e possíveis melhorias de nossa Comunidade – e, além disso, propiciar às nossas famílias um encontro devocional e restaurador da fé. Certo de poder contar com a vossa colaboração, atenciosamente agradeço-lhe.

Pe. Ivanilton Ferreira da Silva, msj
Administrador paroquial da Igreja Católica
de Santo Antônio do Rio Verde

Santo Antônio do Rio Verde, 09 de julho de 2011

Ilmo. Sr.

TENENTE CORONEL FEITOZA

DD Comandante do 18º Batalhão da Polícia Militar

Eu, Pe. Ivanilton Ferreira da Silva, msj, administrador paroquial da Igreja Católica de Santo Antônio do Rio Verde, portador do CPF 055.173.436-19, venho através deste, solicitar ao Exmo. Sr Tenente Coronel Feitoza, Comandante do 18º Batalhão da Polícia Militar de Catalão, a liberação de um alvará que autorize a realização de nossa Tradicional Festa de Santos Reis, que acontecerá entre os dias 8 e 10 de setembro do presente, na quadra ao lado da Igreja, localizada na Comunidade Martírios, nesta área distrital. Este evento, de cunho beneficente, tem o intuito de angariar fundos para a manutenção e possíveis melhorias de nossa Comunidade – e, além disso, propiciar às nossas famílias um encontro devocional e restaurador da fé. Certo de poder contar com a vossa colaboração, atenciosamente agradeço-lhe.

Pe. Ivanilton Ferreira da Silva, msj
Administrador paroquial da Igreja Católica
de Santo Antônio do Rio Verde

Santo Antônio do Rio Verde, 09 de julho de 2011

Exmo. Sr.
Velomar Gonçalves Rios
DD Prefeito do Município de Catalão

Eu, Pe. Ivanilton Ferreira da Silva, msj, administrador paroquial da Igreja Católica de Santo Antônio do Rio Verde, portador do CPF 055.173.436-19, venho através deste, solicitar ao Exmo. Sr Prefeito, Velomar Gonçalves Rios, a liberação de um alvará que autorize a realização de nossa Tradicional Festa de Santos Reis, que acontecerá entre os dias 8 e 10 de agosto do presente, na quadra ao lado da Igreja, localizada na Comunidade Martírios, nesta área distrital. Este evento, de cunho beneficente, tem o intuito de angariar fundos para a manutenção e possíveis melhorias de nossa Comunidade – e, além disso, propiciar às nossas famílias um encontro devocional e restaurador da fé. Certo de poder contar com a vossa colaboração, atenciosamente agradeço-lhe.

Pe. Ivanilton Ferreira da Silva, msj
Administrador paroquial da Igreja Católica
de Santo Antônio do Rio Verde

COMUNIDADE CRUZEIRO DOS MARTÍRIOS
Distrito Sto. Antônio do Rio Verde.
Município de Catalão, Goiás

Catalão, 12 de julho de 2011

ASSUNTO: Colaboração para o Centro Comunitário Cruzeiro dos
Martírios

Exmo. Sr.

Os festeiros de 2011, empenhados para a realização da Festa de Santos Reis no período de 8 a 10 de setembro de 2011, gostariam de contar com a ajuda desta conceituada Empresa, na doação de materiais civis para melhoramentos que o Centro Comunitário está necessitando, conforme pode ser visto nas fotos em anexo

Aproveitamos o ensejo para convidá-los para a festa

Vanderlei Rabelo de Sousa
Maria Paulino de Castro
Festeiros

À _____
Nesta

COMUNIDADE CRUZEIRO DOS MARTÍRIOS
Distrito Sto. Antônio do Rio Verde.
Município de Catalão, Goiás

Catalão, 12 de julho de 2011

ASSUNTO: Colaboração para a Festa de Santos Reis de 2011

Exmo. Sr.

Os festeiros, empenhados na realização da Festa de Santos Reis no período de 8 a 10 de setembro de 2011, gostariam de contar com a

ajuda desta conceituada Empresa de gêneros alimentícios (Supermercado São João), para doção de mantimentos para alimentação da Comissão de festa durante o evento.

Aproveitamos o ensejo para convidá-los para a festa

Vanderlei Rabelo de Sousa
Maria Paulino de Castro
Festeiros

À _____
Nesta